UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSANE SOUSA STANISZEWSKI

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS POLONESAS EM SÃO MATEUS DO SUL, PARANÁ

CURITIBA
2014

ROSANE SOUSA STANISZEWSKI

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS POLONESAS EM SÃO MATEUS DO SUL, PARANÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Rolkouski

CURITIBA
2014

S786i Staniszewski, Rosane Sousa
Uma investigação sobre o ensino da matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul, Paraná / Rosane Sousa Staniszewski. – Curitiba, 2014.
179f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática, 2014.

Orientador: Emerson Rolkouski.

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Imigração Polonesa - Paraná - História. 3. Poloneses - São Mateus do Sul (PR). I. Universidade Federal do Paraná. II. Rolkouski, Emerson. III. Título.

CDD: 510.7109862

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

PARECER

Defesa de Dissertação de **ROSANE SOUSA STANISZEWSKI,** intitulada **"UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS POLONESAS EM SÃO MATEUS DO SUL, PARANÁ"**, para obtenção do Título de Mestra em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, a candidata acima citada. Procedida a arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que a candidata está **apta ao Título** de **MESTRA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIAÇÃO
Prof. Dr. Emerson Rolkouski (orientador)		APROVADA
Profª. Drª. Rosinéte Gaertner		Aprovada
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna		Aprovado

Curitiba, 28 de Fevereiro de 2014.

Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
1912
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
Coordenação de Pós-Graduação

À memória de todos os imigrantes poloneses que,

com bravura, conquistaram seu espaço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial a minha filha Gabrielle, que sempre me apoiou; ao meu companheiro Gilberto e aos nossos meninos: Guilherme e Otávio, pelo carinho e compreensão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Emerson Rolkouski, pela paciência e confiança e por me fazer compreender que uma pesquisa só terá valido a pena se ela for capaz de mudar o seu pesquisador.

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Educação Matemática Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, por seus ensinamentos e pareceres relevantes.

À Professora Dra. Rosinéte Gaertner, por aceitar o convite para compor a banca e realizar valiosas contribuições a este trabalho.

À Professora Dra. Luciane Mocrosky, por sua atenção e solicitude.

Aos entrevistados que dispuseram do seu precioso tempo para relembrar seus dias de infância e escola.

Aos colegas de pós-graduação: Lucila, Sheila, Nelem, Alex, Diego, Henrique, Suellen, Brunna e Alessandra, pelo companheirismo e amizade.

As minhas amigas Zuleica A. Cabral e Andréia R. Gomes que me incentivaram desde quando tudo era apenas um sonho.

À Capes, pelo auxílio financeiro para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais e por todos aqueles, amigos e parentes, que de uma forma ou outra contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço, finalmente a Deus, pela sabedoria, inspiração e proteção.

No Pé do Vento

(***Maria Gadú***)

Mais uma página do mesmo livro
Mais uma parte da mesma história
Mais uma telha do mesmo abrigo
Mais uma bênção da mesma glória.

Mais uma ruga do mesmo riso
Mais uma estrela do mesmo breu
Mais uma cena do mesmo circo
Mais uma face do mesmo eu.

A gente vive a história, vive a gente
Vive a história, vive a gente.
A gente vive a história, vive a gente
Vive a história, vive a gente.

Sou pássaro no pé do vento
Que vai voando a esmo em plena primavera
Cantando eu vivo em movimento
E sem ser mais do mesmo
Ainda sou quem era.

RESUMO

São Mateus do Sul (PR) é uma cidade de colonização predominantemente polonesa e que procura resgatar suas origens com a realização de eventos como festas, bailes, jantares e outras atividades. Porém, pouco se fala a respeito do ensino na época da colonização. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa consiste em investigar vestígios históricos da educação, em particular da Matemática escolar nesta cidade, no período que abrange desde a chegada dos imigrantes poloneses ao Brasil, no final do século XIX, até o momento posterior à nacionalização do ensino, em 1938, quando Getúlio Vargas proibiu as escolas étnicas no Brasil. Foram analisados documentos escritos e coletados quatro depoimentos orais, tratados de acordo com pressupostos metodológicos da História Oral. Igualmente, realizou-se um levantamento de questões relativas à chegada e à colonização destes imigrantes ao Brasil, assim como elementos acerca da estrutura e funcionamento das primeiras escolas e Sociedades-Escolas polonesas, estabelecidas em um período em que os imigrantes procuravam organizar-se de maneira mais efetiva nas novas colônias. Deu-se destaque às atas e dados dos primeiros professores dessas instituições, e a aspectos relativos à Matemática retirados de um caderno de 1944. Através da memória das depoentes, as peças foram sendo unidas em um grande quebra-cabeça, que trouxe à luz informações importantes de como era o ensino da disciplina naquela época. Ciente de que, apesar dos esforços, este jogo sempre permanecerá inacabado, a pesquisa desenvolvida buscou contribuir com subsídios para compor um cenário geral da educação e da cultura polonesas nesta região, inserida no contexto mais amplo da História da Educação Matemática Brasileira.

Palavras-chave: Educação Matemática. História da Educação Matemática. História oral. Nacionalização do ensino. Escolas polonesas.

ABSTRACT

São Mateus do Sul (PR) is a predominantly Polish city by colonization and that seeks to uncover their origins making events such as parties, dances, dinners and other activities. However, a little is said about the teaching in colonization time. So, the objective of this research consists in investigate the history artifacts of education, particularly the mathematic in this city, which covers the period from the arrival of Polish immigrants in Brazil in the end of nineteenth century, until the time after the nationalization of teaching, in 1938, when Getúlio Vargas banned ethnic schools in Brazil. Written documents were analyzed and four oral testimonies were collected according to methodological assumptions of Oral History. A survey of issues related to the arrival and colonization of these immigrants to Brazil was carried out, as well as elements on the structure and operation of the first schools and Polish Societies-Schools, established in a period when immigrants sought to organize themselves in a more effective way in the new colonies. Minutes and information from the first teachers of these institutions, and mathematics aspects taken from a book of 1944 received more emphasis'. Through the memory of the interviewees, the pieces were being connected in a great puzzle that has brought to light important information about how was the teaching of the discipline at that time. Aware that, despite efforts, this game will always remain unfinished, the research developed sought to contribute subsidies to compose a general education scenario and Polish culture in this region, in the wider context of the history of Brazilian Mathematics Education.

Keywords: Education Mathematics. History of Mathematics Education. Oral history. Nationalization of education. Polish schools.

ABSTRAKT

Sao Mateus do Sul (Parana) to miejscowość kolonizowana głównie przez Polaków, w której kultywuje się tradycje polskie poprzez organizowanie festynów, bali, kolacji i inne inicjatywy. Mało się jednakże mówi o szkolnictwie w czasach kolonizacji. Z tego też powodu, praca ta skupiła się głównie na źródłach historycznych w edukacji, w szczególności nauczaniu matematyki w szkole w tym mieście, w okresie, który obejmuje przybycie polskich imigrantów do Brazylii pod koniec XIX wieku, do nacjonalizacji nauczania w 1938 roku, kiedy to Getulio Vargas zakazał istnienia szkół etnicznych w Brazylii. Przeanalizowano dokumenty pisane i zebrano cztery wypowiedzi ustne, poddane obróbce zgodnie z procedurami metodologicznymi historii mówionej. Omówiono zagadnienia związane z przybyciem polskich imigrantów do Brazylii, oraz ze strukturą i funkcjonowaniem polskich szkół i stowarzyszeń szkolnych, powstałych w czasie, kiedy imigranci organizowali pierwsze kolonie. Zwrócono szczególną uwagę na sprawozdania i notatki sporządzone przez pierwszych nauczycieli pracujących w tych instytucjach i aspekty związane z matematyką znajdujące się w jednym z zeszytów z 1944 roku. Dzięki wspomnieniom rozmówców, części zostały połączone w wielką układankę, która ujawnia istotne informacje dotyczące struktury nauczanie matematyki w owych czasach. Mając świadomość, że pomimo starań, historia ta nigdy nie będzie do końca zbadana, praca miała na celu włączenie się w ogólny kontekst szkolnictwa i kultury polskiej w tym regionie jak i w szerszy historyczny kontekst nauczania matematyki w Brazylii.

Słowa kluczowe: Nauczanie Matematyki. Historia Nauczania Matematyki. Historia mówiona. Nacjonalizacja nauczania. Polskie szkoły.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DE SÃO MATEUS DO SUL.....26
FIGURA 2 - IRMÃ DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULA E ALUNOS.....
[19 -].....40
FIGURA 3 - SOCIEDADE-ESCOLA EM BARRA FEIA, 1927 (ATUALMENTE
FLUVIÓPOLIS).....49
FIGURA 4 - SOCIEDADE DA COLÔNIA TAQUARAL, 1921.....51
FIGURA 5 - PROFESSORA ANGÉLICA SKALSKI E ALUNOS EM FRENTE À
ESCOLA DO TAQUARAL ,1921.....51
FIGURA 6 - ATA DA SOCIEDADE DA COLÔNIA IGUAÇU.....53
FIGURA 7 - PADRE JAKUB WRÓBEL..... 55
FIGURA 8 - SOCIEDADE CASIMIRO PULASKI, 1920.....57
FIGURA 9 - PRÉDIO DA ANTIGA SOCIEDADE CASIMIRO PULASKI.....58
FIGURA 10 - SOCIEDADE CASIMIRO PULASKI E O GRUPO POLONÊS “JUNAK”,
1920.....59
FIGURA 11 - GRUPO TEATRAL LYRA E SUAS FANTASIAS.....59
FIGURA 12 - LÁPIDE DO PROFESSOR JÓSEF ISSAKOWICZ.....65
FIGURA 13 - PROFESSOR JÓSEF ISSAKOWICZ.....66
FIGURA 14 - SOCIEDADE AGRÍCOLA E ESCOLAR DO EMBOQUE
ATUALMENTE.....68
FIGURA 15 - CORTINA DE MADEIRA ROLÔ DO PALCO DO TEATRO DA
SOCIEDADE DO EMBOQUE.....69
FIGURA 16 - CARTEIRA DE MADEIRA DA SOCIEDADE.....69
FIGURA 17 - QUADRO COM IMAGEM DE GETÚLIO VARGAS E PALCO DO
TEATRO DA SOCIEDADE.....71
FIGURA 18 - AMPLIAÇÃO DO QUADRO COM A IMAGEM DE GETÚLIO
VARGAS.....71
FIGURA 19 - NATÁLIA MRÓZ – 96 ANOS.....93
FIGURA 20 - ANTIGO “COLÉGIO DAS IRMÃS” EM MADEIRA.....94
FIGURA 21 - DANUTA BRONGIEL JANOSKI.....99
FIGURA 22 - SOPHIA JANOSKI ZIMNY DE 100 ANOS.....106

FIGURA 23 - ADELAIDE LEONARCZYK KOTRICH.....115
FIGURA 24 - FOTO DAS IRMÃS VICENTINAS COM SEUS ALUNOS EM FRENTE AO PRÉDIO DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO (COLÉGIO DAS IRMÃS. [19--]).....117
FIGURA 25 - FOTO DO PROFESSOR FRANCISZEK HANAS TIRADA EM 1910.....130
FIGURA 26 - PÁGINA DO CADERNO DE LEONARDO KRUCHELSKI 1.....138
FIGURA 27 - PÁGINA DO CADERNO DE LEONARDO KRUCHELSKI 2.....139
FIGURA 28 - PÁGINA DO CADERNO DE LEONARDO KRUCHELSKI 3.....140
FIGURA 29 - PÁGINA DO CADERNO DE LEONARDO KRUCHELSKI 4.....141
FIGURA 30 - PÁGINA DO CADERNO DE LEONARDO KRUCHELSKI 5.....141
FIGURA 31 - PÁGINA DO CADERNO DE LEONARDO KRUCHELSKI 6.....142
FIGURA 32 - PÁGINA DO CADERNO DE LEONARDO KRUCHELSKI 7.....143

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS POLONESES NO BRASIL EM 1934 20

QUADRO 2 - RELAÇÃO DE ALGUMAS ESCOLAS POLONESAS EM SÃO MATEUS DO SUL NO INÍCIO DE 1924 ASSOCIADAS À KULTURA, OSWIATA OU ISOLADA 47

QUADRO 3 - LOCALIDADES EM SÃO MATEUS DO SUL COM ESCOLAS POLONESAS EM 1937 E RESPECTIVOS PROFESSORES. 48

QUADRO 4 - SITUAÇÃO DAS ESCOLAS POLONESAS POR MUNICÍPIO, NO ANO DE 1937 77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
2 A VINDA DOS POLONESES AO BRASIL 17
3 A CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL 24

3.1 FUNDAÇÃO E LOCALIZAÇÃO 24

3.2 HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO POLONESA 26

4 A CRIAÇÃO DAS ESCOLAS POLONESAS 31

4.1 NO PARANÁ 31

4.2 EM SÃO MATEUS DO SUL 45

4.2.1 As Sociedades-Escolas 45
4.2.2 Sociedades-Escolas das Colônias Taquaral, Cachoeira e Iguaçu 49
4.2.3 Escola da Colônia de Água Branca 54
4.2.4. Sociedade-Escola Casimiro Pulaski 57
4.2.4.1 Professores da Sociedade Casimiro Pulaski 64
4.2.5 Sociedade Agrícola e Escolar do Emboque 67
4.2.6 Arremate 70

5 NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO 73
6 HISTÓRIA ORAL DE VIDA 83

6.1 A BUSCA POR DOCUMENTOS 83

6.2 ESCOLHA DA METODOLOGIA 86

7 DEPOIMENTOS 93

7.1 NATÁLIA MRÓZ 93

7.2 DANUTA BRONGIEL JANOSKI 99

7.3 SOPHIA JANOSKI ZIMNY 105

7.4 ADELAIDE LEONARCZYK KOTRICH 115

8 E A MATEMÁTICA...ONDE FICA NESSA HISTÓRIA TODA? 129

8.1 ARITMÉTICA – ***"Era tudo muito símples..."*** **..... 129**

8.2 UMA RELÍQUIA: O CADERNO DE ESCOLA DE 1944 DE LEONARDO KRUCHELSKI 137

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS 144

REFERÊNCIAS 149
ANEXO 155

1 INTRODUÇÃO

A cultura de um povo é, muitas vezes, marcada pelo sotaque, o jeito de vestir, o jeito de falar, os traços no rosto, os olhos, a cor de pele, a raça, a morada. Viver em uma cidade considerada pequena (cerca de 42 mil habitantes) como São Mateus do Sul é presenciar tais marcas deixadas pelo imigrante polonês, nas quais se fazem presentes as tentativas de preservar as histórias vividas nas conversas em rodas de chimarrão, às casas de madeira tombadas e decoradas com lambrequins[1]. Esses imigrantes trouxeram junto aos lambrequins gotas de lágrimas que caíam do rosto de um povo sofrido, porém sempre esperançoso.

Como educadora matemática, tive muitos alunos descendentes de poloneses, com traços ou não – muitas vezes já miscigenados –, mas que traziam nos sobrenomes o peso da ascendência. Essas raízes enredadas na vida de tantos sãomateuenses e na vida de tantos alunos foi o fio condutor desta pesquisa. Dessa forma, traçamos como objetivo investigar rastros da história da Educação e da Matemática escolar deixada pelos poloneses na cidade de São Mateus do Sul (PR), em um recorte que compreende desde a colonização no início do século XX, perpassa o período em que as escolas étnicas foram proibidas e fechadas pelo governo de Getúlio Vargas, no final dos anos 30, até o fim de seu governo em 1945. Buscamos desvendar como foram instauradas nessa região as primeiras escolas polonesas, de que forma os professores lecionavam na época e quais conteúdos matemáticos eram ensinados.

Há muitos esforços para se preservar a cultura desse povo – festas, jantares, carreatas, grupos folclóricos, programa dominical na rádio –, mas há pouquíssimos registros quanto ao ensino nas escolas da época da colonização dos poloneses, e apenas a construção de uma delas ainda permanece erguida.

Relatamos a situação em que o imigrante polonês chegou ao Brasil e como fundou as primeiras escolas em seu novo país para compreendermos melhor as dificuldades pelas quais eles passaram. Abordamos aspectos acerca de algumas Sociedades-Escolas polonesas que funcionavam como escolas particulares durante

[1] Ornamentos de madeira que os poloneses colocavam nos beirais das casas quando viviam na Europa para dissimular a neve que caía do telhado.

a semana e, nos fins de semana, promoviam-se encontros e bailes para auxiliar na arrecadação de fundos para o pagamento dos professores. Realizamos, também, o levantamento de algumas atas e de pessoas que foram professores nesses lugares. Procurando materiais relacionados à educação de modo geral e em particular à Matemática escolar, descobrimos que pouquíssimos deles foram guardados, todavia encontramos nas narrativas de quatro depoentes alguns registros que complementaram esses materiais.

Nem todas as lacunas foram preenchidas, contudo, valemo-nos das ferramentas da história oral como uma prática de elaboração de documentos através da coleta de depoimentos para auxiliar a preencher esses espaços em branco e investigar como era o ensino da Matemática. Por conseguinte, esperamos contribuir com subsídios para um mapeamento da História da Educação Matemática na região de São Mateus do Sul (PR) e, consequentemente, para a História da Educação Matemática brasileira.

2 A VINDA DOS POLONESES AO BRASIL

"O homem sem terra esmorece,
como a árvore arrancada do solo."
(WACHOWICZ, 1971, p.67)

Para compreender como ocorreu a organização das escolas particulares dos imigrantes poloneses acreditamos ser importante, primeiramente, atentar para o movimento da inserção deste povo no Brasil.

A partir do século XIX, houve nos países ocidentais da Europa um grande crescimento demográfico. Em 1800 a população europeia era de 180.000.000 de habitantes, passando para 460.000.000 perto da Primeira Guerra Mundial, em 1914 (WACHOWICZ, 1970). Como muitas pessoas estavam insatisfeitas com as condições de vida naquele momento, os movimentos emigratórios da Europa para as terras despovoadas da América tiveram grande impacto, levando milhões a deixarem suas pátrias em busca de um lugar melhor para se viver.

Além do alto índice demográfico, outras causas levaram esses povos a imigrar, tais como a falta de terras para os colonos e seus descendentes e as perseguições políticas e religiosas. As estruturas agrárias também eram ineficientes, provocando o êxodo rural para as cidades industrializadas, as quais já estavam com altos índices de desemprego fazendo barata a mão-de-obra braçal, "tratando-a como objeto e não como sujeito" (HESSEL, 1970, p.15) e impossibilitando o povo de qualquer ascensão almejada.

No caso específico da Polônia, para entender a trajetória desse imigrante até o Brasil, é importante tentar compreender o contexto no qual o povo polonês estava inserido e os caminhos percorridos até se fixar nas terras brasileiras. A Polônia foi invadida em 1773 pelas monarquias da Prússia, da Rússia e da Áustria, que aspiravam enfraquecer o regime polonês (WACHOWICZ, 1970). Na região dominada pela Prússia, o maior incentivo para a imigração na época foi o agrário. Houve uma tentativa de divisão das propriedades, mas estas foram retalhadas em partes muito pequenas, impedindo o agricultor polonês de prosperar com suas famílias que normalmente eram numerosas. Paralelamente a isso, a intenção dos alemães era

excluir de vez a língua polonesa, obrigando as escolas primárias, normais e secundárias a ensinarem alemão para que as crianças esquecessem da língua pátria, inclusive nos órgãos públicos também fora imposto o uso apenas da língua alemã, modificando assim os nomes de ruas, praças e até nomes e sobrenomes de pessoas. Nos territórios de domínio russo e austríaco, a situação era semelhante, porém com o diferencial de a circunstância agrária ser pior, o que levou a um enorme desemprego e baixo índice cultural da população.

Para se defenderem de tal conjuntura, os poloneses criaram um conceito de valores nacionais e culturais, na tentativa de preservar suas origens. Preservaram especialmente sua religião e os centros religiosos (IAROCHINSKI,1999).

Na região de domínio austríaco (parte da Silésia e a Galícia) o panorama era reiterado como nas outras regiões de dominações. Havia menos repressão, porém a má administração impedia o camponês de melhorar de vida, favorecendo o atraso econômico e social que era prevalecente nesses locais.

Além das causas supracitadas, cabe ressaltar que os principais motivos da imigração polonesa foram a fome, a miséria e a perseguição racial, política e religiosa, que insidiam naquele momento. Sabendo que países da América prometiam liberdade e terras para os imigrantes plantarem, atravessaram o Atlântico em busca desse Novo Mundo. Na esperança de encontrarem melhores condições de vida, o polonês poderia obter um pedaço de terra do qual tiraria o sustento para a família e dar aos filhos as terras como dotes.

Além disso, com o fim do tráfico de escravos negros para o Brasil a partir da Lei Eusébio de Queiróz (1850) e posteriormente com o advento da abolição da escravatura (1888), houve carência de mão de obra no Brasil. O país necessitava de novas alternativas, de trabalhadores para as fazendas de café e para a construção de ferrovias, especialmente em São Paulo. Havia também o intuito de criar núcleos de colônias que povoassem principalmente as terras desabitadas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Dessa forma, o governo brasileiro enviou à Europa agentes brasileiros para trazer europeus e colonizar o país, pagando às companhias de navegação cerca de 120 francos por pessoa, metade do valor se fossem crianças entre 8 a 12 anos e um quarto se fossem inferior a essas idades (HEMPEL, 1973). O governo brasileiro pagava as passagens aos imigrantes e prometia demarcar as terras para colonizarem.

Espalharam-se panfletos e propagandas pela Europa contando as vantagens oferecidas pelo Brasil e realizando promessas que acabavam por abusar da péssima situação e ingenuidade do camponês, afirmando que o Brasil era a "continuação do paraíso bíblico" (WACHOWICZ[2], 1970, p.31), dando a entender que o Brasil seria uma Nova Polônia, com frutas abundantes e clima tropical. Alguns diziam que aqui encontrariam ouro e diamantes, "havia quem costurasse sacos para guardar as preciosidades" (HEMPEL, 1973, p.19). Sabendo do temor que os imigrantes tinham em atravessar o mar, chegavam a espalhar boatos de que uma ponte estava sendo construída para atravessar o Oceano. Também difundiam-se folhetos de propagandas do Paraná, nos quais surgiu até mesmo uma lenda envolvendo essas terras:

> Dizia a lenda que o Paraná até então estava encoberto por névoas e ninguém sabia de sua existência. Era uma terra em que corria leite e mel. Então a Virgem Maria, madrinha e protetora da Polônia, ouvindo os apelos que o sofrido camponês polonês lhe dirigia, dispersou o nevoeiro e predestinou-lhe o Paraná. Tal decisão a Virgem Maria havia comunicado ao Papa, o qual sensibilizado pelo destino da cristandade polonesa convocou todos os reis e imperadores da terra, para sortear a posse de tal território. Por três vezes consecutivas foi tirada a sorte, e sempre o Papa era o contemplado. Então o Papa solicitou ao Imperador brasileiro que distribuísse essas terras aos poloneses, para que a tivessem à fartura e ali pudessem viver felizes, expandindo o seu cristianismo. (WACHOWICZ, 1970, p.37).

O período entre 1890 e o início da Primeira Guerra Mundial foi cognominado de "febre brasileira" (*goraczka brasylijska*), por ter constituído a época em que ocorreu a maior leva de grupos étnicos poloneses procedentes ao Brasil, sendo esta corrente imigratória umas das mais fortes a se estabelecer no sul do país. Estima-se que entre 1869 a 1934 tenham vindo para o Brasil quase cento e vinte mil imigrantes poloneses, assim distribuídos:

---

[2] Sempre que aparecer as referências de Wachowicz do ano de 1984 estarão relacionadas ao professor Romão Wachowicz, nascido em Araucária em 1907. Todas as outras datas serão referências de seu filho Ruy Christowam Wachowicz, professor, doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Natural de Itaiópolis/SC, nasceu em 26 de maio de 1936. Dedicou-se ao estudo do tema ligado à colonização polonesa em terras do Paraná; produziu vários artigos e livros. Coordenou a organização do "Almanaque Polonês". Faleceu em Curitiba em 19 de agosto de 2000. Informações disponíveis em: http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=19. Acesso em 26/12/2013.

Quadro 1 – Distribuição dos poloneses no Brasil em 1934

Paraná	49.415
Rio Grande do Sul	41.513
Santa Catarina	6.750
Outros Estados	21.500
Total	119.178

FONTE: IAROCHISNKI, 2000

Em contrapartida, o governo brasileiro não se organizou para tamanho fluxo de imigrantes, tendo se preparado para receber apenas 10% do total que vieram, por isso por volta do ano de 1895 houve um período de total desorganização e desrespeito a essas pessoas (WACHOWICZ, 1970). Convém destacar que os imigrantes já eram explorados por aqueles que auxiliavam na travessia e por fiscais. Nos navios, eram jogados em porões úmidos e escuros, com camas enfileiradas ou dormiam no chão, sem condições de higiene, sem ventilação, com comida e água horrível, as quais ao final da viagem já estavam putrefatas. Muitos levavam mais de três meses para chegar ao destino, outros não aguentavam, ficavam doentes e morriam durante a viagem.

Ao chegar ao Brasil, desembarcavam na ilha de Flores, na baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Neste local deveriam passar pela quarentena antes de serem destinadas as suas localidades. O agravante é que onde cabiam 2.000 pessoas, ficavam 5.000 em condições precárias, sob corrupção de funcionários, desvio de mantimentos, falta de água para o consumo. Neste local ficavam abarrotados por cinco semanas aproximadamente até serem transferidos às colônias. Nessas condições surgiram as epidemias de febre amarela e tifo[3], aumentando o óbito desses

[3] O tifo epidêmico, popularmente chamado simplesmente de tifo, é uma doença epidêmica transmitida pelo piolho humano do corpo e causada pela bactéria *Rickettsia prowazekii*. Atualmente, o termo tifo também pode designar uma série de doenças infecciosas agudas, causadas por *rickettsias*, caracterizadas por dores de cabeça, calafrio, febre, dor no corpo e nas articulações, manchas vermelhas e toxemia (substâncias tóxicas no sangue), que duram cerca de duas ou três semanas. Epidemias da doença quase sempre estão relacionadas a fatores de ordem social, como falta de higiene e pobreza extrema, razão pela qual são comuns em períodos de guerra e escassez de água, campos de refugiados, prisões, campos de concentração e navios. Disponível em: http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=758&sid=8. Acesso em 20/11/2013.

imigrantes. A ilha ficou conhecida na época como “cemitério de imigrantes” (WACHOWICZ, 1970, p. 42).

Após os quarenta dias eram destinados aos locais de permanência. Contudo encontraram outro problema, as terras de matas virgens ainda não estavam demarcadas, devido a isso ficavam instalados provisoriamente em barracões, alguns esperaram até oito meses para poder construir uma casa e abrigar suas famílias. Neste período, em muitas localidades o tifo fazia até cinco mortos por dia, eram muitos doentes e não haviam hospitais e médicos. Em Tomás Coelho, um surto de cólera ceifou a vida tanto de jovens como velhos, “de dia abriam-se as covas e à noite, à luz da fogueira fabricavam-se caixões...” (WACHOWICZ, 1971, p. 39). Iarochinski (2000) afirma que a atual cidade de Cruz Machado, no Paraná, teve uma das maiores tragédias das imigrações brasileiras:

> Mais de mil polacos recém chegados das províncias de Chelm, Siedlce e Lublin, morreram de febre tifoide em menos de um ano. No Pátio Velho de Santana, no Rio do Banho, Norte de União da Vitória, no Paraná, estes polacos morreram sem nenhuma ajuda médica e foram enterrados pelos demais doentes em valas com até 10 pessoas, em 1911. (IAROCHINSKI, 2000, p. 14).

Ademais, não recebiam instruções de como cuidar da terra, nem tinham sementes para plantar. Vale ressaltar algumas histórias como ocorreu na colônia D. Feliciano, no Rio Grande do Sul: devido ao sofrimento dos colonos, alguns chegaram a vender os filhos para brasileiros ricos em troca de comida. Nesta mesma colônia, as autoridades determinaram que qualquer caso de tifo deveria ser informado. Na família Zielinski, algumas crianças contraíram a doença e foram denunciadas. A polícia fuzilou todos os membros da família, com exceção da mãe. (IAROCHINSKI, 2000).

Na região de Lucena (hoje atual Itaiópolis, Santa Catarina), as terras destinadas aos imigrantes eram localizadas nos antigos cemitérios dos índios botocudos, local considerado sagrado, gerando ataques destes contra os colonos.

No Paraná, Adolpho Lamenha Lins, presidente da província (criada em 1853), “governou com uma política de fixar os imigrantes como proprietários de pequenas porções de terra, uma vez que o decreto real abria esse precedente” (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E DO ESPORTE, Curitiba, 1986, p.25). No centenário do Paraná em 1953, Tempski (1953) relata num artigo da revista *Kalendarz “Ludu”*, como foi o início da província:

> Atraídos pelas mirabolantes riquezas e fertilidade da terra paranaense, animados por sonhos de paz e liberdade, sequiosos de trabalho e progresso, correntes emigratórias das mais etnias – alemãs, italianas, polonesas, etc...., para cá volviam seus passos e consciência esperançosas, vindo influir decisivamente na formação de um novo tipo eugênico, o cidadão paranaense [...] Em 19 de Dezembro de 1853 foi instalada a província do Paraná. (TEMPSKI, 1953, p.16).

Antes desta imigração em massa, em 1869, os primeiros imigrantes poloneses vieram a bordo do navio a vapor "Victória", desembarcaram no porto de Itajaí, em número de 16 famílias e foram levados à região de Brusque, em Santa Catarina. Confundidos com alemães[4], sofriam com o clima muito quente, com medo do ataque dos índios botocudos e com a germanização do local. Após dois anos estas famílias foram transferidas para o Pilarzinho, na região de Curitiba, Paraná, com a ajuda de Sebastião Edmundo Wós Saporski[5], (que veio para a América e foi parar em Itajaí) e do auxílio do padre Antônio Zielinski.

Edmundo Wós Saporski, uma das personalidades mais atuantes da época, foi um engenheiro que construiu estradas e pontes, mediu terrenos e fez o loteamento de muitas colônias no Paraná, tornando-se inclusive administrador de algumas delas na cidade de São Mateus[6]. O nome dele está ligado também às primeiras escolas e à primeira publicação polonesa no Brasil. O reconhecimento a este desbravador deu-lhe o título de "Pai da Colonização Polonesa no Paraná" (JESZCZE POLSKA, 1986).

Com a devida ajuda o colono polonês conseguia o seu lote, abria clareiras e derrubava a mata virgem. No Paraná, recebiam 20 hectares de terra, ferramentas e sementes, mas ficavam à mercê dos comerciantes mal intencionados que marcavam as vendas nas cadernetas e superfaturavam as compras dos colonos, deixando-os ainda mais endividados. Devido aos abusos e para esquecer as amarguras, frequentemente o camponês fazia o uso da cachaça de forma excessiva.

---

[4] Essa leva de poloneses vinha de uma região dominada pelos alemães. Com a repressão, sobrenomes poloneses foram modificados para o alemão, por isso a confusão.

[5] Nasceu no dia 19 de janeiro de 1844 em Siolkovice, no sudoeste da Polônia, estudou em escolas sob o domínio alemão e teve que interromper seus estudos acadêmicos por problemas de saúde, o qual foi aconselhado a procurar uma terra de clima mais quente. Faleceu em 6 de dezembro de 1933.

[6] Apenas em dezembro de 1943 através de um decreto estadual, o nome foi alterado para São Mateus do Sul.

Apesar de tantos percalços, o colono polonês introduziu no Brasil novos valores e costumes, ensinou os nativos a fazer pão, a utilizar a carroça e muito contribuiu para o desenvolvimento das regiões. Contudo, o filho de imigrante era obrigado por lei a servir o país, mas quando fosse votar, exercer um cargo público, entrar na política, então era considerado um “estrangeiro” (GLUCHOWSKI, 2005).

3 A CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL

3.1 FUNDAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

O município de São Mateus do Sul originou-se de um pouso[7] utilizado pelos bandeirantes e militares que serviam ao governador da capitania de São Paulo, Dom Luiz de Souza Botelho e Mourão, para a conquista de Guarapuava, em 1777. Porém, o primeiro a passar por esta região foi o Tenente Bruno da Costa Filgueiras, acompanhado de 25 homens, no ano de 1769, com destino a Tibagi.

A colônia recebeu o nome de Porto Santa Maria em homenagem à protetora das esposas e filhos dos fundadores. Em 1890 foi rebatizada de Maria Augusta, em homenagem à esposa do engenheiro chefe José Carvalho Sobrinho, um dos administradores da nova colônia e, posteriormente, foi chamada de São Mateus.

O distrito foi criado pelo Decreto nº 129, de 26 de novembro de 1890. A Lei estadual nº 763, do dia 2 de abril de 1908 criou o Município de São Mateus, com território desmembrado de São João do Triunfo, e elevou a sede à categoria de vila tendo sua instalação oficializada em 21 de setembro do mesmo ano. Em 1909 foi constituído em Termo Judiciário e com a lei estadual nº 189, de 15 de abril de 1912, cognominada a vila foros de cidade. Pelo Decreto-lei estadual nº 199, de 30 de dezembro de 1943, passou a denominar-se São Mateus do Sul em homenagem ao apóstolo São Mateus que é celebrado no dia vinte e um de setembro.

Sendo o município lugar de terras férteis, propiciou primeiramente a agricultura e o extrativismo, principalmente de madeira e erva mate. São Mateus do Sul transformou-se no mais importante porto e centro comercial da região, vivendo dias áureos com a navegação a vapor no Rio Iguaçu**.**

Nos anos 50, o ciclo da navegação do Rio Iguaçu teve seu fim e se iniciou um período de estagnação econômica que atingiu toda a região sul do Paraná. A retomada do crescimento sucedeu no final da década de 60, quando a Petrobras decidiu implantar uma usina experimental para o aproveitamento do xisto existente no

[7] s.m. Lugar onde se pode pernoitar. (HOUAISS, 2009)

município. Com a exploração industrial deste minério, São Mateus do Sul recebeu grande impulso em seu desenvolvimento industrial e passou a ofertar vários produtos e subprodutos como óleo, nafta, gás industrial e enxofre. O município destaca-se também pela produção de revestimentos cerâmicos de alta qualidade, produzidos pela fábrica da Incepa.

A indústria ervateira é outra atividade em evidência desde a colonização da cidade, sendo o município considerado um dos maiores produtores brasileiros, com 50% de sua área de florestas e ervais nativos preservados[8]. A maior produção de erva mate está concentrada na região centro-sul do Paraná, maior estado fornecedor da cultura no país. Em 2012, São Mateus do Sul e os municípios de Cruz Machado, Bituruna, Paula Freitas, General Carneiro, Inácio Martins e Prudentópolis foram os maiores produtores da cultura no estado. Juntos, obtiveram 60% da renda gerada pela cultura sendo que desse dado, São Mateus do Sul obteve 9% do valor bruto de produção agrícola[9].

A produção agropecuária do Município ocupa o 23º lugar no *ranking* estadual, segundo dados da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB). Destacam-se como principais produtos: batata, milho, feijão, erva-mate, soja e fumo. Suínos, bovinos e aves também apresentam crescimento.

O município possui uma área de 1.342,633 km², tendo sua população estimada em quase 42 mil habitantes. A maioria, cerca de 58%, vive na sede urbana e 42% na área rural, distribuídas em aproximadamente cinco mil pequenas propriedades.

São Mateus do Sul está localizada a 150 km de Curitiba e faz limites com as cidades de Antônio Olinto, São João do Triunfo, Mallet, Paulo Frontin, Rebouças e Rio Azul, no estado do Paraná; e com Canoinhas e Três Barras, no estado de Santa Catarina.

O município destaca-se pela forte contribuição à arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) estadual, na qual ocupa a 19ª posição

[8] Dados do site da Prefeitura Municipal de São Mateus do Sul. Disponível em: http://www.saomateusdosul.pr.gov.br/o-municipio/historia/. Acesso em: 15/10/13.

[9] Dados do SINDIMATE–PR, Sindicato da Indústria do Mate no Estado do Paraná que fica localizado em São Mateus do Sul. (Janeiro de 2014).

entre os 399 municípios. Atualmente a atividade econômica está dividida em 40% relativos à agricultura e serviços e 60% relativos à indústria[10].

FIGURA 1 - Localização de São Mateus do Sul.

3.2 HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO POLONESA

A carroça/lá vai a carroça/
cedo, tarde ou noite/lá vai a
carroça/laboro/lazer/oração/
Casamento/doença/velório. /
Ora carregando abóbora, milho, feijão/moça
bonita com sombrinha/ criança/adulto com livro de
oração/ noiva/recuperação/despedida/
mãos rústicas rosto queimado pelo sol.../nem
o domingo a deixa parar/
pois, a fé está a esperar.

(STANISZEWSKI, A.M.K., 2006)

[10] Idem.

Em 1875 algumas famílias de ingleses tentaram a colonização em São Mateus do Sul, porém sem sucesso, pois a pessoa que havia sido encarregada na Inglaterra de instalar uma empresa nesse local para fabricar charque e criar gado fugiu com os recursos da colonizadora, começou negócio próprio oferecendo vantagens e emprego nas proximidades de Curitiba (AZEVEDO, 2008). Em 1855, vieram alguns alemães atraídos pela notícia da existência de petróleo na região. Entre eles destacam-se Rudolph Wolff e Gustavo Frederico Thenius. Também italianos e espanhóis participaram desta colonização e, por volta de 1890, chegaram cerca de 2000 poloneses[11].

Ao chegarem ao Paraná, os poloneses destinados a São Mateus desceram rio Iguaçu abaixo durante 15 horas e chegaram ao porto em agosto de 1891:

> A bordo do vapor brilhavam as cores rubras e brancas dos imigrantes, tendo ao fundo o verde do sertão. Sua aparência denotava frescor e saúde, seus rostos corados como seus trajes coloridos. Tinha um reflexo exótico sua fala, a bordo do barco e nas margens do Iguaçu. Os serviçais do vapor olhavam para eles atabalhoados: quem poderá compreender aqui essa gente? Serão capazes de empunhar foices e machados? (WACHOWICZ,1984, p.11).

Antônio Hempel descreve o cenário da região após a chegada dos poloneses:

> Vencida a curva do rio (Iguaçu), surgiu diante de nós São Mateus, depois de três dias de viagem. Situa-se numa colina. É uma colônia oficial. Algumas casinhas, outras em construção e um enorme barraco de madeira, eis a paisagem. Adiante, uma enorme quantidade de choupanas, cobertas por ramagens. Ali residem os imigrantes, aguardando a demarcação de seus lotes pelos agrimensores. (HEMPEL, 1973, p.61).

Quando o apito do barco soava, os imigrantes iam até o ancoradouro verificar quem estava chegando e se havia algum parente junto. A futura cidade estava sendo traçada, a igreja tinha sido construída e ao redor dela havia altas araucárias.

Os imigrantes, aos poucos, foram se acostumando com a mata virgem, o clima e os nativos que já viviam no local. Após a divisão e sorteio dos lotes, o administrador

[11] Segundo o livro Centenário de São Mateus do Sul (2008). Contudo, consta no quinto volume dos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa que instalaram-se em São Mateus do Sul, na época, 1500 poloneses. (1971, p. 61). Hempel (1973), também cita 1500 poloneses.

dava instrumentos básicos como martelo, prego, serra, machado, enxadas e foices aos que almejavam cuidar da terra.

> Em São Mateus, como era de praxe pelas leis vigentes, o colono recebia um auxílio governamental até a sua primeira colheita. Trabalhava 15 dias na construção de estradas no perímetro da colônia e o restante do mês nos seus lotes. (COLODEL,1986).

O colono queria ter na estrebaria vacas leiteiras, cavalos e carroças para iniciar a plantação e transporte. Segundo Luporini (2012, p.1650), a carroça foi o traço marcante que caracterizou a colonização polonesa no Paraná e no Sul do Brasil.

Em São Mateus do Sul, Edmundo Wós Saporski foi Diretor da Colonização nos anos de 1890 a 1892 (NIKODEN, 1970, p.91) e demarcou as terras para os colonos em lotes medindo 250 metros de largura por 1000 metros de comprimento. A colônia ficou muito feliz, pois havia alguém para representá-los e ajudá-los com a dificuldade de comunicação e de adaptação ao novo lugar.

> A imigração poloneza[12], confiada ao engenheiro federal, Sr. Sebastião Edmundo Saporski, composta de duas mil famílias, foi distribuída pelas diversas colônias: Água Branca, Taquaral, Canôa, Cachoeira, Iguassú, Rio Claro e Vera Guarany. Coube a esse engenheiro a missão de medir as terras em lotes, que, sorteados, foram distribuídos aos colonos mediante títulos provisórios, com a condição de pagarem o total de 380$000[13] em prestações módicas, para mais tarde, então, receberem os títulos definitivos. (CINCOENTENÁRIO da Navegação do Iguassú, 1932).

Em 1897, a futura cidade podia ser vislumbrada, formada no alto da colina, onde antes só existia uma igreja (a qual teve como primeiro sacerdote polonês o padre Smolucha), uma escola, casas comerciais e o correio. As casas de madeira era construídas com telhado alto em forma de cunha, costume vindo da Polônia por causa da neve, eram bem ventiladas, possuíam geralmente quatro peças, a cozinha ficava separada da casa, com o forno de assar broa, a estrebaria, os chiqueiros, um pouco de gado, muitas galinhas e outros animais.

---

[12] No texto citado preservamos a grafia original.

[13] Mil Réis, símbolo Rs, moeda que vigorou de 8/10/1833 a 31/10/1942 e cuja equivalência era 1200 réis para cada 3,586 g de ouro. Outros preços entre 1895 e 1915: Ovos (uma dúzia) = 1$000 (um mil réis), leite = $500 (quinhentos réis), manteiga = 2$300 (dois mil e trezentos réis), sanduíches = 1$500 (um mil e quinhentos réis), maço de cigarros Castelões = 200 réis, frango 10 tostões = (1 mil réis), galinha = 2 mil réis. Dados de Jorge Americano, São Paulo Naquele Tempo (1895-1915). Disponível em: http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=261. Acesso em 14/05/13.

Com o tempo, trouxeram também a tradição europeia do uso de lambrequins na fachada das casas – detalhe ainda preservado em algumas casas na região. Cultivavam centeio, feijão preto, milho, porém não encontravam compradores para a sua produção, porque ora ofereciam muito pouco, ora os comerciantes de diferentes nacionalidades aproveitavam-se da situação, comprando por preços irrisórios e pagando com mercadorias. Dessa forma, foi com a erva-mate extrativista que o colono compensava seus esforços, porquanto tinha um lucro mais certo e compensador.

Comparando às colônias que se constituíram de outras nacionalidades, os imigrantes poloneses eram carentes de pessoas formadas, como médicos, farmacêuticos, professores que os ajudassem a se organizar e defender seus interesses. Além disso, a participação do imigrante nas atividades políticas era remota, pois nessa época os governantes brasileiros não aceitavam a participação dos estrangeiros, e a única instituição da qual compartilhavam ativamente era a paróquia, onde se organizavam e eram ativos. O padre era a figura de líder nas comunidades, já que o polonês tinha forte aliança com a igreja. Isto se reflete na primeira missa rezada em São Mateus do Sul:

> Num sábado de agosto, espalhou-se a notícia de que havia chegado um padre e que domingo iria haver a missa. (...) Os mais próximos conseguiram chegar em tempo, enquanto os mais distantes chegaram no fim da missa. (...) Uma vez chegados ao local da missa, e vendo uma barraca de lona levantada, no local onde ergue-se a igreja, e o sacerdote celebrando a missa, começaram a chorar de emoção e saudades. (GRABOWSKI, [19--], p. 17).

Um fato marcante para a história dos poloneses em São Mateus do Sul foi a participação na Revolução Federalista[14] em 1893, quando alguns poloneses da cidade, como Flizikowski e Stencel, guiados por Antônio Bodziak, resolveram seguir o chefe dos revolucionários Gumercindo Saraiva e montaram um Batalhão Polaco. Bodziak, inspirado pelos costumes de seu país de origem, fundou um clube chamado: "O Atirador"[15], onde praticavam tiro ao alvo com instruções militares e usavam bonés

[14] O "batalhão polaco" da colônia de São Mateus participou da Revolução Federalista que iniciou-se no Rio Grande do Sul, em 1893. Guerra civil entre os "pica-paus" (governamentais) e os "maragatos" (federalistas), essa guerra atingiu também os Estados de Santa Catarina e Paraná e terminou em 1895, com a vitória dos "pica-paus". (GRABOWSKI, [19--]).

[15] A Sociedade "O Atirador", que posteriormente recebeu a denominação de "Casemiro Pulaski", adquiriu características semimilitares. Foi inspirada numa entidade fundada na cidade de Lwów em 1867, na Galícia (Polônia) denominada Sokol (o Falcão), a qual tinha por finalidade preparar líderes para uma possível reunificação da Polônia. Fonte: Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa, 1971.

cracovianos coloridos. Bodziak, que era oposição e tinha forte influência na região, convocou os poloneses das colônias a participar com os federalistas. A legião era formada por 300 imigrantes poloneses e 100 brasileiros, muitos morreram nas batalhas sangrentas ou sofreram perseguições como no caso do padre Ladislau Smolucha, que apoiou a onda revolucionária e ficou preso durante semanas (GRABOWSKI, [19--]).

Segundo estatísticas da época, em 1922, trinta anos após a vinda dos imigrantes, São Mateus do Sul já possuía 14.235 habitantes – entre os quais 2.753 eram poloneses. (WACHOWICZ, 1984, p. 9). Atualmente, segundo dados do IBGE, 80% da população sãomateuense é descendente de poloneses (*apud* GNOATO, 2010). Durante muito tempo o povo polonês não permitiu casamentos mistos. Além de ser uma forma de defender sua nacionalidade, os costumes e a educação eram muito diferentes.

4 A CRIAÇÃO DAS ESCOLAS POLONESAS

4.1 NO PARANÁ

No final do século XIX, quando a Polônia encontrava-se dominada por outros países, o povo polonês foi coibido de falar a própria língua, sofrendo no próprio país a primeira desnacionalização (GLUCHOWSKI, 2002). Em 1872 isso se agravou com muitas repressões, uma vez que os domínios alemães e russos impuseram a língua de suas nacionalidades nas escolas, também proibiram sermões em polonês, a imprensa foi imensamente censurada, nomes poloneses de ruas, praças e até sobrenomes foram mudados e houve destituição dos poloneses de cargos importantes (DOUSTDAR, 1990, p.76). Os pais e avós recusavam-se a enviar seus filhos às escolas alemãs e, em casa, à luz de lampiões, ensinavam às novas gerações e lutavam pela preservação da língua polonesa.

No Brasil, havia a preocupação por parte desse imigrante em alfabetizar as crianças, pois ele compreendeu que “somente poderia vencer e melhorar as condições de vida das gerações vindouras através de um melhor nível cultural”. (GARDOLINSKI, 1977, p.15). Como as distâncias entre as colônias e os centros maiores eram enormes e o descaso das autoridades competentes em relação à escassez de escolas era notório, era necessário fundar novas escolas. Caso contrário, as colônias polonesas no Brasil seriam inundadas por uma onda de analfabetismo, “transformando-se em núcleos de ‘escravos brancos’, inconscientes dos seus direitos e incapazes de exigi-los, trabalhando unicamente para os outros” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 200).

Muitos movimentos em torno da criação das escolas particulares polonesas ocorreram em várias localidades no Paraná, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. No dia 9 de outubro de 1876, na colônia de Orleans, foi criada a primeira escola, pioneira das escolas oficiais no Brasil. Na época, o presidente da Província do Paraná, Dr. Adolfo Lamenha Lins, soube da existência de um professor que era pedagogo na região da Lapa e chamou o senhor Jerônimo Durski, procedente da região da Prússia

Ocidental e que chegara ao Brasil em 1851 entre os imigrantes da colônia de Dona Francisca, em Joinville, para lecionar em uma escola.

Contudo, em Orleans, por divergências pessoais com o padre Luís Przytarski, Durski teve que se mudar e passou a lecionar também nas cidades de Campo Largo, Ferraria, São Luiz do Purunã e Palmeira. Ele é considerado o "pai das escolas polonesas no Brasil", porque além de ensinar, teve a iniciativa de escrever o "Manual para as Escolas Polonesas no Brasil" em 1891[16] para que fosse possível aprender e ensinar algo da língua portuguesa. Isso porque ele mesmo sentia dificuldades e não encontrava nenhum material bilíngue que ajudasse tanto na alfabetização de adultos como de crianças.

Na introdução da obra, o autor explica qual método utilizou: "a orientação pedagógica como também didática é: do fácil para o difícil, do próximo para o longínquo, do conhecido para o desconhecido, da unidade para o conjunto. Esta é a orientação seguida" (WACHOWICZ, 2002, p. 26).

A primeira parte da obra de Jerônimo Durski contém uma cartilha de alfabetização polonesa utilizando o método silábico. Algumas leituras em polonês: O homem e sua família; O corpo humano; A alma humana; As línguas dos homens; Oração infantil em verso. A segunda parte mostra a orientação bilíngue, explicando os sons do alfabeto português e inclusos os seguintes conteúdos[17]:

1 - Pronúncia das letras e das sílabas em português;
2 - estudo das sílabas;
3 - sinais de pontuação;
4 - leituras práticas – 20 lições;
5 - nomes próprios de pessoas, animais selvagens e domésticos;
6 - formação de períodos curtos;
7 - nomes de aves, árvores e frutas;
8 - vocabulário de termos mais usuais como alguns da agricultura;

[16] Esta obra pioneira foi publicada em Poznan em 1893 e hoje é uma obra raríssima, sendo a primeira publicação didática polono-brasileira. (JESZCZE POLSKA, 1996).

[17] Esses conteúdos do livro de Jerônimo Durski, "Manual para as Escolas Polonesas no Brasil" de 1891, foram retirados do terceiro volume dos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil, escritos por Ruy Wachowicz e estão digitalizados no Anexo 1.

9 - interrogações, advérbios;

10 - conversação elementar;

11 - catecismo: salve rainha – credo – os 10 mandamentos etc.

12 - medidas utilizadas no Brasil;

13 - sistema monetário brasileiro;

14 - caligrafia.

Notamos que a primeira preocupação em relação à Matemática foi reconhecer as medidas que eram utilizadas no Brasil e entender o sistema monetário brasileiro.

Em 1891, em Tomás Coelho, a escolaridade desenvolve seus primeiros passos, os professores são na maioria colonos despreparados para a função e os únicos intelectuais eram os padres. Os colonos coletavam dinheiro e alimento para o professor e a escola era subvencionada pelo governo, sendo que o professor recebia um auxílio governamental de 480 mil-réis, mas sob a condição de realizar um exame e ensinar as crianças em língua portuguesa. Já em São Bento do Sul, Santa Catarina, existia uma escola em alvenaria, frequentada por poloneses e alemães. As crianças polonesas estudavam o polonês e o português e as crianças alemãs, o alemão e o português. O professor era o senhor Wielewski, ele era pago pelos colonos e se dividia entre a educação e a sua casa comercial (HEMPEL, 1973).

Em São Mateus do Sul, no ano de 1892, Félix Krzysanowski, professor profissional, vindo da Galícia, lecionava na escola da Sociedade Casimiro Pulaski. “Na *Colônia Cachoeira* o professor era o senhor João Lech, na escola Sociedade Bartosz Glowacki, em Rio Claro (que antes pertencia a São Mateus do Sul) o senhor Muszynski; e na Água Branca – o padre Inácio[18] Wróbel” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 166).

Entretanto, nessa época a educação ainda não era valorizada pelos colonos, a distância entre os lugares e as escolas era muito grande, faltavam estradas, faltava apoio das pessoas influentes como padres, faltavam incentivo, livros, revistas, manuais, material escolar e didático.

> Todo aquele que sabe como é pouco lucrativo, sob o aspecto material, o trabalho do professor nas colônias, e com quantas dificuldades muitas vezes

[18] Conforme o pesquisador Gerson Cesar Souza, que está escrevendo um livro denominado “A estrela de Jacó” sobre a vida deste padre e que será lançado em 2014, o nome Inácio foi uma tradução incorreta, o nome correto é Jakub Wróbel.

> precisa lutar ali o mestre para poder de alguma maneira dirigir uma escola, tem involuntariamente um sentimento de sincero reconhecimento para com essas pessoas que, afastadas do mundo e da civilização, condenadas à penúria (que muitas vezes beira a miséria), à falta de companhia adequada, à falta de livros, revistas e quaisquer diversões culturais, dedicam-se com entusiasmo ao trabalho pelo bem do nosso povo, organizando-o, despertando nele o espírito cívico e dando-lhe aquilo que mais lhe falta: a educação. (GLUCHOWSKI, 2005, p.167).

Em Curitiba, o polonês Sebastião Edmundo Wós Saporski, que falava alemão, foi convidado para ser professor da escola alemã Comuna, mas exigiu que ela fosse particular e não um colégio evangélico teuto-brasileiro, pois Saporski era católico e estava envolvido com a ideia de trazer mais poloneses ao Paraná. A escola particular de Saporski funcionava no centro da cidade, na rua das Flores, atual XV de novembro (ANAIS, vol. VI, 1971).

> Junto com a urbanização, a instrução primária dava seus primeiros passos. Já existia o Liceu Paranaense, única escola de ensino médio. Com seus conhecimentos adquiridos no estrangeiro, o ilustre Professor Edmundo não recusava pedidos dos ervateiros e conselheiros, preocupados com a impossibilidade de enviar seus filhos para as escolas de São Paulo. Multiplicava-se tentando instruir os jovens e homens de amanhã, a quem seria entregue a direção do Estado. Lecionava, portanto Matemática e Geografia, bem como as línguas de alcance mundial. (HESSEL, 1970, p. 80).

"Saporski se dedicava a estudar também a História do Brasil, pois amava a nova pátria" (NIKODEM, 1970, p.80) e via na ligação entre as duas – Brasil e Polônia – algo muito semelhante: a paz e a liberdade.

Já em União da Vitória (região próxima a São Mateus do Sul), a maioria dos imigrantes trabalhava na construção de ferrovias e, por muitas vezes, eram atacados e até mortos pelos índios coroados e botocudos. O professor, pai de Mariano Hessel, dava aula em uma escolinha localizada em uma clareira na floresta. Mais tarde o próprio Mariano Hessel ajudou a fundar uma sociedade, a Júlio Slowacki. Foi realizada uma coleta para a construção da escola e comprado o terreno. O primeiro professor desta escola foi o Sr. Kosinski. Tanto a escola como a sociedade existiram até a nacionalização (HESSEL, 1970, p.100).

Na próspera colônia de Marechal Mallet havia sido fundada a conceituada escola média Nicolau Copérnico, por Roman Paul, nela lecionaram os professores Casimiro Ruzinski e Francisco Lyp e era uma escola formadora de futuros professores.

A escola foi centro de erradicação do analfabetismo para toda a comunidade polonesa durante anos (Idem, p.101).

No ano de 1897 foi fundada em Curitiba a Sociedade Tadeu Kosciuszko que também era uma escola particular. Tinha como princípios a união dos poloneses de Curitiba e lugares vizinhos, instrução no campo da cultura e educação; criação de biblioteca com sala de leitura, assistência aos recém-vindos compatriotas; cultivo do canto nacional polonês e entretenimentos.

Esta Sociedade apoiava outras iniciativas como a Associação das Escolas Polonesas no Brasil, criada em 1907, e depois a Sociedade de Mulheres Polonesas, a primeira do gênero no Brasil, que defendia os direitos da mulher e seu papel na preservação da família. Mais tarde, esta organização foi substituída pelo *Zwiazek Pracy Obywatelskiej Kobiet* (Associação Cívica de Mulheres Ativistas)[19].

A imprensa em língua polonesa surge em 1892 e as notícias sobre a Polônia e a nova pátria são divulgadas de maneira espantosa em todos os setores. O colono, após o dia laborioso, queria saber das notícias sobre política, fundação de escolas, novas igrejas, agricultura, falecimentos, casamentos, enfim, os fatos corriqueiros do dia a dia de seu país, do Brasil, do mundo.

O primeiro semanário a surgir foi o "*Gazeta Polska, w Brazylii*"[20]. Depois surgiram jornais de caráter informativo, político, religioso, educativo, agrícola, literário e também humorístico. Nessa época, entre 13 de junho de 1913 a 31 de julho de 1914, havia um suplemento do jornal "*Polak w Brazylii*" que era um semanário na "Seção da Sociedade da Escola Popular no Brasil", intitulada "*Szkolnictwo Polskie*" (Escolas Polonesas), dedicada a questões escolares e culturais sendo a única e primeira publicação dedicada ao setor das escolas. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 174). A Sociedade da Escola Popular no Brasil tinha o intuito de reorganizar as escolas polonesas no Brasil, funcionando como uma instituição central, a exemplo de uma

[19] Mais informações no site http://www.sociedadepolonesakosciuszko.org/

[20] *Gazeta Polska w Brazylii* – A Gazeta Polonesa no Brasil, (1892-1941) foi fundada por Carlos Szulc. O primeiro exemplar circulou em 14 de julho de 1892 na cidade de Curitiba. O fundador dirigiu e redigiu sozinho. Com o decreto de extinção da imprensa estrangeira no Brasil, em 16 de outubro de 1941, mesmo mudando para o idioma português, e com 4000 exemplares, não resistiu e teve que fechar. Outro jornal importante da época foi o *LUD* (O povo) 1920-1940, mas durante a nacionalização e durante a 2ª guerra Mundial também foi fechado, estava no 21º ano de circulação com 3500 exemplares. Em 1947 ele voltou dirigido pelo padre João Palka. (PITÓN, 1971, p. 82 e 89).

instituição semelhante na Galícia. Essa foi a primeira escola polonesa no Paraná inteiramente livre do clero (Idem, p.170).

Em 1920 o "*Polak w Brazylii*" é vendido para uma Sociedade Editora, representada principalmente por padres vicentinos e surge o jornal *"Lud"* (O Povo) de cunho conservador e clerical.

No interior, os primeiros a passarem as notícias eram os próprios colonos, depois foram sendo substituídos pelos professores primários que tinham mais habilidade na leitura e escrita. Estes, por sua vez, reuniam os colonos para ler e discutir as questões polêmicas do jornal. Algumas vezes enviavam cartas elogiando a reportagem, outras vezes faziam abaixo-assinado com críticas. A imprensa teve papel fundamental para amenizar a saudade e fortalecer as raízes desse povo. "A imprensa no seio da imigração foi fermento e motor" (PITÓN, 1971, p.81).

O imigrante polonês, mesmo alguns sendo analfabetos, tinha consciência da importância cultural e, pensando nas novas gerações, ansiavam que seus filhos aprendessem a ler e escrever. O governo brasileiro não disponibilizou escolas para esses imigrantes, uma vez que já padecia com a carência de mais escolas para as crianças brasileiras, evidenciando um índice de analfabetismo na época acima de 80% da população, e por esse motivo incentivou a construção de escolas étnicas (KREUTZ, 2000, p.161).

> Deste modo, o elemento polonês, sem qualquer auxílio ou subvenção do Governo, nos albores daquela epopeia colonizadora – tomava inteira iniciativa e o controle sobre a vida de sua comunidade e, particularmente, sobre a instrução de seus filhos, numa terra absolutamente estranha e que, no entanto, em breve, se tornava sua nova Pátria. (GARDOLINSKI, 1977, p. 15).

Sendo assim, o imigrante polonês teve que se organizar. Primeiramente, angariavam esforços para a construção de uma capela ou igreja e para encontrar um sacerdote polonês que desse a orientação espiritual de que a colônia polonesa necessitava.

> As primeiras formas de continuação das tradições e, ao mesmo tempo, formas de desenvolvimento cultural, foram a igreja e a escola. Após a construção da capela ou igreja, os colonos passavam, habitualmente, a organizar a escola. (DEMBICZ, 2007, p.149).

Então, em um segundo momento, reuniam-se para realizar mutirões para construir as escolas, resolver o problema de alfabetização de seus filhos e o pagamento de um professor. O colono “recolhia os níqueis no suor de seu rosto e oferecia generosamente para a igreja e construía com vontade novas escolas” (WACHOWICZ, 1971, p. 60). Aqueles que não tinham condições financeiras para ajudar, contribuíam com serviços.

As longas distâncias e a falta de recursos, tanto humanos como materiais, foram motivos para que fosse retardada ainda mais a aculturação do polonês no Brasil.

> Os colonos, eles mesmos em parte analfabetos, esforçaram-se e tomaram a iniciativa de proporcionarem a seus filhos ao menos o conhecimento das primeiras letras e as quatro operações de aritmética. O fato de partir do próprio imigrante a iniciativa da fundação de escolas para alfabetizar seus filhos é uma surpresa, porque o colono não estava acostumado a dirigir-se por si próprio, nem orientar seu futuro. (WACHOWICZ, 2002, p. 23).

O autor supracitado afirma que o camponês polonês estava acostumado a seguir ordens, subjugado pelas potências dominadoras, por isso o estranhamento desta iniciativa. “A atitude dos colonos frente à falta de educação é louvável, ainda mais se avaliarmos o baixo nível de instrução entre os imigrantes que aqui chegaram no século XIX e início do século XX” (DRABESKI, 2010, p.5).

Portanto, a necessidade de se organizar, defender seus direitos e interesses, de haver uma representação nas colônias e resolver os assuntos relacionados às escolas e às comunidades em geral levaram os colonos a encontrar uma solução e tomar atitude para a construção dessas escolas. Desse modo surgiu a ideia de se construírem Sociedades-Escolas, lugares de encontros para que o imigrante pudesse se reunir aos domingos com seus compatriotas e contar como foi a semana, receber autoridades importantes, fazer reuniões e bailes e proporcionar aos jovens um local para o entretenimento e, dessa maneira, arrecadar fundos para poder pagar um professor que eventualmente pudesse lecionar para as crianças durante a semana. Este modelo de instituição já era utilizado pelos alemães que colonizaram o Brasil bem antes dos poloneses, por volta de 1824. Durante a semana, a Sociedade-Escola funcionava como escola e final de semana como local para os eventos.

> Esta instituição mista, ou seja, escolar-recreativa, é a primeira manifestação coletiva da aculturação do imigrante polonês no Brasil, obrigado que era, por força das circunstâncias, a procurar uma solução de seus problemas e, simultaneamente, sua integração no novo meio físico e social. (WACHOWICZ, 2002, p. 24).

Todavia, no início as Sociedades-Escolas não possuíam interação umas com as outras, sendo que cada uma delas criava suas próprias normas de funcionamento. Não existia um programa único, manuais iguais, nem material didático (GLUCHOWICZ, 2005, p. 176). Houveram algumas tentativas de aproximação, mas nenhuma delas foi realmente efetivada neste período.

> Para entender a dinâmica do processo escolar dos imigrantes é preciso estar atento não apenas para as diferenciações entre as etnias, mas também para a dinâmica de sua inserção no Brasil. Nos estados em que eles se concentraram mais em núcleos rurais, etnicamente homogêneos, promoveram escolas comunitárias a partir do apoio das respectivas lideranças religiosas, também de origem estrangeira. As "colônias" alemãs, italianas e polonesas, isoladas por longo período, empreenderam uma ampla estrutura comunitária de apoio ao processo escolar, religioso e sociocultural, à semelhança dos países de origem. Para favorecer a dinâmica comunitária nos núcleos de imigrantes, organizava-se um conjunto de 80 a 100 famílias, aproximadamente, com suas pequenas propriedades, em torno de um centro para a comunidade, com infraestrutura de artesanato, comércio e atendimento religioso-escolar. (KREUTZ, 2000, p.159).

Contudo, quase não haviam professores poloneses formados na época, isso levava os membros das Sociedades-Escolas a escolher na própria comunidade algum indivíduo que fosse mais esclarecido, que soubesse ao menos ler e escrever. Nas "Memórias de Stasio Koscianski", de 1937, ele afirma que dava aula quem podia, se fosse autodidata já era candidato a ser professor. Era comum trocar de professor três a quatro vezes em um ano. Stasio conta que a opinião do padre era soberana e, às vezes, impunha algum obstáculo: "Não presta, ensina demais, é herege..." "É maçom..." e mandavam o professor embora, pois a palavra herege e maçom eram símbolos de desgraça. Alguns colonos também davam sua opinião a respeito dos professores que passavam por lá: "É orgulhoso, não bebe com a gente... Não vai à igreja..." (WACHOWICZ, 1971, p.60). Corroborando com as palavras do padre, os pais deixavam de mandar as crianças para as aulas.

Comumente, os pais enviavam os filhos à escola apenas durante um ou dois anos, já que os filhos tinham que ajudar na lavoura, interrompendo a continuação do

aprendizado da escrita, da leitura e da aritmética, isso também desmotivava o professor.

Nas Sociedades-Escolas, os membros pagavam uma taxa para remunerar o professor, valor este que muitas vezes não dava nem para o sustento, tendo o professor que pegar a enxada e ir à roça plantar o seu alimento ou depender de doações da comunidade como broa, milho, feijão, banha e porcos. Como alguns dos professores vez por outra agiam de forma suspeita e/ou vinham a surrar as crianças, colaboravam para o colono desconfiar das pessoas que passavam pela escola e a não querer pagar um salário melhor. A partir de 1910, algumas Sociedades-Escolas foram reconhecidas pelo governo e passaram a receber subvenção.

A pedido da Colônia Abranches, chegaram ao Brasil, em 1904, as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paula e, em 1906, as Irmãs da Sagrada Família, para que atuassem como professoras nas escolas. As Irmãs vicentinas foram para outras colônias que também fizeram o pedido à Congregação, indo se estabelecer em Prudentópolis (1907), São Mateus (1908), Tomás Coelho (1911) e Rio Claro (1912).

> O colono se interessava muito pouco pela escola. Não queria pagar pela escola, contentando-se, no máximo, em pagar por criança, o que quase nunca atingia 2 mil-réis, oscilando na maioria das vezes entre 1 e 1,5 mil-réis, o que nas escolinhas pouco frequentadas não podia fornecer um salário nem um pouco aproximado das necessidades de subsistência, e nas escolas das irmãs, onde a situação era relativamente melhor, para cem alunos e três professoras, as escolas dispunham de 50 mil-réis mensais para o quadro pedagógico. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 176).

Na imagem da figura 2, obtida através do acervo da Casa da Memória Padre Bauer em São Mateus do Sul, (sem data específica), encontramos uma irmã vicentina ao centro com seu típico chapelão de três pontas, rodeada por alunos, muitos deles descalços, pois os pais não tinham condições de comprar um calçado. As irmãs realizavam o serviço de professoras, enfermeiras, farmacêuticas, parteiras e catequistas.

FIGURA 2 - Irmã da Caridade de São Vicente de Paula e alunos [19--][21]
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer

As Irmãs da Sagrada Família foram encaminhadas para Orleans, Dom Pedro, Água Branca (interior de São Mateus do Sul), Murici, Santa Bárbara, Santa Cândida e Curitiba. Elas administravam 12 escolas, totalizando 840 alunos. Existiam também 34 escolas leigas, isto é, que não pertenciam a nenhuma religião, somando 1020 alunos, perfazendo 1.860 alunos no Paraná. Nas escolas leigas, haviam desde professores que eram simples colonos até os com formação acadêmica. Contudo, a vantagem das escolas religiosas constatava-se pelo fornecimento de um ensino contínuo, não havia constantes mudanças de professores – já que isso prejudicava o ensino e desestimulava os pais e os alunos (GLUCHOWSKI, 2005, p.172) – sem contar que eram menos onerosas do que as Sociedades-Escolas que exigiam o pagamento da mensalidade aos sócios.

[21] Possivelmente esta foto seja a partir do ano de 1924, pois foi quando as irmãs começaram a aceitar meninos nas escolas que elas administravam, que até então eram só para meninas.

> Para compreender o processo de constituição e desenvolvimento das escolas étnicas, cabe registrar que as mesmas apresentavam natureza diferenciada, podendo ser criadas como: escolas étnicas comunitárias, escolas-sociedades, escolas étnicas religiosas e escolas étnicas subvencionadas. Nas duas primeiras, as comunidades construíam as escolas ou ofereciam o espaço para o ensino, se responsabilizavam pela compra do mobiliário e material didático e, ainda, pelo pagamento dos professores. As escolas étnicas religiosas eram construídas pelas próprias congregações, que cobravam mensalidade dos alunos. Já, nas escolas subvencionadas, o governo era responsável pela remuneração do professor. (LUPORINI, 2012, p. 1651).

Até a Primeira Guerra Mundial, as irmãs vicentinas aceitavam em suas escolas apenas meninas de origem polonesa. Elas foram as maiores incentivadoras para que as mulheres tivessem direito ao estudo. A partir de 1924, passaram a aceitar meninos e meninas de todas as nacionalidades, principalmente brasileiros.

Foi entre 1920 a 1938 que os imigrantes poloneses viveram o auge da cultura social e cultural no Paraná. Eram centenas de sociedades culturais e educativas, escolas particulares, semiestatais, teatros amadores e dezenas de jornais em língua polonesa que se propagaram nos três estados do Sul do Brasil. Na literatura, os escritores da época que relatavam sobre o Brasil em suas histórias e contos escreviam com carinho os sentimentos que o colono tinha com a nova terra, como se fosse a própria pátria.

> Três eram os elementos, que exerciam uma poderosa influência atrativa sobre os poloneses: a) sociedades com sua vida clubística e social; b) teatro amador, no qual podiam dar evasão às suas aptidões artísticas; e c) imprensa, pela qual transmitiam suas ideias liberais de livres-pensadores, ateístas, religiosas, filosóficas ou quaisquer outras, para todos os gostos e para todos os fins. (KRAWCZYK, 1973, p. 105).

Contudo, em 1920 as escolas ainda se ressentiam pela falta de professores. Quando havia algum, era comum brigarem com a Sociedade por causa de salários. Surge neste período em Curitiba, a União das Sociedades *Kultura* (Cultura); uma organização política que tinha o intuito de ajudar no restabelecimento da Polônia no fim da Primeira Guerra Mundial e amparar a questão da educação dos poloneses no Brasil. O principal objetivo era tentar agrupar as Sociedades-Escolas, dar melhor atendimento e preparação aos professores e escolas leigas e melhorar o nível dessas instituições. Até o final de abril de 1921, associaram-se à *Kultura* 63 sociedades educativas.

Os padres missionários fizeram um movimento de oposição à *Kultura*, pois afirmavam que a organização não tinha os princípios religiosos necessários, exigindo que esta organização introduzisse no programa escolar aulas obrigatórias de religião. No entanto, a *Kultura* se opôs a essa condição deixando a questão da religião livre à escolha das sociedades e seus integrantes de forma que, as que desejassem ter aulas de religião, poderiam introduzi-las no currículo (GLUCHOWSKI, 2005, p. 178).

Desse modo, em 1921 formou-se outro grupo, União das Sociedades *Oswiata* (Educação), com os mesmos alicerces e objetivos, porém incluso em seu programa obrigatório o catecismo. O trabalho deu resultados logo, pois cerca de 40 sociedades mais algumas irmandades uniram-se a esse grupo organizacional. Porém, "permaneceu, assim, a colônia polonesa, dividida no campo cultural e educacional, como o foi desde o início do século XX, entre os chamados 'progressistas' e 'clericais'" (WACHOWICZ, 2002, p.53). A *Kultura* queria que as Sociedades tivessem liberdade de escolher se introduziriam ou não a religião e a *Oswiata* queria que fosse uma imposição, por esse motivo não houve um consenso geral. Consequentemente, não houve agrupamento das Sociedades-Escolas.

> Assume um caráter proeminente a questão da escolaridade. E não sem razão, visto que a escola polonesa é o único fundamento de um trabalho sistemático pela manutenção do polonismo no Brasil. A situação nesse campo, pode-se dizer, é deplorável. As sociedades divididas pelas disputas "ideológicas", os sócios desanimados, a falta de professores, os melhores dos quais haviam partido para a Polônia ou para a França – para se juntarem ao general Haller –, um bom número de escolas fechadas, tudo isso contribuía para um quadro nada animador. Após alguns meses de estudos a ação segue em frente, devagar, mas sistematicamente. Surge a "Kultura" (Cultura), depois a "Oswiata" (Educação), bem como as Uniões de Professores. Os esforços até então esparsos são abarcados num processo de organização mais sério. (GLUCHOWSKI, 2005, p.149).

Não foi, apesar disso, um trabalho em vão, pois esses movimentos contribuíram para fundar mais escolas. O material escolar foi melhorado (a *Oswiata* possuía um acervo com 3.217 obras), o número de alunos matriculados aumentou e trouxe maior cuidado na seleção de professores e contribuição na formação docente com cursos de aperfeiçoamento e atualização, realizados nas férias. Ambas as instituições forneciam mapas às escolas, quadros e materiais didáticos importados da Polônia. A *Oswiata* unida à Associação Profissional dos Professores das Escolas Particulares Polonesas possibilitou a organização no nível profissional dos professores, reconhecimento e respeito como intelectual e líder das comunidades, excluindo os

maus elementos, possibilitando-lhes serem melhor remunerados. Criaram também a "Bursa", em Curitiba, local onde filhos de agricultores ficavam internados e realizavam seus estudos na capital. Muitos se formaram nos cursos de Direito, Medicina, Oftalmologia, Magistério, Odontologia e outros, possibilitando assim condições para que os descendentes tivessem uma formação e atuassem como intelectuais que representassem a comunidade polonesa e paranaense.

Outra iniciativa louvável da *Oswiata* foi a organização de Bibliotecas Volantes para tentar diminuir o analfabetismo. Era composta de 40 volumes que eram vendidos a 120$000 (cento e vinte mil réis). Junto com essa ação, a *Oswiata* dispunha de "professores volantes" que se deslocavam até lugares mais remotos onde havia a falta de professores, coordenados pelo professor Jósef Stanczewski[22] (WACHOWICZ, 1970, p.53). As bibliotecas volantes e itinerantes, que estão em voga hoje em dia, já faziam parte do contexto e das preocupações do colono polonês. Já havia na época da colonização uma preocupação com a difusão da cultura, com a instalação de bibliotecas que eram essenciais nas sociedades. A leituras de textos e jornais eram frequentes antes das leituras das atas das sociedades polonesas.

A escola média Sociedade Escolar Nicolau Copérnico, em Marechal Mallet, no Paraná, fundada em 16 de maio de 1909, foi uma das escolas mais importantes da época e que recebia o apoio da *Kultura*. Junto à escola funcionava um internato que preparava professores para o ensino. Outra escola média de destaque foi o ginásio Henrique Sienkiewicz, em Curitiba, cuja finalidade principal também era preparar candidatos ao magistério das escolas polonesas. O programa desta escola abrangia a álgebra, astronomia, história do Brasil e da Polônia, ciências naturais, noções de contabilidade e francês. A escola primava pelas artes como o teatro, trabalhos manuais e educação física, porém foi fechada em 1938 com o advento da nacionalização.

A *Kultura* e a "União dos Professores das escolas Polonesas Particulares do Brasil" uniram-se para editar vários livros didáticos como o manual *Pierwsza ksiazka*

[22] Jósef Stanczewski nasceu na Polônia em 1901. Foi escritor e trabalhou na redação do jornal *Lud*. Foi secretário da organização *Oswiata*, inclusive como professor itinerante em escolas polonesas que estavam sem professor. Escreveu o pequeno dicionário português-polonês *Slowniczek Portugalsko- Polski Kolonisty Polskiego* para o colono polonês. Lecionou Geografia e História no Colégio Henrique Sienkiewicz e faleceu em plena atividade intelectual, na colônia polonesa de Rio Azul em 1935 aos 35 anos. (JESZCZE POLSKA, 1996, p. 31).

po elementarzu – “Primeiras Leituras Após a Cartilha” –, de Konrad Jeziorowski[23] e o livro *Rachunki dla szkól poczatkujacych* – “Aritmética para escolas primárias” –, em três volumes, de Franciszek Hanas, publicado em 1922 (GARDOLINSKI, 1976, p.56). Tanto a *Oswiata* como as escolas das freiras, utilizaram os livros editados pela *Kultura*. Em dezembro de 1913, Hanas e mais dez professores fundaram a Associação dos Professores Poloneses no Paraná, cujo presidente era W. Rodziewicz, K. Ryzinski secretário e Franciszek Hanas bibliotecário. Infelizmente essa inciativa não produziu frutos por causa da Primeira Guerra Mundial, pois muitos professores partiram para a Polônia e outros se dispersaram pelo Brasil. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 174).

Outro trabalho editado em 1926, em Curitiba, foi o de Konstanty Lech, professor graduado na Polônia e que trouxe importantes orientações metodológicas e didáticas. Trata-se de *Praktyczne Wskazówski Metodyczne – dla szkól polskich w Brazylji* – Normas prático-metodológicas para as escolas polonesas no Brasil –, abrangendo como pontos principais: o currículo, a organização do horário, a fundamentação psicológica do trabalho do professor, o método de ensino, a preparação para a aprendizagem inicial e a alfabetização. Sugeria-se que houvesse recreio intercalando as aulas de 50 minutos. As orientações pedagógicas, em geral, seguiam os princípios da Escola Nova[24].

O período matutino era todo dedicado à parte polonesa do programa e eram estudadas a Língua, a Geografia e a História, canções polonesas e religião – esta nas escolas onde era lecionada –, a tarde era destinada aos estudos brasileiros e incluia as cadeiras de Português, Geografia Geral, Aritmética, História Natural, Ginástica e Canto.

[23] Konrad Jeziorowski e Franciszek Hanas foram professores da Escola Secundária de Marechal Mallet, cidade que faz divisa com São Mateus do Sul.

[24] Segundo Miorim (1998), a expansão das indústrias e da agricultura, o crescimento dos centros urbanos e a influência exercida por novas ideias que mobilizavam a Europa e os Estados Unidos após o término da Primeira Guerra Mundial fez surgir no Brasil uma renovação educacional conhecida como Movimento da Escola Nova. Este movimento reunia várias correntes pedagógicas modernas e um de seus princípios era introduzir situações da vida real na escola.

4.2 EM SÃO MATEUS DO SUL

4.2.1 As Sociedades-Escolas

Todos os conflitos relatados acerca das escolas polonesas no Paraná, como o isolamento entre as colônias e os centros maiores e o descaso do governo, também fizeram parte do contexto das escolas polonesas em São Mateus do Sul. Além disso, no início da colonização, a situação econômica do imigrante era precária. Por isso eram as igrejas, ou paióis de madeira, os locais destinados para o ensino básico das crianças, não havia material escolar nem manuais, nem professores:

> [...] além de "lecionarem" nas poucas igrejas existentes, improvisavam galpões e paióis para se transformarem em salas de aula. Não é necessário dizer que as condições de funcionamento desses locais eram precárias. (COLODEL,1986, p.103)

Em São Mateus do Sul, a exemplo de outros lugares, a solução encontrada para dar às crianças a educação necessária, ensinando pelo menos as primeiras letras e as quatro operações básicas, foi a criação das Sociedades-Escolas, conforme já exposto na página 37.

O primeiro professor polonês em São Mateus foi Jan Kosminski, que chegou em 1893 enviado pela Sociedade Comercial Geográfica de Lwów, na Polônia. O professor Jan era nascido na parte russa da Polônia e, antes de vir ao Brasil, exercia o magistério no Colégio Santa Sofia de Lwów. Em São Mateus era correspondente da revista *Przeglad Emigracyjny*, editada na cidade de Lwów. O nº14 de 1894 publicou seu artigo *Z Pola Walki w Brazylii* – Do Campo de Batalha do Brasil. (WACHOWICZ, 1971, p.23). Acabou se engajando nas tropas da Revolução Federalista e faleceu na Batalha de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, aos 30 anos. Em 1915 veio à cidade o professor Alexandre Zbisławieski, comentado por uma de nossas depoentes.

> É por isso que os poucos professores profissionais fugiam das escolas, dedicando-se a outros trabalhos, para poder garantir o seu sustento. Ainda para esclarecer a questão do salário dos professores, vou citar uma voz da "Gazeta Polska" de 29 de março de 1906. Lemos ali a esse respeito: "Poucos sabem que em tudo o Paraná existe apenas um professor que tem 60$000 de salário mensal garantido (em São Mateus), e dois com 50$000 (em Castro e Prudentópolis). Os restantes não tem salário fixo, ganhando de 40$000 para baixo, até 15$000 por mês". (GLUCHOWSKI, 2005, p. 173).

Na Revista Emigratória Polonesa – *Polski Przeglad Emigracyjny* – de 1907, foi publicado um artigo do professor Sr. Trurski, que lecionou em São Mateus e relatou como eram as crianças polonesas:

> As crianças polonesas no Paraná são mais inteligentes, sadias, corajosas, hábeis, alegres e asseadas, bem como mais educadas que as crianças das aldeias locais (galicianas)... As crianças de lá são aplicadas nos estudos... Lembro-me com prazer dos meus alunos no Paraná e penso que, desde que haja o maior número possível de escolas e bons professores profissionais, não teremos necessidade de temer a desnacionalização dos nossos patrícios no Brasil. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 195).

O professor Trurski afirma ainda que o clima deixava as crianças mais livres, comportadas e fáceis de controlar, além de terem enorme prazer de ir à escola, tanto que os irmãos menores, com cinco anos já pediam para ir também. Ele comenta que, às vezes, as crianças eram nervosas, mas elas tinham grande sensibilidade às observações que lhes eram feitas. Andavam a pé até a escola, percorrendo aproximadamente 6 km pela mata.

Na publicação polonesa Ziemia, de 1910, há um relato de um viajante da Polônia que analisou principalmente as condições da educação para os imigrantes no Paraná. A viagem ocorreu em 1907 e neste trecho comenta sobre algumas escolas de São Mateus do Sul e a falta delas:

> Infelizmente, não dá para considerar bom o estado de educação daquela colônia. Já falei sobre vinte e poucas crianças na escola da vila; em Iguaçu tem edifício para escola, mas não tem professor; em Cachoeira uma senhora da colônia ensina vinte e poucas crianças. A Sra. Orzechowska ensina obviamente o que sabe, o que não é muito. Um total de cinquenta crianças estudando de uma população de mais de mil e trezentos habitantes é um número simplesmente hilário. A colônia não é muito grande, nem muito extensa, nem tem como justificar-se com as dificuldades para enviar crianças para escola. (ZIEMIA, 1910, p. 232).

Citaremos na tabela seguinte algumas escolas em São Mateus do Sul, no início de 1924 que pertenciam à *Oswiata, Kultura* ou então eram Isoladas[25].

Quadro 2 - Relação de algumas escolas polonesas em São Mateus do Sul no início de 1924 associadas à Kultura, Oswiata ou Isolada.

	NOME	LOCALI-DADE	ANO DE FUNDAÇÃO	PROFESSOR	ALUNOS POLONESES MASCULINOS	ALUNOS POLONESES FEMININOS	TOTAL
KULTURA	S. Estanislau	Fluviópolis	1904	André Wypych	17	7	24
OSWIATA	Estanislau Staszyc	Iguaçu	1898	E. Radecki	20	15	35
OSWIATA	Irmãs **da** Sagrada Família	Água Branca	1909	2 irmãs	67	53	120
OSWIATA	Irmãs da Caridade	São Mateus	1908	4 irmãs	68	64	132
OSWIATA	Irmãs da Caridade, Boleslau Chrobry	São Mateus	1914	1 irmã	22	28	50
ISOLADA	Escola Média Casimiro Pulaski	São Mateus	1895	Alexandre Zbisławieski	32	-	32

FONTE: GLUCHOWSKI, 2005. Modificado pela autora, 2013.

Entre os professores que ministraram aulas em São Mateus do Sul e que foram citados no quadro 2, os senhores André Wypych e Alexandre Zbisławieski faziam parte da Associação Profissional dos Professores das Escolas Polonesas Particulares no Brasil.

Em 1932, São Mateus contava com:

[25] Escolas Isoladas eram escolas distantes, no meio rural, constituídas de um professor com uma sala, hoje denominada de multisseriada, que ministrava o ensino elementar a um grupo de alunos em níveis ou estágios diferenciados de aprendizagem em uma mesma sala. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

> (...) quinze escolas mixtas, instaladas em Fluviópolis, Paiol Grande, Faxinal dos Ilhéus, Putinga, Queimadas, Água Branca, etc. Outras escolas particulares, em número de 10, collaboram harmoniosamente na disseminação do saber. Na cidade funciona um Grupo Escolar, frequentado normalmente por 200 alumnos. É sua diretora a provecya educadora D. Henriqueta Assumpção Valente, auxiliada pelas professoras D.as Belkis C. Ferraz, Sophia Moraes, Maria Hundzenski, Ilza Pernetta, Clotilde V. Espinola, Elvina Dias, Aracy A. Assumpção, Enedina A. Marques e Mercedes N. Macedo, está servindo de adjunta. (CINCOENTENÁRIO da Navegação do Iguassu, 1932)[26].

Em 1937, período que antecede a nacionalização do ensino no Brasil[27], a relação das localidades com escolas polonesas em São Mateus do Sul e seus respectivos professores era a seguinte:

Quadro 3 - Localidades em São Mateus do Sul com escolas polonesas em 1937 e respectivos professores.

LOCALIDADE	**PROFESSORES**
Fluviópolis	Jeroslaw Mazurek
Linha Iguaçu	Fechada
Sede Iguaçu	Franciszek Rodacki
Linha lV	Jósef Eichel
São Mateus	Jósef Issakowicz
São Mateus	Irmã Natalia Barczewka Irmã Konstancja Blonkowska Irmã Scholastyka Sabinska
Colônia Iguaçu	Jósef Stanczyk
Colônia Cachoeira	Andrzej Buczek
Colônia Taquaral	Wladeslaw Hryncz
Colônia Dois Irmãos	Aniela Kosinska
Água Branca	Irmã Waclawa Orzechowska Irmã Benedykta Baranski
Água Branca	Kazimierz Rudnicki
Colônia Emboque	Jan Ceranowicz

FONTE: Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, vol. II, 1970, p.100.

[26] No texto citado preservamos a grafia original.

[27] Esse assunto será melhor abordado no capítulo 5.

Na próxima imagem mostramos uma das sociedades-escolas polonesas localizada no interior de São Mateus do Sul, em Barra Feia (atualmente Fluviópolis). O terreno da sociedade foi doado pelo imigrante Lourenço Oleskiewicz, em 1915. A sociedade apresentava ornamentos em lambrequim e várias pessoas estavam reunidas com o intuito de recepcionar a visita do cônsul polonês Z. Miszke, em 1927.

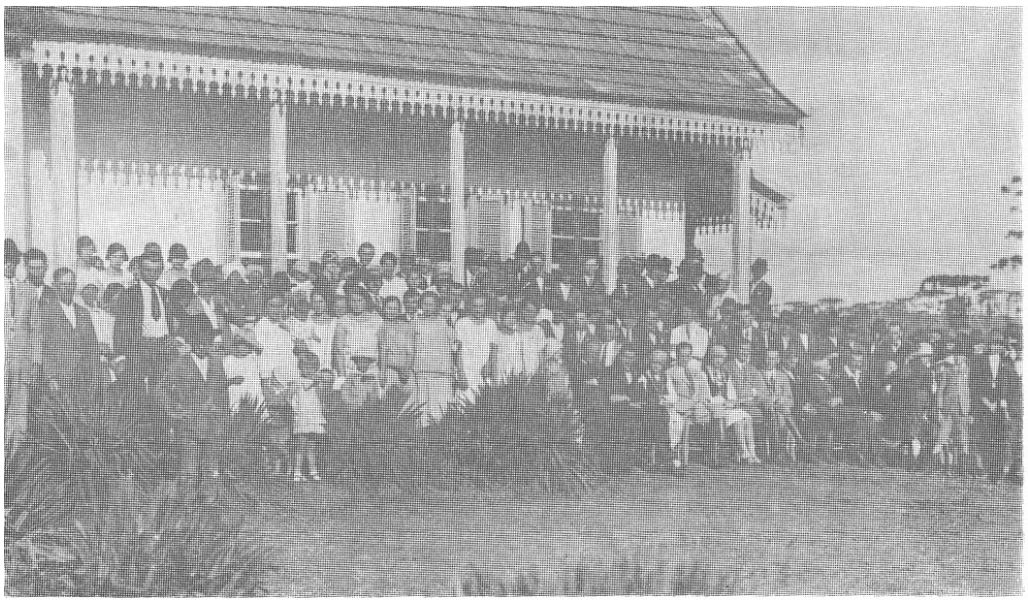


FIGURA 3 - Sociedade-Escola em Barra Feia, 1927 (atualmente Fluviópolis)
FONTE: Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, vol. IX, p.51.

4.2.2 Sociedades-Escolas das Colônias Taquaral, Cachoeira e Iguaçu

As Sociedades-Escolas tinham o intuito de ajudar os agricultores e seus filhos no desenvolvimento da lavoura. Isso fica claro nos Estatutos das Sociedades de algumas colônias de São Mateus do Sul. Nelas encontramos também a preocupação em manter e organizar uma biblioteca com sala de leitura. Os sócios tinham direito de frequentar as bibliotecas e emprestar os livros das sociedades. Na ata da Sociedade Agrícola do Taquaral de 1938, fazia parte da diretoria o presidente, secretário, tesoureiro e havia o bibliotecário que exercia as seguintes funções:

a) Receber e entregar a Biblioteca da Sociedade, mediante prévio inventário;
b) Ter sob sua guarda e responsabilidade, em estante fechada a chave, os livros, revistas e jornais pertencentes à Biblioteca;
c) Franquear a Biblioteca aos sócios, nas horas para isso determinadas, fazendo-lhes assinar no livro respectivo, quando for retirado qualquer livro;
d) Zelar pela perfeita ordem e conservação de tudo que pertencer à Biblioteca, tendo sempre em dia a escrituração da mesma.

A Sociedade Agrícola do Taquaral, na Colônia Taquaral, foi fundada em 5 de junho de 1938, tinha sede em prédio próprio, onde funcionava a extinta Sociedade Agrícola Agrcultor[28]. O objetivo principal da sociedade era discutir interesses e assuntos relativos à agricultura. Em 1940 a sociedade teve permissão para continuar funcionando, mas deveria "cultuar as datas brasileiras, usar exclusivamente o idioma nacional e desenvolver, o quanto possível, o espírito de brasilidade, sob pena de ser cassada a licença". (Estatutos da Sociedade Agrícola Taquaral, 1940)[29]. Em 1976 houve um incêndio que destruiu a sociedade.

As imagens a seguir são de uma Sociedade da Colônia do Taquaral datada do ano de 1921.

[28] "Agrcultor" está escrito da forma que foi encontrado na Ata da Sociedade de 5 de junho de 1938.

[29] A cópia da ata da Sociedade Agrícola do Taquaral que relata estes fatos encontra-se no Anexo 3, p. 156.

FIGURA 4 - Sociedade da Colônia Taquaral, 1921.
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer.

FIGURA 5 - Professora Angélica Skalski e alunos em frente à Escola do Taquaral ,1921.
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer

Já a Sociedade Polonesa “Boleslawa Hrebrego”, fundada em 27 de junho de 1935, na Colônia Cachoeira, passou a denominar-se Sociedade Recreativa

Beneficente e Agrícola Tiradentes, em 1959[30] e aceitava sócios de qualquer nacionalidade. Consta nos IX Anais da Colonização Brasileiro-Polonesa que foi criada nessa localidade uma escola, em 1923, por Adão Janowski. O terreno foi doado pelo Sr. Kuznik, enquanto Adão construiu a escola com seu dinheiro e mais tarde recuperou organizando reuniões, festas e apresentações. O primeiro professor foi José Bieszczad e tinha 33 alunos. (WACHOWICZ, 1984, p. 26).

Na Colônia Iguaçu havia uma sociedade polonesa denominada Estanislau Staszyc fundada em 1º de julho de 1935. Na ata desta mesma data consta que poderiam pertencer a essa sociedade pessoas de ambos os sexos, maiores de 18 anos que fossem de origem polonesa e de boa índole. A finalidade da sociedade era principalmente "colaborar com o ânimo cívico patriota, desenvolver a vida social e particular entre a população polonesa no lugar", que pertencia à Colônia Polono-Paranaense e indicava que as raízes com o solo pátrio e a relação com outras Sociedades deveriam ser mantidas.

Na figura 7 mostraremos a primeira página da ata com os Estatutos da Sociedade datada de 1 de julho de 1935. No 2º artigo desta ata[31] há uma anotação em que um dos principais objetivos da sociedade em relação à escola era subvencioná-la e mantê-la, incentivando os esportes, teatros e as festas. Existia uma biblioteca e uma sala de leitura e a sociedade deveria colaborar com a Sociedade Esportiva Junak[32] 13 para auxiliar no desenvolvimento físico e intelectual.

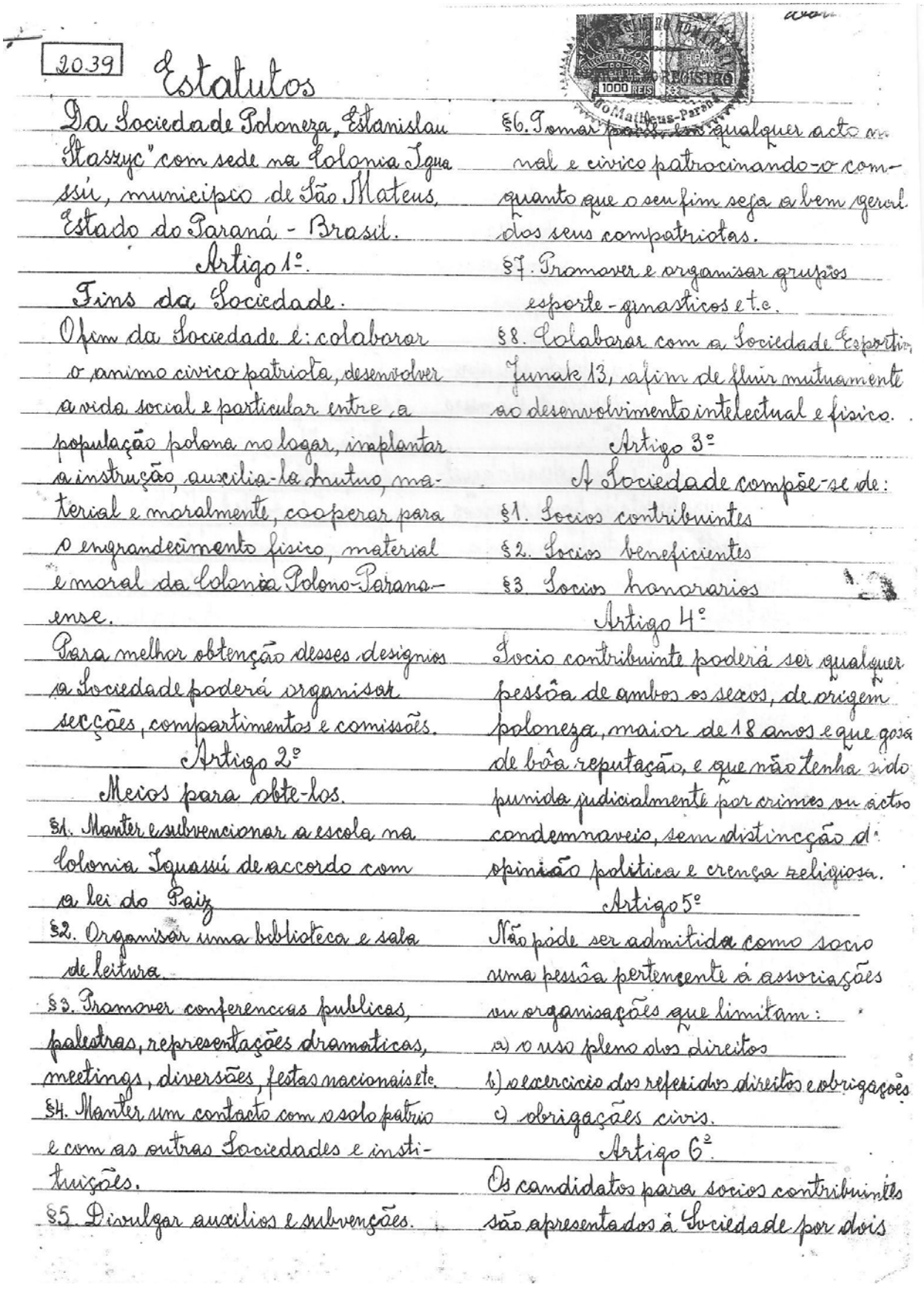
Em 21 de janeiro de 1965 passou a se chamar Sociedade Recreativa Beneficente e Agrícola Duque de Caxias e a sua construção era anexa à escola. Desta vez, aceitavam-se cidadãos de qualquer nacionalidade, sem distinção de sexo, opinião política ou crença religiosa.

---

[30] A ata da mudança dos Estatutos da Sociedade Polonesa "Boleslawa Hrebrego" para Sociedade Recreativa Beneficente e Agrícola Tiradentes e da sessão ordinária em que é aprovado esse novo estatuto encontram-se no Anexo 2, p.154. Fonte: Casa da Memória Padre Bauer.

[31] A ata com os estatutos do dia 1 de julho de 1935 da Sociedade Estanislau Staszyc da Colônia Iguaçu, encontra-se completa no Anexo 5, p.158. Fonte: Casa da Memória Padre Bauer.

[32] O Junak era um projeto da *Kultura* e pertencia à Associação das Sociedades Esportivas Polonesas, foi fundado em 1923. Cada Sociedade Junak tinha um número, a Colônia Iguaçu por exemplo era o Junak 13. Por ocasião da Nacionalização em 1938, teve que mudar o nome para "Sociedade de Educação Física Juventus".



2039

Estatutos

Da Sociedade Poloneza „Estanislau Staszyc" com sede na Colonia Iguassú, municipio de São Mateus, Estado do Paraná - Brasil.

Artigo 1º.

Fins da Sociedade.

O fim da Sociedade é: colaborar o animo civico patriota, desenvolver a vida social e particular entre a população polona no logar, implantar a instrução, auxilia-la mutuo, materialmente e moralmente, cooperar para o engrandecimento fisico, material e moral da Colonia Polono-Paranaense.

Para melhor obtenção desses designios a Sociedade poderá organisar secções, compartimentos e comissões.

Artigo 2º

Meios para obte-los.

§1. Manter e subvencionar a escola na Colonia Iguassú de accordo com a lei do Paiz

§2. Organisar uma bibliotéca e sala de leitura.

§3. Promover conferencias publicas, palestras, representações dramaticas, meetings, diversões, festas nacionais etc.

§4. Manter um contacto com o solo patrio e com as outras Sociedades e instituições.

§5. Divulgar auxilios e subvenções.

§6. Tomar parte em qualquer acto oficial e civico patrocinando-o comquanto que o seu fim seja o bem geral dos seus compatriotas.

§7. Promover e organisar grupos esporte-ginasticos etc.

§8. Colaborar com a Sociedade Esportiva Iunak 13, afim de fluir mutuamente ao desenvolvimento intelectual e fisico.

Artigo 3º

A Sociedade compõe-se de:

§1. Socios contribuintes

§2. Socios beneficientes

§3. Socios honorarios

Artigo 4º

Socio contribuinte poderá ser qualquer pessôa de ambos os seaos, de origem polonesa, maior de 18 anos e que gosa de bôa reputação, e que não tenha sido punida judicialmente por crimes ou actos condemnaveis, sem distincção de opinião politica e crença religiosa.

Artigo 5º

Não póde ser admitida como socio uma pessôa pertencente á associações ou organisações que limitam:

a) o uso pleno dos direitos

b) o exercicio dos referidos direitos e obrigações

c) obrigações civis.

Artigo 6º

Os candidatos para socios contribuintes são apresentados á Sociedade por dois

FIGURA 6 - Ata da Sociedade da Colônia Iguaçu.
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer.

4.2.3 Escola da Colônia de Água Branca

Na colônia de Água Branca temos a figura do padre Jakub Wróbel, mencionado na página 33. Nasceu em Jasionka, na região da Galícia na Polônia, em 14 de julho de 1860. Formou-se em filosofia e foi ordenado padre em 1891. Foi professor e assumiu a capela de Água Branca em 1896 permanecendo até 1914. Falava várias línguas, era físico e astrônomo. Construiu um globo celeste e instrumentos para medir a posição das estrelas (FARAH, 2012, p. 48).

> O Pe. Wróbel passa horas inteiras diante do altar. O resto do tempo dedica à escola, onde leciona. Permanece o tempo disponível enterrado em livros. (...) Trata-se de uma mente perspicaz e esclarecida ao lado do que o distingue a simplicidade e cordialidade. (...) Durante a noite fazia-me verdadeiras preleções sobre astronomia. Tinha a impressão de estar numa universidade – fez o globo celeste e instrumentos para localizar as estrelas. (ANAIS, 1971, p.108).

Era uma pessoa muito inteligente, pois conseguiu calcular a latitude de Rio Claro (que pertencia a São Mateus do Sul) e encontrou junto com o padre Hugo Dylla a localização de 27º 17’ (ANAIS, 1971, p.114) errando por apenas um grau, o que é um grande feito para uma época que dispunha de poucos recursos para esse tipo de cálculo[33].

Em 1899 e 1900, a escola de Água Branca possuía 77 alunos. Por ter experiência como professor em internatos na Polônia, padre Wróbel instituiu na localidade de Água Branca uma organização de referência, uma escola que funcionava como internato e que atendia também meninas (fato incomum naquele tempo), entretanto estudavam em horários diferentes e utilizavam entradas separadas para não se cruzarem[34].

> Portanto, por todos os meios seria bem-vinda uma organização da educação no Paraná. Eu teria pensado que iria resolver a questão do estabelecimento de internato nas igrejas, (...). Algo parecido com este internato já ocorre na igreja de Água Branca, graças à iniciativa de um dos sacerdotes verdadeiramente de boa vontade, o Padre. Wróbel, onde atende crianças de ambos os sexos. (WARCHAŁOWSKi, 1901).

[33] Conforme pesquisa de Gerson Cesar Souza.

[34] Ibid. 33

A partir de 1909, padre Wróbel trouxe para Água Branca as irmãs da Sagrada Família que o ajudaram a conduzir a escola local. Com isso, ele pôde dedicar-se a criar e organizar “as escolas não só na igreja, mas também em colônias distantes, como o Rio dos Patos” (SOJKA, 1961).

FIGURA 7 - Padre Jakub Wróbel.
FONTE: Gerson Cesar Souza**.**

Gerson Souza (2014) nos forneceu esta foto e, segundo o pesquisador, por ter um conhecimento mais avançado, Pe. Wróbel entrou em conflito com a cultura local. Travou um combate contra as superstições e crendices, a maçonaria e a embriaguez dos colonos. Tornou-se alvo de grupos anticlericais e nacionalistas que usaram inclusive suas aulas de astronomia para os colonos como motivo para gerar intrigas.

Em 1907 a Sociedade da Escola Popular, que era uma escola leiga, foi introduzida na Colônia da Água Branca opondo-se à escola religiosa de Padre Wróbel. Vendo que os alunos estavam indo estudar nessa escola rogou uma praga

dizendo que haveria um castigo de Deus. Alguns dias depois uma praga de gafanhotos arrasa a região. Os alunos voltaram à escola do padre e a escola leiga foi fechada.

> Apesar disso na escola tem bastantes materiais didáticos, como mapas, imagens etc., as crianças são educadas sistematicamente, organizam teatros amadores baseados em acontecimentos bíblicos, etc. Se eu disser ainda que Pe. Wróbel chamou a praga de gafanhotos de castigo de Deus, do qual não tem jeito, que repudiava os membros da Sociedade da Escola Popular e negava a absolvição aos pais que colocavam seus filhos em tais escolas – a imagem do Pe. Wróbel estaria completa. (ZIEMIA, 1910, p.234).

Em 1915 o padre foi embora para os Estados Unidos, veio a falecer em 1935 e foi lembrado no noticiário do jornal Lud, (1935) por suas qualidades de astrônomo e matemático:

> No dia de Páscoa disse adeus a este mundo o mais antigo padre polonês da diocese local, um grande astrônomo e matemático polonês, pároco de longa data de uma pequena paróquia polonesa de Santo Estanislau em Mammoth, PA, o finado Pe. Jakob Wróbel, que viveu 75 anos, dos quais 43 passou na vinha do senhor. (JORNAL LUD, 1935).

O padre Jakub Wróbel também foi professor na colônia de Rio Claro. Entre 1930 e 1938, essa colônia destacou-se pelas atividades esportivas e organizadas. O Junak nº 23 filiou-se à Federação das Sociedades Polonesas. A sociedade daquela época era muito atuante, os encontros realizavam-se com frequência e os jovens praticavam esportes como basquete, vôlei, lançamento de disco, de dardo, corridas, saltos em distância e altura, praticados em canchas improvisadas. O movimento também incluía teatros, música, orquestras, bailes e festas. Havia premiação e torcida dos mais velhos e interação com colônias vizinhas. Nossa depoente de 100 anos, dona Sophia, lembrou de quando participava dos campeonatos de vôlei: "*Iam a cavalo lá pra Rio Claro e Fluviópolis. Depois de um certo tempo, chegaram no nosso lugar, na Colônia Cachoeira para retribuir o jogo de vôlei no Emboque*. *O instrutor parou lá em casa, esse tinha carro"*. Na ata da última assembleia, escrita em português, a diretoria e sócios reuniram-se em obediência ao decreto nº 338 de 18 de abril de 1938[35], mudando o nome da sociedade esportiva Junak para "Juventus".

[35] O decreto determinava: Art. 1º Os estrangeiros fixados no território nacional e os que nele se acham em caráter temporário não podem exercer qualquer atividade de natureza política nem imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do país. Art.2º: É-lhes vedado especialmente: 1 - Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e

4.2.4. Sociedade-Escola Casimiro Pulaski

Uma sociedade muito importante para o município de São Mateus do Sul na época da colonização dos poloneses foi a Sociedade Casimiro Pulaski, instalada em 1896, na antiga sede da sociedade “O Atirador”, atualmente, praça Alvir Licheski, na rua D. Pedro II, Centro. Funcionava nesta sociedade, também fundada em 1905, uma escola alemã, sendo seu primeiro professor Artur Stander, com 55 alunos. A escola alemã foi fechada em 1918 com o advento da 1ª Guerra Mundial.

FIGURA 8 - Sociedade Casimiro Pulaski, 1920.
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer.

Em 1996, não mais existindo a sociedade, funcionava no local o clube Unbenau – União Beneficente Náutica. O prédio de madeira foi vendido para o senhor José Romeu Nadolny. Até hoje a construção encontra-se em pé no quintal da sua casa, funcionando nela a marcenaria do irmão, Ronaldo Nadolny. A construção ainda preserva seus traços, vigas reforçadas na parte interna e a porta principal original.

quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de ideias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição estende-se ao funcionamento de sucursais e filiais, ou de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 25/12/2013.

Seu Romeu nos deu autorização para tirarmos a foto mostrando como está atualmente:

FIGURA 9 - Prédio da antiga Sociedade Casimiro Pulaski.
FONTE: Foto tirada pela autora em dezembro de 2013.

No volume IX dos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa (1984), Suor em São Mateus, escrito por Romão Wachowicz, o autor visitou a cidade de São Mateus do Sul em busca da continuação das histórias relatadas nos oito Anais, escritos nos anos 70. Uma das suas visitas foi à antiga Sociedade Casimiro Pulaski, que depois da Sociedade foi Clube Record e em seguida Clube Unbenau. O escritor relata que encontrou dois livros de atas arruinados. Um datava 1896 a 1899, e o outro 1900 a 1913. Entre as páginas havia folhas soltas e rasgadas até o ano de 1931. Fundada em 1895, a Sociedade Casimiro Pulaski reunia muitas atividades, como uma comissão escolar e um programa elementar, por algum tempo funcionou até uma escola média. Entre as atividades estava a União da Juventude Polonesa, o grupo teatral “Lyra”, o conjunto “Eco” e o “Junak número 11” que priorizava os esportes como voleibol e basquete. O Junak era uma instituição onde participavam pessoas de todas as idades, como verificamos na imagem a seguir.

FIGURA 10 - Sociedade Casimiro Pulaski e o grupo polonês “Junak”, 1920.
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer.

FIGURA 11 - Grupo teatral Lyra e suas fantasias.
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer.

A abertura da sessão pelo presidente era sempre uma solenidade imprescindível. O polonês possuía uma caligrafia admirável e tinha uma boa

ortografia. Alguns sócios eram admitidos e outros expulsos. O polonês era um "teimoso empedernido; uma vez exposta sua opinião, não cedia um passo" (p. 29). A diretoria tentava educar seus sócios para não falarem em voz alta, nem fazerem confusão. Quem não atendesse ao pedido receberia uma multa.

Wachowicz (1984) descreve alguns trechos das atas[36] da Sociedade, fizemos um recorte e separamos por ano algumas das atividades relativas à escola, aos professores e à luta pelo ensino particular na Sociedade Pulaski. Deixamos inclusas algumas informações peculiares, pois compreendemos que era relevante ao entendimento do contexto da época.

Entre 1896 e 1897

Na primeira sessão estabeleceram-se os estatutos da Sociedade Casimiro Pulaski, os quais foram anotados e aprovados. Na segunda, foram admitidos novos sócios e um foi eliminado. Também se estabeleceu o salário do professor: 80$000 (oitenta mil réis). Wachowicz (1984, p.30) fez um comentário a respeito disso: "esse salário não foi aumentado até 1933 – pelo contrário, era até diminuído", criticando de certa forma a desvalorização do cargo de professor.

O Dr. Klobukowski trouxe um professor – o Sr. Skawinski, e pediu para que a Sociedade o contratasse. Skawinski ofereceu-se a lecionar no primeiro mês sem cobrar. Quando as mensalidades das crianças não cobriam o salário do professor, a Sociedade cobria a diferença com recursos próprios. Como não havia fundos para pagar o professor, foi decidido pagá-lo em três prestações. Alguns sócios por iniciativa própria fizeram sua doação para ajudar no pagamento: Roman Paul contribuiu com 15$000 e Stencel; com 10$000. Na biblioteca havia 876 livros e na lista constavam 396. Antes de cada reunião eram lidos trechos literários.

[36] As páginas referentes a esta ata estão digitalizadas no Anexo 6, p.163.

Em 1900

O professor Krzyzanowski recebeu 71$000 pelo pagamento de dezembro, ficou doente e em abril renunciou ao pagamento para não sobrecarregar a Sociedade. Os sócios presentes arrecadaram 33$000 como ajuda para o professor.

A respeito deste professor, GLUCHOWSKI cita um texto da "*Gazeta Handlowo-Geograficzna*" de 1900, nº 2:

> No interior, a direção das escolas está nas mãos de pessoas inteligentes e profissionais, que compreendem perfeitamente as obrigações pedagógicas e que, nas condições existentes, cumprem essas obrigações da melhor forma possível. Do número desses mestres fazem parte: P. Wielewski em Lucena (escola da Sociedade Tadeu Kosciuszko), F. Krzyzanowski em São Mateus (escola da Sociedade Casimiro Pulaski), H. Skawinski em Rio Claro, João Lech em Cachoeira (escola da Sociedade Bartosz Glowacki), e alguns outros. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 166).

Foi determinado que para emprestar um livro da biblioteca, se não fosse sócio, deveria pagar 2$000.

Todos aprovaram chamar a atenção do professor para não castigar as crianças com exagerada severidade. Ficou proibido soltar cavalos e vacas no terreno da escola e o professor deveria ficar responsável por isso – além de todas as tarefas que um professor deveria cumprir, tinha a obrigação de cuidar de mais esses afazeres.

Aboliu-se a multa pela ausência nas reuniões, mas as reuniões trimestrais eram obrigatórias. Neste mês, Roman Paul complementou com recursos próprios o salário do professor e assinou para o ano todo o jornal *Polak* (O Polonês), para a utilização dos sócios. Conforme comentamos na página 34, relembramos que em 1909 Roman Paul fundou a Escola Nicolau Copérnico na cidade de Mallet.

Na reunião de 7 de outubro os sócios aprovaram fazer um pedido ao vigário para que ele aconselhasse os pais a enviar os filhos para a escola. O professor recebeu de salário que foi recolhido da mensalidade das crianças e a Sociedade pagou mais 7$000, para atingir 60$000. (Nota de Wachowicz (1984, p.32): "em vez da Sociedade aumentar o salário do professor diminuiu, porque de início, isto é, há quatro anos, foi aprovado o salário de 80$000 mensais").

Para a celebração que haveria na igreja em novembro, os sócios deveriam construir um catafalco com gadanhas[37]. As gadanhas foram fornecidas pelo sócio Golebiowski, foram gastos 7$300 com fitas pretas, 6$000 em velas e colocação do catafalco e com vinho Vermute foram gastos 6$000.

Entre 1905 e 1907

Neste ano o telhado da Sociedade foi coberto com tabuinha e o forno da escola não tinha chaminé. O professor fez fogo e o prédio da escola incendiou, mas os vizinhos conseguiram salvar. O presidente Wisniewski afirmou que faria a chaminé desde que arranjassem o material.

A Sociedade Casimiro Pulaski mantinha contato com a Universidade Jagiello de Cracóvia, com o “Jornal Comercial e Geográfico”, “Jornal Lvov”, “Jornal de Grudziadz”, “O Trabalho”, etc. Na América: “Concórdia”, “Jornal Polonês”, “O Polonês”, etc.

O Pe. Sdzieblo deixou de dar aulas de religião na escola da Sociedade e os sócios pediram para que ele voltasse. Foi discutido entre os membros se dariam permissão às Irmãs religiosas para fazer funcionar uma escola na Sociedade.

Em 1907, o professor Traczynski lecionou na Sociedade. O artigo da revista polonesa Ziemia comenta sobre ele:

> Outro dia visitei a escola, localizada em uma boa casa, mantida pela Sociedade local denominada Kazimierz Pulaski. Ensina lá, há apenas alguns dias, um novo professor, o Sr. Traczyński, por isso é difícil avaliar o que um grupo de 27 crianças sabe. Os membros da associação não pagam pelos filhos, outros pais pagam dois mil por mês por criança. O contrato com o professor ainda não foi assinado; vai ganhar uma moradia ao lado da escola e algum salário baixo ou salário por cada criança. (ZIEMIA, 1910, p.231).

[37] Catafalco é um estrado ou mesinha ou algo semelhante onde se coloca o caixão de defunto em cima. Gadanhas são símbolos da morte. É aquela foice na ponta de uma vara longa, usada pela "Morte", para ceifar as vidas das pessoas, isto é, ornamentos para significar o dia 02 de novembro, dia dos Mortos, ou Finados. (Colaboração do Padre Silvano Surmacz).

Entre 1908 a 1914

O Dr. Simão Kossobudzki[38] propôs que, ao menos uma vez por semana a biblioteca fosse aberta, para quem quisesse ler um jornal ou um livro, e que fosse permitido a todos poder frequentá-la.

Ele também pediu que a Sociedade fornecesse material escolar, como mapas e globo terrestre, já que a Sociedade possuía o material, mas estava emprestado a outra escola. O doutor sugeriu que se fizessem festas e comemorações que dessem lucro, como venda de prendas, bingo, teatro. A metade seria destinada à escola e o resto à biblioteca.

Em abril de 1909 os bancos da escola foram emprestados à igreja por seis meses.

As senhoras Helena Samsonowski, H. Boryc, Antonina Glosik, Kujawski, Burdzinski formaram o conjunto amador “Lyra” com o intuito de manter a tradição das canções polonesas, pois estavam sendo esquecidas pelo imigrante polonês.

A reunião foi realizada na casa do Dr. Kossobudzki porque tinha muita lama em volta da escola e não queriam sujá-la com os pés cheios de barro.

Em 1910 o tesoureiro não pagou o professor, pois este havia encontrado uma profissão mais rentável, gabando-se da situação e utilizando o dinheiro em benefício próprio. O senhor Gardolinski condenou o ato do professor.

Foi importado material escolar da Polônia e pago na alfândega o valor de 134$000.

Em 1914 os sócios decidiram suspender os bailes e as danças porque na Europa estava acontecendo a guerra e muitos compatriotas estavam morrendo.

[38] Simão Kossobudzki nasceu em 28 de outubro de 1869 em Plock, na Polônia. Veio ao Brasil em 1906. Após curta permanência em Campinas, no Estado de São Paulo, resolveu radicar-se no Paraná, já então sede de importante colônia de emigrados poloneses. Nesse Estado, trabalhou inicialmente em São Mateus do Sul, posteriormente em Ponta Grossa e finalmente em Curitiba. Lecionou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná desde a primeira turma de médicos que nela ingressou em 1914 e dedicou à Faculdade dezoito anos de sua vida. Disponível em: http://czytelniabrasil.blogspot.com.br/2010/09/professor-simao-kossobudzki.html. Acesso em 25/05/13.

Atas avulsas da atividade do Junak nº 11

Os sócios do Junak introduziram o esporte, competições esportivas como o voleibol e basquete, teatro, coral, a revista “Eco” e brincadeiras dançantes faziam parte das atividades. Eles fizeram também uma campanha contra o alcoolismo.

4.2.4.1 Professores da Sociedade Casimiro Pulaski

Em 1913, um antigo oficial da artilharia, Mariano Gardolinski[39], exerceu a função de professor da escola Casimiro Pulaski. Muito colaborou para o funcionamento da escola média neste estabelecimento, equipando a escola com material de física, química e história natural.

Nas tabelas que apresentamos nos quadros 2 e 3, pudemos constatar que também foram professores da Sociedade-Escola Casimiro Pulaski os senhores Alexandre Zbisławieski – citado na entrevista de dona Sophia Zimny: “Após a guerra acho que o professor Alexandre se ‘sentia’ muito, e tinha que ser de gente rica, porque ele falava cinco idiomas, pobre não faz isso”, – e o senhor Josef Issakowicz – citado na entrevista com dona Danuta Janoski.

A respeito do professor Issakowicz, que defendia um movimento cultural mais abrangente, consta no volume VII dos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa a seguinte citação:

> Um dos professores de núcleos coloniais, interessado vivamente com a unificação e orientação sadia do movimento cultural da coletividade polonesa no Brasil, jornalista nas horas vagas e escritor ao mesmo tempo, Josef Issakowicz, estabelecido na época em São Mateus do Sul, escrevera na Gazeta Polska de 18-5-1937, o seguinte: “...Nós também temos os nossos próprios polono-brasileiros, principalmente os poloneses paranaenses. Num vasto mosaico populacional de 40 (naquela época) milhões de habitantes deste país, possuímos nossas ilhotas e arquipélagos de poloneses, que, afinal de contas, representam alguma coisa...” (KRAWCZYK, 1973, p.107).

[39] Em 1912 vieram dois professores a São Mateus do Sul, dos quais apenas um, Mariano Gardolinski, lecionou durante um ano, primeiramente em Três Barras e depois em São Mateus, e a seguir abandonou a profissão. Seu filho Edmundo Gardolinski, nascido em São Mateus do Sul, cursou o primário nesta cidade e depois foi a Curitiba continuar seus estudos formando-se em Engenharia. Em 1941, muda-se para Porto Alegre e se torna um dos maiores pesquisadores sobre a imigração e sobre as escolas na época da colonização polonesa do Rio Grande do Sul. Texto de Stawinski (GARDOLINSKI, 1977).

Por meio das redes sociais na *internet*, conseguimos encontrar o neto do professor Josef Issakowicz que mora em Ponta Grossa, PR, e que nos enviou a foto da lápide que está em sua sepultura na mesma cidade. Nela consta que o professor Josef Issakowicz nasceu em 19 de março de 1907 e faleceu dia 30 de setembro de 1962.

FIGURA 12 - Lápide do Professor Jósef Issakowicz.
FONTE: Rosnei Carlos Issakowicz (junho de 2013).

A imagem seguinte é de Issakowicz tirada em Porto Alegre, em meados de 1933.

FIGURA 13 - Professor Jósef Issakowicz.
FONTE: Rosnei Carlos Issakowicz (junho de 2013).

Segundo o relato de Rosnei Carlos Issakowicz, em 1930 o professor Issakowicz acompanhou as tropas revolucionárias fazendo uma cobertura para algum jornal da época e lecionou em uma escola polonesa em Mariana Pimentel, RS, que pertencia ao município de Guaíba. Mudou-se para São Mateus do Sul em 1936 e foi diretor de uma escola. Com o início da 2ª Guerra Mundial, foi exonerado do cargo (devido a um Decreto Federal que proibia os imigrantes de ocuparem cargos públicos[40]). Desempregado, ele decidiu mudar-se com a família e andaram peregrinando por alguns locais, chegando a Ponta Grossa em 1942. Após a sua morte em 1962, sua esposa mudou-se para Curitiba, retornando para Ponta Grossa no final da década de 70.

[40] Somente brasileiros natos podiam ocupar cargos de direção, os professores deviam ser brasileiros natos ou naturalizados graduados em escolas brasileiras.

4.2.5 Sociedade Agrícola e Escolar do Emboque

A Sociedade Polonesa Gabriel Narutowicz foi fundada em 1934, e a construção ficou pronta em 1938. As Sociedades-Escolas lutavam contra o analfabetismo e nos registros da ata da sociedade encontramos essa confirmação:

> Depois de ser declarada aberta a sessão tomou a palavra o Sr. Presidente agradecendo o comparecimento dos presentes, como também a patriótica atuação em prol da construção do prédio desta sociedade, que servirá, como vivo símbolo da luta contra o analfabetismo, e ao mesmo tempo vitorioso passo para diante acerca do adiantamento profissional e cultural do lavrador, que lavra, com suor sua gleba, a mai de nós todos. (ATA DA SOCIEDADE ESCOLAR DO EMBOQUE, 30 de janeiro de 1938).

O presidente da sociedade nessa época era o senhor Adão Janowski, pai da depoente de 100 anos, Sophia Janoski Zimny. Ela relata que seu pai era um líder nesta localidade e lutava pela educação, uma vez que já havia reunido os colonos antes para construir uma escola na *Colônia Cachoeira*:

> Então o pai de novo, organizou outra turma, e disse assim: “Vamos fazer uma escola aqui no *Emboque*?” E fizeram uma escola de novo. Juntaram o povão que obedecia ao pai – porque por primeiro ele ajudava – e fez outra escola. Mandou fazer outro prédio bonito, também o mesmo carpinteiro que fez a escola bonita. E agora não tem nada lá, fizeram uma sociedade agrícola, com maquinário, debulhador de arroz. Eles se juntavam uma vez por ano pra trocar sementes entre os amigos[41]. (Dona Sophia).

Na Sociedade, além de bailes e apresentações de teatro, os sócios reuniam-se e trocavam sementes e experiências da agricultura.

No volume IX dos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa (1984, p. 26), o irmão de Adão Janowski, senhor Ladislau Janowski, confirma a história que dona Sophia contou sobre o pai dela. Em 1923, quando os colonos já estavam em melhores condições de vida, Adão Janowski convocou uma reunião na casa de Kuznik, na *Colônia Cachoeira* para construírem uma escola. As pessoas alegaram que não tinham dinheiro, entretanto Adão afirmou que conseguiriam dar um jeito. O senhor Kuznik doou o terreno e seu Adão construiu a escola com recursos próprios. Mais tarde, com a organização de festas, reuniões e apresentações, conseguiu recuperar

[41] Foi mantida a fala original do depoente. A entrevista na íntegra encontra-se na página 105.

o dinheiro investido. O primeiro professor foi José Bieszczad e tinha 33 alunos, conforme já relatado na página 39. Em seguida, ele construiu outra escola na comunidade do *Emboque*. A professora Elpídia de Lima Pacheco foi a primeira professora desta comunidade e dava aula na casa do senhor David de Lima Pacheco. Ela recebia o pagamento dos pais pelo trabalho docente. Já na Sociedade-Escola do Emboque, o primeiro professor chamava-se Jan Ceranowicz. Após a construção dessas duas escolas, foi construída a capela de São José.

FIGURA 14 - Sociedade Agrícola e Escolar do Emboque atualmente.
FONTE: Foto tirada pela autora em 27 fev. 2013.

O professor João E. Ceranowicz foi contratado para dirigir o teatro amador e os demais trabalhos dentro da Sociedade por 120$000. Dentro desta Sociedade existia um palco para a apresentação das peças teatrais, sendo a cortina rolô de madeira preservada até hoje.

FIGURA 15 - Cortina de madeira rolô do palco do teatro da Sociedade do Emboque.
FONTE: Foto tirada pela autora em 27 fev. 2013

Algumas carteiras de madeira da escola encontram-se no meio do salão da Sociedade. O buraco nelas era para colocar a tinta, molhava-se a ponta da “caneta” e escrevia no caderno. Dona Sophia relata: “Tinha a caneta tinteiro, que você molhava na tinta para escrever”. (Dona Sophia).

FIGURA 16 - Carteira de madeira da Sociedade.
FONTE: Foto tirada pela autora em 27 fev. 2013.

Alguns fatos anotados nas atas mostram mudanças ocorridas na Sociedade pelo advento da nacionalização. No dia primeiro de março de 1938, o senhor Konrado Jeziovanski ofereceu à sociedade, para fins educativos, dois mapas (planiglobos), na importância de 32$000. Entretanto, como estava em língua estrangeira, o presidente decidiu que deveriam ser arquivados. Já no dia 31 de maio de 1938, seguindo os preceitos do Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938, todos concordaram com a mudança do nome em polonês Sociedade Polonesa Gabriel Narutowicz[42], por Sociedade Agrícola Escolar. Os nomes dos sócios assinados na ata também foram modificados para o português. Quem assinava seu nome como Jan, Adam, Alexander, Franciszek, Stefan, teve que mudar para o português João, Adão, Alexandre, Francisco e Estefano, por exemplo.

4.2.6 Arremate

Atualmente, apesar de a Sociedade estar abandonada e sem utilização – apenas algumas carteiras de madeira onde sentavam dois alunos juntos se encontram no salão vazio –, é preservado na parede, pendurado ao lado do palco há mais de setenta anos, o quadro com a figura de Getúlio Vargas para lembrar, quem sabe, o período de proibições e o poder que esse governo estabeleceu**.** Isso remete às relações de poder que para Bourdieu (1989) funcionam num espaço social estruturado onde há dominantes e dominados.

[42] Gabriel Narutowicz foi o primeiro presidente eleito da Polônia em 1922. A ata com a mudança de nomes está no anexo 7, p. 167.

FIGURA 17 - Quadro com imagem de Getúlio Vargas e palco do teatro da Sociedade
FONTE: Foto tirada pela autora em 27 fev. 2013.

FIGURA 18 - Ampliação do quadro com a imagem de Getúlio Vargas
FONTE: Foto tirada pela autora em 27 fev. 2013.

Assim sendo, cada colônia possuía a própria Sociedade-Escola e instituía normas de funcionamento e organização. Mostramos algumas passagens retiradas das atas das Sociedades das colônias Taquaral, Cachoeira, Iguaçu, do Emboque e da sociedade que se localizava no centro do munícipio, Sociedade Casimiro Pulaski.

Essas sociedades seguiam os princípios de uma comunidade, tentavam manter a cultura do povo polonês, mas ao mesmo tempo adaptavam-se à cultura da pátria que os acolheu. Verificamos que nas escolas das colônias de Água Branca e de Rio Claro havia a preocupação com os esportes e a divulgação do teatro onde pessoas de todas as idades poderiam participar.

Muitos professores que davam aulas eram leigos, mas outros possuíam maior conhecimento como os citados Alexandre Zbisławieski, Josef Issakowicz, padre Wróbel e várias freiras que contribuíram para o ensino tanto nas escolas como nas Sociedades-Escolas.

Nada se compara às experiências desses colonizadores poloneses que, em um ato de solidariedade e união, reuniram-se na construção destas sociedades com doações de madeira serradas manualmente ou doando seu tempo de serviço. Por isso, a nacionalização instituída por Getúlio Vargas freou não apenas o desenvolvimento de descendentes de poloneses e de outras etnias, mas o imenso desenvolvimento cultural dessas comunidades na época.

No entanto, nessa busca por documentos atentamos ao que Thompson (1998) nos alerta:

> Exatamente a mesma cautela deve experimentar o historiador que, em algum arquivo, se vê diante de uma coleção de documentos empacotados: escrituras, contratos, livros de registro de empregados, cartas, etc. Certamente não é por acaso que esses documentos e registros vieram a estar ao dispor do historiador. Houve um objeto social por trás de sua criação original, tanto quanto de sua posterior preservação. Os historiadores que tratam esses achados como depósitos inocentes, como objetos lançados numa praia, estão simplesmente enganando a si próprios. (THOMPSON, 1998, p. 145).

Não temos a pretensão de nos intitularmos historiadores. Contudo, a intenção da pesquisa é reunir esforços e fragmentos na tentativa de compor esta história, um olhar, nosso olhar, que será uma versão de uma outra história que foi realmente vivida. Ao leitor, produzirá outro efeito, uma nova visão, em um quebra-cabeças infinito que vai se montando na perspectiva de quem conta e de quem relata.

5 NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO

A repressão política pela qual o povo polonês passou em seu país de origem, não podendo falar a própria língua nas escolas, nem nas repartições públicas, fez com que o povo polonês já tivesse passado por uma primeira “desnacionalização”. Já no Brasil, em sua nova pátria, acontece situação semelhante com a nacionalização do ensino.

Como havia falta de escolas brasileiras e a situação das que existiam eram precárias, o governo brasileiro não se opôs à construção das Sociedades-Escolas. Foi essa maneira que o colono polonês, distante dos centros maiores e ensinando em língua polonesa, encontrou para afastar o analfabetismo. Porém, com o advento da Primeira Guerra Mundial, o governo voltou a olhar para as comunidades étnicas no Brasil, todavia de um jeito diferente, desta vez a palavra era ameaçadora, principalmente em relação aos grupos alemães.

A constituição federal permitia aos estados brasileiros legislarem sobre o ensino da maneira como achassem melhor. O ensino particular no Paraná seguia os Decretos nº 93 de 11/03/1901 e a lei 894 de 19/04/1909. Na lei nº 894, no artigo 83 constava que era obrigatório o ensino da língua nacional nas escolas particulares de nível primário, mas como essa lei não era clara sobre o tempo de aula em língua vernácula e não era cobrada pelas autoridades estaduais de ensino, continuava-se a seguir a lei nº 93, na qual o ensino particular era livre e estava submetido apenas à higiene, moralidade e estatística. Essa tentativa de nacionalização não despertou o temor das escolas polonesas que continuaram a lecionar da mesma forma.

Em 1918, o deputado Hugo Simas levantou novamente o problema da nacionalização do ensino e apresentou à Assembleia Legislativa um projeto que determinava que a aprovação dos programas de ensino das escolas particulares deveria ser efetivado pelo Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública – na época o senhor Enéias Marques dos Santos. Nenhuma escola particular poderia funcionar sem autorização desta secretaria que ficaria incumbida de inspecionar se os professores estrangeiros tinham conhecimento do português, acarretando no fechamento das escolas que não ensinassem todas as disciplinas em língua portuguesa (GLUCHOWSKI, 2005, p.186).

Muitas manifestações foram contra esse decreto e afirmavam que o governo do Brasil estava oprimindo os poloneses da mesma forma que a Rússia e a Prússia haviam feito. Por razões políticas, o projeto não vigorou e continuou sendo regido o Código de Ensino de 1917, porém com uma fiscalização muito maior por parte das autoridades. Em 1917, o Secretário do Estado de Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública Dr. Enéas Marques dos Santos, escreve em relatório ao atual presidente do Estado do Paraná senhor Affonso Alves de Camargo:

> Que animação melhor poderemos ter de que o banimento completo das escolas estrangeiras que timbrem em desprezar o ensino da nossa língua; em fazer com que patrícios nossos desconheçam a língua pátria, ignorem a nossa grandeza, nada saibam sobre os nossos homens; que brasileiros não entendam José de Alencar e Machado de Assis, Rui Barbosa e Clóvis Bevilaqua, que não vibrem cantando as nossas grandezas nas páginas de Castro Alves ou de Álvares de Azevedo, que não esvoacem sobre o soberbo firmamento do Brasil nos versos de Bilac. (PARANÁ. 1917).

Neste mesmo relatório, o Secretário Enéas Marques enfatiza que o ensino da língua portuguesa nas escolas particulares deve ser obrigatório e que não poupará esforços em fechar as que não cumprirem a lei.

Foi o que aconteceu, algumas escolas foram fechadas por não conseguirem se adaptar à nova lei, mesmo o governo não colocando outra no lugar e ampliando as chances do analfabetismo[43] aumentar. Enquanto isso, em Santa Catarina, em consequência da declaração de guerra entre Brasil e Alemanha, as escolas particulares germânicas de Blumenau também foram fechadas. Segundo Gaertner (2004), pela primeira vez houve uma tentativa de nacionalização das regiões de imigração do Estado, sendo que as mesmas só foram reabertas após um Inspetor de Ensino verificar que o professor falava corretamente o português.

No Estado do Paraná, em 1920, o professor paulista Cezar Prieto Martinez foi nomeado para o cargo de Inspetor Geral do Ensino, na gestão do Presidente do Estado Caetano Munhoz da Rocha, responsável pela concepção do Código de Ensino. A nova lei nº 2005 de 09/04/1920 estabelecia a obrigação do ensino em língua vernácula nas escolas particulares estrangeiras que funcionavam no estado, História do Brasil, Corografia[44] do Brasil e a Língua Portuguesa, seguindo o programa de

[43] Disponível em: http://www.polonicus.com.br/site/historia.php. Acesso em 15/11/2013.

[44] s.f Descrição de um país ou região. (HOUAISS, 2009).

ensino oficial que exigia três horas por dia das aulas dessas matérias (GLUCHOWSKI, 2005, p.187). Nossa terceira depoente, dona Sophia Janoski relata: “Eu peguei e disse: - Pará, Belém, Maranhão, São Luís, São José, e assim fui dizendo tudo (...) então tinha que estudar o mapa do Brasil”.

Em um de seus relatórios em visita às escolas, o Inspetor Martinez defendia a disseminação da escola primária e a renovação do aparelho escolar. Em visita a uma escola étnica de congregação religiosa, constata que dentro dela a criança parecia estar dentro da Polônia, já que elas aprendiam a ler, contar, escrever e rezar em polonês, dentro da sala havia mapas, cartazes e livros em polaco.

A respeito das escolas estrangeiras, Martinez (1920) relata:

> Funccionam em todo Estado innumeras escolas extrangeiras, e, forçoso é confessar, a grande maioria é sobremodo prejudicial porque desnacionaliza a infância. [...] Municípios há que contam dezenas de escolas onde se ignora por completo a existência do Brasil, como se funccionassem em território extrangeiro. [...] A língua falada é a pollonesa, a allemã ou a italiana [...] O nosso idioma é completamente desconhecido por essas populações, cujos filhos aqui nasceram. [...] Julgamos indispensável uma campanha nesse sentido. Em primeiro logar, por meio de uma propaganda efficaz, devemos convencer os colonos que seus filhos, nascidos no Brasil devem ser brasileiros de corpo e alma, advindos disso vantagens unicamente para si próprios e para a terra que tão generosamente, os hospede e os torne felizes. [...] Em segundo logar, mandando fechar essas escolas porque são nocivas, uma vez que não se sujeitam ao regime legal. (MARTINEZ[45], 1920, p.22 *apud* STENTZLER; SCHENA, 2010, p.9).

Em 1922, a lei nº 2157 passa a ser exercida com maior rigidez e o governo do Paraná, “a título de maior nacionalização no ensino, resolveu aumentar as exigências do uso da língua portuguesa nas escolas. Além do mais, os professores deveriam ter habilitação oficial para o magistério” (JESZCZE POLSKA, 1996, p.59). O professor Nicefaro Modesto Falarz[46], de comum acordo com as autoridades, conduziu então cursos para preparar os futuros professores em Curitiba, e durante um ano, essa lei foi prorrogada. Em pouco tempo, cumprindo a lei, qualificaram-se cerca de 156 professores de origem polonesa que passaram pelos exames.

---

[45] MARTINEZ, Cezar Prieto. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretário Geral do Estado. Curitiba: Typ. Da Penitenciaria do Estado, 1920. (Foi mantida a grafia original).

[46] Em 1912 Nicefaro M. Falarz formou-se no Instituto de Educação do Paraná. Foi nomeado professor com 18 anos de idade para a Colônia Lucena (hoje Itaiópolis). Quatro anos depois assumiu o cargo de Inspetor Regional da cidade da Lapa. Foi ainda catedrático da cadeira de Física, Química e História Natural da Escola Normal entre 1927 e 1929 e em 1923 fundador, professor e diretor da Escola Secundária Polonesa Henrique Sienkiewicz em Curitiba.

Em janeiro de 1921 o jornal curitibano Diário da Tarde publicou uma matéria denominada “As escolas polacas em Araucária” na qual comenta a situação delas:

> As escolas na verdade são dirigidas por professores ou professoras polonezes ou dessa origem, mas respeitam obedecem e até ultrapassam as exigências da lei do ensino da língua portugueza, geographia e história do Brasil, arithemética explicada em portuguez, canto do himno nacional brasileiro e de outros himnos patrióticos. A língua polaca não pode ser excluída, porque essa é a que as crianças sabem visto que no lar do colono outra não é usada...[47] (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 1921, p.1).

Nos anos 30, o Brasil ingressa em um processo de industrialização e medidas educacionais foram tomadas visando à preparação dos cidadãos para mão-de-obra qualificada para o setor industrial e comercial e a criação de instituições escolares no meio agrícola. Nesta fase, houve inovação com o intuito de haver democracia na educação, apoiada por educadores e intelectuais, com princípios de cidadania, patriotismo e nacionalidade, aspectos do pensamento nazifascista da era Vargas.

Segundo Kreutz (2010), o número de escolas étnicas no Brasil, em 1937, era de 1.579 escolas alemãs, 396 italianas, 349 polonesas e 178 japonesas mostrando uma forte rede de escolas étnicas estabelecidas pelos imigrantes.

Em relação às escolas polonesas, quando foi instituída a nacionalização, no Brasil, do ensino particular estrangeiro – desde o surgimento da escola de Jerônimo Durski em 1876 até 1937 quando o governo instituiu os decretos-leis –, as escolas polonesas já completavam cinquenta anos de existência. No Paraná, havia 167 escolas particulares polonesas (128 escolas funcionavam normalmente, sendo que 8 se encontravam na condição de projeto e/ou construção e 30 estavam fechadas por falta de professor ou outro motivo), no Rio Grande do Sul 128, Santa Catarina 51, Espírito Santo 2 e São Paulo 1, totalizando 349 escolas. (WACHOWICZ, 2002, p.66).

No Paraná, as escolas polonesas estavam assim distribuídas em 1937 (ano anterior à Nacionalização do ensino):

[47] Foi mantida a grafia original.

Quadro 4 - Situação das escolas polonesas por município, no ano de 1937:

Município	Total	Tipo de escola		Línguas			Situação em 1937		
		Leiga	Relig.	Pol.	Port.	Bilíng.	Aberta	Fech.	Proj.
Curitiba	14	6	8	6	-	8	14	-	-
Araucária	14	12	2	1	-	13	11	3	-
Lapa	12	12	-	-	-	12	10	2	-
Palmeiras	5	5	-	-	1	4	4	1	-
Campo Largo	8	7	1	1	2	5	5	3	-
S.José dos Pinhais	6	5	1	1	-	5	4	1	1
Prudentópolis	3	2	1	-	-	3	3	-	-
Guarapuava	10	9	1	-	-	10	4	3	3
Reserva	8	8	-	-	-	8	6	2	-
Ipiranga	6	5	1	-	1	5	4	2	-
Norte do Parará	6	6	-	-	-	6	2	4	-
Ponta Grossa	5	3	2	1	-	4	4	1	-
Rios-Palmas e São João do Triunfo	5	4	1	-	2	3	3	1	1
Rio Negro	2	2	-	-	1	1	-	1	1
M. Mallet	14	11	3	-	3	11	11	3	-
Rio Azul	4	3	1	-	-	4	3	1	-
Rebouças	1	1	-	-	-	1	1	-	-
União da Vitória	17	14	3	-	3	14	14	2	1
São Mateus	13	11	2	-	-	13	12	1	-
Irati	10	8	2	-	1	9	8	1	1
Imbituva e T. Soares	1	1	-	-	-	1	1	-	-
TOTAL	**167**	**137**	**30**	**10**	**14**	**143**	**127**	**32**	**8**

FONTE: Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, volume II, 1970

No quadro 4, podemos observar que 30 escolas no Paraná eram de religiosas sendo que 17 escolas pertenciam às Irmãs da Sagrada Família, 12 escolas às Irmãs da Caridade e uma escola em Ponta Grossa pertencia ao chamado “Velhos Católicos”. Quanto à língua, 10 ensinavam somente em polonês, 14 em português e 143 eram bilíngues, ensinavam tanto em português como em polonês. Outro dado relevante é que dessas 167 escolas polonesas no Paraná, 2 tinham o Ginásio, 16 delas eram

escolas primárias com 3 ou 4 classes, 18 com escolas primárias de 2 classes, e a maioria era de escolas primárias de 1 classe só, perfazendo um total de 123, sendo que estas preocupavam-se basicamente com a alfabetização, além dos jardins de infância que constavam de 8 escolas. Das 6.296 crianças que frequentavam as escolas polonesas, 2.990 estavam matriculadas em escolas religiosas, confirmando a enorme influência das irmãs como educadoras (WACHOWICZ, 1970).

As matérias lecionadas em polonês, além da Língua polonesa, incluíam Religião e História da Polônia, as matérias que eram ensinadas em português, além da Língua Portuguesa e Aritmética, englobavam História, Geografia e Corografia do Brasil. As Ciências Naturais quase não apareciam no currículo das escolas.

Mesmo muitos anos após a nacionalização do ensino, quando as escolas étnicas foram fechadas, era de forma bilíngue que a maioria dos professores das escolas étnicas ensinava e continuava esse processo – já que muitas crianças chegavam à escola e não tinham noção do que o professor estava falando – para elas a língua portuguesa era a língua estrangeira. Dona Adelaide – a nossa quarta depoente – foi professora nos anos 60 e 70, e nessa época ainda lecionava nas duas línguas: “Quando eu ensinava falava em polonês, só que não escrevia porque nunca me arrisquei a ensinar errado. E *jajko, jajko* é ovo, a dúzia é *tuzin*. Um pão pequeno é *bulka* e assim por diante, trigo é *pszenica*, me acostumei tanto que depois eu já estava falando bem. (...) Falava em polonês e falava em brasileiro para as crianças entenderem... Daí, assim eles entendiam... Ensinava assim lá no *Emboque* e também na Granja Municipal”[48].

O governo de Getúlio Vargas instituiu o Decreto-Lei nº 406, de 4 de Maio de 1938. O capítulo 8 deste decreto afirma que nenhuma colônia poderia ser constituída por estrangeiros de uma só nacionalidade. No artigo 41, qualquer escola sendo oficial ou particular deveria ser regida por professores e diretores brasileiros natos. O artigo 42 complementa, “nenhum núcleo, centro ou colônia, ou estabelecimento de comércio ou indústria ou associação neles existentes, poderá ter denominação em idioma estrangeiro”.

No capítulo XVI, explicita que qualquer matéria deveria ser ministrada em língua portuguesa, não poderia ser ensinada língua estrangeira a menores de 14 anos, todos os livros do ensino primário deveriam ser escritos apenas em língua

[48] A entrevista com dona Adelaide encontra-se na íntegra na página 115.

portuguesa, e nos programas do ensino primário e do ensino secundário era obrigatório o ensino da história e da geografia do Brasil; estimulando o patriotismo, utilizando os símbolos nacionais e comemoração das datas cívicas.

No Jornal Diário da Tarde, de 20 de abril de 1938, a notícia sobre o decreto e suas proibições é clara:

> O presidente da República assinou em São Lourenço, importante decreto, extinguindo os partidos políticos estrangeiros no Brasil e dispondo também sobre o funcionamento das escolas, de sociedades e da imprensa mantido pelos estrangeiros. Proíbe-se em nosso país que esses elementos cultivem as ideias políticas de suas pátrias contribuindo desse modo para acentuar as dissensões nas colônias.
>
> Igualmente, ficam vedadas manifestações nesse caráter em reuniões públicas ou privadas, não podendo nenhuma sociedade estrangeira ostentar bandeira ou exibir uniforme, distintivos ou quaisquer outros dísticos de caráter partidário. A imprensa estrangeira fica sujeita a censura, vedando-se comentários de ordem política, mesmo que seja exclusivamente referente a situação de seus respectivos países. As escolas mantidas pelos estrangeiros ficam sob direta fiscalização do governo. As sociedades estrangeiras só serão permitidas de funcionar se fundadas ou mantidas para fins culturais, recreativas ou de assistência.
>
> As reuniões dessas sociedades só poderão ser realizadas com autorização prévia e fiscalização da autoridade competente. O decreto comina penalidades, entre as quais a da expulsão para os estrangeiros que não acatarem devidamente as disposições dessa lei. (2º DIÁRIO DA TARDE, 1938).

O Decreto 1.545, de 15 de agosto de 1939, instruía os Secretários Estaduais de Educação que construíssem escolas públicas nas áreas de colonização estrangeira. Dando continuidade às medidas de nacionalização do ensino, em 08 de março de 1940, o Decreto n° 2.072 criava a Juventude Brasileira, para jovens de 11 a 18 anos. Estabelecia que a Educação Física fosse a atividade integradora dos jovens com a Pátria em que estavam vivendo. Estimulava o ensino de História e Geografia do Brasil como uma maneira de formar uma nova geração de cidadãos nacionais.

Muitas medidas repressivas foram tomadas a quem não cumprisse a lei, como a prisão de professores, vistoria do material escolar, presença de policiais nas casas, destruição de obras literárias e documentos históricos. Era proibida a utilização do idioma estrangeiro em lugares públicos, inclusive em sermões das missas. Relatamos na página 70 que na ata da Sociedade do Emboque houve a mudança do nome da sociedade e dos nomes dos sócios do polonês para o português, confirmando esta coibição.

Nossas depoentes relatam que Getúlio Vargas fechou as escolas e era proibido falar em polonês até em lugares públicos. “Foi proibido depois cantar o hino e escrever em polonês nas escolas, tudo sumiu, não tinha mais escolas polonesas nada, porque quem estava no Brasil tinha que estudar só em brasileiro. Estava proibido sim...” afirma Dona Natália[49]. “Na escola era polonês e português, as duas, mas depois piorou, quando o Getúlio Vargas entrou, daí proibiu o polonês. Aí que o polonês decaiu bastante”, segundo Dona Sophia.

Criou-se um clima de tensão e medo nas colônias de imigrantes e a identificação étnico-cultural e religiosa passou a viver tempos emudecidos, tendo que esconder sua própria identidade.

> Foram muitos os esforços do governo federal e estadual para nacionalizar a infância e a juventude, por meio da escola, durante o Estado Novo. No espaço da escola, respeitava-se a legislação, e os professores evitavam falar ou ministrar aulas em língua estrangeira [...] Mas nem por isso deixou de haver resistências ante a adoção da língua nacional. Apesar da legislação em vigor, as comunidades não abandonaram o legado cultural. Frente à imposição de medidas que objetivavam a formação do cidadão nacional, nas escolas os alunos cantavam vários hinos brasileiros, aprendiam a língua nacional, festejavam as datas festivas do país, mas não esqueciam a cultura do grupo, suas manifestações e representações. (RENCK, 2009, p. 213).

Em casa, mesmo sendo proibido, os pais falavam em sua língua natural com os filhos: “Estudei dois anos em polonês então proibiram... O Getúlio Vargas que proibiu. Não podia mais estudar em polonês, nem falar nada, nada... Estava proibido, mas em casa a gente sempre falava”, afirma Dona Danuta[50].

Segundo Gardolinski (1976), no Rio Grande do Sul, antes da nacionalização do ensino, houve descendentes de imigrantes poloneses que pensavam seriamente que o analfabetismo poderia ser erradicado do solo gaúcho, tamanha era a motivação com o movimento cultural que permeava na época.

Mas com a instalação do Estado Novo (1937-1945), em Santa Catarina, o governador Nereu Ramos investiu em um rigoroso projeto de nacionalização do sistema escolar catarinense, atribuindo medidas como a proibição do uso da língua estrangeira nos estabelecimentos escolares, a criação da Superintendência das Escolas Particulares e, com a Nacionalização do Ensino, centenas de escolas

[49] A entrevista com dona Natália encontra-se na íntegra na página 93.

[50] A entrevista com dona Danuta encontra-se na íntegra na página 99.

particulares também foram fechadas (GAERTNER, 2004). A ordem foi inclusive a de retirar monumentos e inscrições em túmulos na língua estrangeira. No Paraná, os nomes estrangeiros em fábricas, oficinas, lojas e sociedades tiveram que ser modificados e adaptados à língua nacional.

> É difícil dizer se foram mais dolorosas as restrições diante dos professores, a proibição de ensinar línguas estrangeiras nos três primeiros anos de escola – o que na prática liquidava a maioria das escolas polonesas (mas também de outras nacionalidades) de 1-3 classes espalhadas pelo interior – ou a imposição de utilizar no ensino inicial exclusivamente manuais brasileiros, o que em pouco tempo provocou a inutilidade das cartilhas polonesas, dicionários e outros materiais didáticos reunidos com dificuldade. (BRZOZOWSKI, 2006, p.34).

Entretanto, no caso das entrevistas coletadas para essa pesquisa, dona Natália Mróz relata que a convivência com brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades, como italianos e espanhóis, já havia contribuído para que essa transição, pelo menos da língua, não fosse tão radical. “Quando passou do polonês para o português eu não tive dificuldades porque eu já sabia. Nós morávamos na *Colônia Iguaçu*, no meio dos Bizinelli, e todos falavam em português, até italiano eu sabia falar. Então não era difícil, a gente já sabia escrever e tudo”. Contudo, dona Danuta Janoski acredita que para os “polacos”[51] mais isolados que ainda mantinham a língua polonesa como sendo a primeira, esses sofreram. “Mas nós em casa falávamos em polonês, falávamos em português, e na escola nós entendíamos tudo. Quando passou aquela lei, nós não tivemos dificuldade nessa parte. Mas eu me lembro que esse povo sofria, meu Deus! Tinha uns amigos da escola já, e tinha os bugres que não sabiam, não entendiam nada. Esses polacos assim.... mais radicais...”

Durante o Estado Novo, na gestão do ministro da Educação Gustavo Capanema, o governo tentou promover investimentos na nacionalização da educação básica nas áreas de imigrantes, envolvendo-os numa campanha nacional de combate ao analfabetismo.

[51] Segundo Iarochinski (2000), embora o termo polaco seja utilizado às vezes em tom pejorativo, o autor defende o uso da palavra polaco como sendo o termo mais correto para denominar os gentílicos da Polônia e seus descendentes, assim como é nos demais países lusófonos do mundo.

> (...) tratava-se de “homogeneizar” a população, afastando assim o risco de impedimento do grande projeto de identidade nacional. A esta última intervenção convencionou-se chamar a questão da nacionalização do ensino, ou, na terminologia da época, “abrasileiramento” do ensino. A terminologia nacionalização do ensino está informada pela ideologia mais geral da formação da nacionalidade, tendo embutida nela mesma a questão da centralização, do anti-regionalismo, e se quisermos adiantar, da intolerância com as diferenças. (BOMENY, 1999, p.151).

Para o presidente Getúlio Vargas, a nacionalização foi uma vitória. No discurso pronunciado no Rio de Janeiro no dia 11 de novembro de 1940, Vargas faz um balanço de seus dez anos de governo, destacando a necessidade do “golpe liberador” de 1937 e comenta sobre a educação:

> Os serviços educacionais, que consumiam, até 1930, 6% das despesas públicas, absorvem, atualmente, mais de 10%. O ensino primário passou a receber orientação uniforme, conjugando-se os recursos da União, dos estados e municípios, para imprimir-lhe a maior amplitude possível. O resultado é que, em 1930, as escolas do país eram frequentadas por 2 milhões de alunos, enquanto a população escolar, em 1939, atingia 4 milhões. A nacionalização do ensino e do professorado constitui iniciativa vitoriosa. Fecharam-se as escolas de língua estrangeira, substituindo-as por escolas nacionais. Os ensinos secundário, superior e profissional passaram por completa remodelação, com o fim de melhorá-los em qualidade e torná-los acessíveis a maior número de estudantes. Em 1931, existiam 177 colégios; atualmente, 657. Organizou-se a Universidade do Brasil, erigida em padrão do ensino superior, proibindo-se o funcionamento das escolas livres e não reconhecidas... (D’ARAÚJO, 2011, p.419).

Em algumas poucas comunidades foram construídas escolas públicas e todas passaram a ensinar em língua nacional, no entanto em muitos lugares as escolas étnicas particulares foram fechadas e não foram construídas outras em seu lugar, trazendo como consequência o analfabetismo e prejudicando ainda mais a aculturação dos imigrantes por longos anos (KREUTZ, 2000, p.161). Muitas crianças tinham que andar mais de dez ou vinte quilômetros até a escola mais próxima, ficando impossibilitadas de continuarem seus estudos.

A forma radical como foi implantada a nacionalização de Getúlio Vargas, no final dos anos trinta – aplicada também a imigrantes de outras nacionalidades que já eram de certa forma marginalizadas –, deixou marcas guardadas na memória das pessoas que vivenciaram esse momento até os dias de hoje. Em São Mateus do Sul, a situação não foi diferente, as escolas étnicas foram fechadas resultando, dentre outras consequências “o temor da repressão e discriminação da ideologia nacionalista, gerando assim uma perda irreparável, pois poucos hoje falam e escrevem o polonês”. (SOUZA, 2001, p.46).

6 HISTÓRIA ORAL DE VIDA

6.1 A BUSCA POR DOCUMENTOS

Ao iniciar uma pesquisa, uma interrogação nos vêm à mente: mas qual metodologia se adéqua melhor no que pretendemos investigar? Investigação no sentido amplo, na busca por traços, rastros e cenários que estavam obscuros, perdidos ou inatingidos. Quantas histórias o ser humano tem para apresentar ao universo? Quantas vivências foram percorridas por cada um de nós ou por quem já não está mais aqui para contar? Sim, existem os documentos para contar a história. Concordamos. Muitos deixaram marcas anotadas nas páginas em branco de uma folha que vai tomando forma a cada palavra inserida na tinta da pena da caneta tinteiro, em uma caneta esferográfica ou na tela de um computador, entretanto, há outras histórias que só podem ser contadas com os registros dos fragmentos da memória.

No município de São Mateus do Sul há muitos esforços para se tentar preservar a cultura polonesa. Em agosto comemoram-se as origens deixadas por essa cultura, por meio de apresentação de grupos folclóricos, bailes, jantares e exposições, encerrando com a festa na localidade de Água Branca, onde está localizada a igreja centenária Nossa Senhora *Czestochowa*.

Aos domingos, é transmitido o programa com músicas polonesas *Tradycye Polskie*[52], comandado por José Carlos Janowski. Mas em relação às escolas e à educação há poucos registros.

Ao tentar compor cenários que constituíram indícios de como se apresentava a Educação Matemática neste município desde a época da colonização dos poloneses passando pelo período da nacionalização do ensino, esperamos contribuir para a cultura histórica e social de um povo e região, entrelaçando vidas, experiências, visões de mundo, tecendo uma nova versão da história.

Na busca por informações, percorremos diferentes lugares e abordamos várias pessoas que encontrávamos em festas, no interior da cidade, no supermercado ou

[52] Tradução: Tradição Polonesa.

até mesmo na rua. Dentre esses lugares encontramos alguns poucos dados e fotos na Casa da Memória Padre Bauer, visitamos a Prefeitura Municipal e a Secretaria da Educação, percorremos o interior do município onde fomos muito bem recebidos na comunidade do *Emboque* e da *Água Branca.*

Solicitamos também às pessoas abordadas algumas fotos, pois por meio delas, poderíamos descrever um pouco mais sobre o contexto da época. As imagens das fotografias são um registro importantíssimo do passado. Criam em nossa imaginação um cenário além daquilo que nossos olhos permitem enxergar. Na tentativa de nos teletransportarmos a um mundo tão distante do presente, é como se conseguíssemos viver por alguns instantes a magia daquele momento. O mesmo acontece em um livro de ficção, por exemplo.

Gaertner (2004) explicita bem a importância da fotografia para uma pesquisa:

> A imagem fotográfica guarda aspectos da vida de pessoas e lugares, num determinado tempo do passado, com tal riqueza de detalhes, de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Ela congela momentos de vida (...). Guardar uma fotografia pode significar possuir o próprio passado; é acreditar na possibilidade de tê-lo disponível para acesso e revisão do futuro. (GAERTNER, 2004, p.150).

Estivemos na Biblioteca Pública do Paraná atrás de microfilmes de jornais antigos. Visitamos o Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba e fomos recebidos pelo secretário Paulo Cesar Kochanny que gentilmente nos permitiu o acesso à Biblioteca do consulado e nos emprestou alguns livros. Ele relatou que foram enviadas à Polônia sete caixas com anotações e conteúdos sobre a educação desde a colonização dos poloneses. Segundo Kochanny, este material deve servir para a edição de um livro. No entanto, esperamos que esse material realmente torne-se um livro e que retorne em breve ao Brasil (de onde não deveria ter saído), pois é um arquivo de importância imensurável para a história da colonização e da educação polonesas em nosso país. Acreditamos que uma digitalização desse material seria o suficiente para enviar à Polônia, assegurando dessa maneira que esses arquivos não saíssem de nosso país correndo o risco de nunca mais voltar.

Encontramos um livro importante e que traz a história da imigração dos poloneses no Brasil, escrito por Kazimierz Gluchowski, primeiro Cônsul polonês para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Kochanny afirmou-nos que a obra é considerada a “Bíblia” sobre a colonização, uma vez que há ricas

informações contidas nela coletadas em 1920 por meio de viagens que o autor realizou nesses três estados para conhecer "*in loco*" as condições de vida dos colonos poloneses na região sul do Brasil e aspectos da educação instituída na época.

Queremos destacar também Ruy Christóvam Wachowicz, historiador e pesquisador da imigração polonesa no Brasil e no Paraná, que publicou inúmeros artigos e participou de Simpósios e congressos nacionais e internacionais. Fundador da revista Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa e da Revista Projeções, ambas relacionadas à pesquisa da imigração polonesa no Brasil, publicou onze livros relacionados a esses dois temas e às suas pesquisas sobre o assunto. Em nossa pesquisa foram realizados alguns recortes desse autor, mas em nada se compara ao trabalho e quantidade de dados que Wachowicz coletou, por isso fazemos jus à sua importância relatando um pouco de sua história também.

Através de outros meios de comunicação entramos em contato com rádios[53] da cidade e o senhor José Carlos Janowski abriu espaço em seu programa dominical *Tradycy*e *Polskie* para divulgar o pedido de documentos à população, como livros de Matemática, relatórios, fotos e cadernos de escola em polonês. Apesar de não sermos atendidos, toda experiência é válida na busca por registros.

Navegamos na *internet* percorrendo artigos e pesquisas sobre o assunto. Utilizamos como recurso o *Facebook* e por este caminho encontramos o senhor Rosnei Issakowicz, neto do professor Josef Issakowicz, citado por uma de nossas depoentes e que foi registrado em nossa pesquisa na página 65. É conveniente observar que a pesquisa é referente a um tempo muito remoto, mas foi por meio das tecnologias atuais que encontramos mais algumas informações. Antigamente, uma carta demorava meses para chegar ao seu destino, hoje digitando algumas letras chega-se a ele em poucos segundos, mesmo assim, é um caminho solitário e persistente.

Por meio de contatos pessoais conseguimos na comunidade do *Emboque* a ata da Sociedade Agrícola e Escolar e um caderno de escola com data por volta de 1945, de um descendente de polonês que depois foi presidente da Sociedade. Ao final da pesquisa retornaremos ao relato sobre o caderno, que possui informações relevantes.

[53] O pedido feito para os ouvintes da rádio está no Anexo 14, p.174.

6.2 ESCOLHA DA METODOLOGIA

Para a composição desta pesquisa, uma possibilidade seria nos atermos à leitura de livros e a documentos escritos, mas apesar dos esforços já relatados, há pouquíssimos registros encontrados, uma vez que muitos foram destruídos e outros tantos não foram guardados pelas novas gerações. Por conseguinte, dessa maneira os papeis nos apresentariam somente uma parte da versão da história, assim concluímos que não seriam suficientes, pois não nos permitiria o diálogo com outras fontes que clarificam melhor a paisagem que ensejamos compor.

Por esses motivos é que decidimos optar pela História Oral como metodologia para essa pesquisa, por entender que ela permite esse diálogo entrelaçando as fontes escritas com as fontes orais. Segundo Meihy (2002, p.20), por meio da História Oral há a possibilidade de preenchimento de espaços vazios, “capaz de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdam os dilemas e as benesses da vida no presente”. O autor comenta que a história é feita pelas pessoas comuns, que têm sentimentos, paixões, fantasias, qualidades e defeitos. Mesmo havendo críticas pela sua credibilidade, já que os depoimentos orais são subjetivos, Thompson (1998, p.18) acrescenta que a subjetividade é um dado real que faz parte de todas as fontes históricas, sendo elas orais, escritas ou visuais. Devemos lembrar que até o início do século XX eram nos documentos escritos que se embasava a “verdadeira” história. Após a Primeira Guerra Mundial, houve um despertar para o fato de que os documentos escritos também são plausíveis de plágio e adulteração. Segundo Albuquerque Junior (2011), os historiadores acordaram “do sonho positivista e cientificista” e, passaram a questionar a respeito da escrita da história e sobre o “como escrever a história”, o papel das narrativas na construção das temporalidades e os conceitos e as figuras de linguagem. Houve uma mudança de significações tanto em nível de pensamento como de palavra.

> A donzela desperta de seu sono essencialista e verista, e atribulada descobre, entre suores e calafrios, que mesmo que tenha, por muito tempo, se fechado em seu castelo, que tenha se aprisionado em sua torre, não conseguiu evitar as ameaças, vindas de todos os lados, à sua inocência diante do papel da linguagem. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.251).

É através da linguagem que o homem conhece o mundo, na tentativa de compreender o ser humano e a sua relação com o universo, conhece a si mesmo e a representação do seu pensamento para se chegar a um conhecimento. “Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudanças e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história”. (THOMPSON, 1998, p. 21).

Temos que atentar no ponto que o narrador não vive o mesmo que o sujeito da narrativa, e este não é o mesmo sujeito narrado, nem mesmo quando ele narra a sua própria vida. O sujeito da narrativa está vivo, e o sujeito narrado “é um sujeito em estado de palavra”. O historiador “afirma-se como autor no mesmo instante em que dá vida às tramas do tempo, em que reconta o que de alguma forma já foi contado”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.255).

A história oral permite possibilidades de trazer à tona, por meio das narrativas, ocorrências que muitas vezes estavam apenas nas memórias dos indivíduos. O termo “narrar” vem do latim *“narrativo”* e significa expor, contar acontecimentos que podem ser reais ou fictícios.

É possibilitado às pessoas, muitas vezes desconhecidas, transformarem-se em narradores, dando voz a elas para transmitirem suas vivências que se unirão às vivências de outras pessoas, formando assim um conjunto de representações e memórias por elas preservadas. As narrativas se constituirão em fatos que serão entrelaçados à teia de dados da história que pretendemos narrar, seguindo caminhos que pretendemos adentrar, do mesmo modo que um carpinteiro confecciona com suas mãos hábeis os arcos e traços de um lambrequim e lhe é exigido além de conhecimento, paciência e prazer em seu trabalho de artista.

Desta maneira, analisando o contexto da pesquisa e inspirados nos trabalhos desenvolvidos pelo GHOEM[54], optamos pela busca de documentos escritos e também

[54] O Grupo “História Oral e Educação Matemática” – GHOEM – foi criado no ano de 2002. Pode-se dizer, hoje, que o interesse central do grupo é o estudo da cultura escolar e o papel da Educação Matemática nessa cultura. Assim, os temas abordados nos inúmeros trabalhos desenvolvidos no grupo são vários: abordam a formação de professores de Matemática, as narrativas, a História Oral, os manuais didáticos, instituições de vários níveis e modalidades de ensino nos quais atuam professores de Matemática e dos quais a Matemática faz parte, a História da Educação Matemática, a análise de livros antigos e contemporâneos – didáticos ou não, formação e conservação de acervos, etc. Atualmente, há vários focos de trabalho que podem ser, de modo geral, caracterizados em Projetos distintos, mas interconectados: (1) o Projeto “Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil”; (2) o Projeto “Hermenêutica de Profundidade: possibilidades para a Educação Matemática” e (3) o Projeto “Narrativas e Educação Matemática”. Todos os projetos dialogam por terem como pano de fundo a exploração de

pela utilização de fontes orais, valendo-nos da metodologia da História Oral. Temos como exemplo a pesquisa de Leoni Malinoski Fillos (2008), denominada “A Educação Matemática em Irati (PR): memórias e história”, que aborda o movimento de atuação e formação dos professores em Irati, no período entre o século XX e início do século XXI, e utiliza como metodologia a História Oral. Segundo a autora, a História Oral “apresenta-se como uma possibilidade metodológica de organização de uma pesquisa historiográfica, tendo como norte o conhecimento do passado expresso em testemunhos orais”. (FILLOS, 2008, p. 202). Em sua pesquisa, a autora coleta o depoimento de oito professores e discorre a respeito da Matemática e das escolas estrangeiras, principalmente as escolas polonesas:

> Na região de Irati, há registro da instalação de diversas escolas estrangeiras. Dentre elas, destacam-se as polono-brasileiras, construídas pelos próprios imigrantes e fundadas a partir da segunda década do século XX. Tais escolas, além de serem destinadas à instrução das crianças, tinham o intuito de reunir a comunidade, celebrar festas e reavivar a cultura polonesa. (FILLOS, 2008, p. 62).

Entendemos que a pesquisa de Leoni é de suma importância pois entrelaça uma rede de informações sobre a educação e a História da Matemática nessa região – visto que as cidades de São Mateus do Sul e Irati distanciam-se 60 km uma da outra – e auxilia o mapeamento que o GHOEM realiza no Brasil sobre a formação e atuação de professores de Matemática em nosso país.

A utilização da História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa exige um conjunto de procedimentos descritos por Garnica (2003):

> Analisando os procedimentos metodológicos utilizados nessas pesquisas que, em Educação Matemática, explicitamente assumem trabalhar com História Oral, detectamos elementos comuns embora distintamente empregados. Pode-se falar que, pensada como metodologia de pesquisa, a História Oral exige uma pré-seleção dos depoentes – ou um critério significativo para selecioná-los – entrevistas gravadas – gravações essas que se constituirão no documento-base da pesquisa –, instâncias de transformação do documento oral em texto escrito – conjunto de processos distintamente denominado e conceituado nas investigações sob análise (fala-se em transcrição, degravação, transcriação e textualização) –, um momento que poderia ser chamado “legitimação” – quando o documento em sua versão escrita retorna aos depoentes para conferência e posterior cessão de direitos

possibilidades teórico-metodológicas para estudos sobre a cultura escolar e, em particular, sobre a Matemática e a Educação Matemática nessa cultura. Ainda que seus braços estejam espalhados em várias instituições brasileiras, o Grupo tem sua sede fixa na Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru. Disponível em: http://www.ghoem.com/crbst_1.php. Acesso em: 10/02/13.

> de uso pelo pesquisador e, finalmente, um momento de "análise" – certamente o de mais difícil apreensão. (GARNICA, 2003, p. 10).

Já Vianna (2013) considera a História Oral como sendo uma prática:

> Nesse sentido, seria proveitoso situar a História Oral como ***uma prática***, de modo que, a cada vez, a gente não siga um determinado método, mas se paute pela prática de nossos antecessores e descreva a prática que realizou. Mais importante do que isso, a gente divide e elabora essas práticas em comunidade, de modo que as "regras de método" sejam, para nós, como são os "dicionários": eles não compilam as palavras que "devemos usar" – eles mostram as palavras que "são usadas". (VIANNA, 2013, p.80,"grifo do autor").

Nessa investigação, convidamos quatro depoentes para as entrevistas. Segundo Portelli (2010, p.213), na entrevista ocorre a troca de olhares, deve haver uma empatia e confiança entre entrevistado e entrevistador, procurando estabelecer um diálogo além das diferenças. Após a gravação da entrevista é realizada a transcrição: todas as palavras são passadas ao papel tentando ser o mais fidedigno possível, pois ao transcrever, ficam de fora os gestos, a fala, o tom de voz, a expressão de tristeza ou de alegria.

Em seguida, as transcrições são transformadas em textos – etapa chamada de textualização. Segundo Rolkouski (2006, p.42), nos trabalhos desenvolvidos pelo GHOEM, um aspecto fundamental no que diz respeito à publicação da textualização é o cuidado do grupo em preservar o documento na íntegra, fator que os diferenciam da maior parte das pesquisas que se utilizam de metodologias qualitativas.

Contudo, deve-se estar atento a respeito da análise como destaca Bloch (2001, p.30), pois o objetivo da "análise histórica é compreender, e não julgar**".** Segundo o autor, a história é movimento, e o seu objeto é o homem em seu tempo e espaço, demarcada pelos problemas sociais e pela história da própria época em que é escrita. Dessa maneira, o conhecimento histórico do passado não é fruto do estudo de fatos isolados e cristalizados, mas sim um processo inacabado, que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente. No entanto, ainda segundo esse autor, o presente não é justificado por suas origens, mas não se pode também negligenciá-las, e nem estas justificam a permanência de determinados fenômenos, no entanto permitem compreender os mecanismos que conceberam as estruturas constituídas ao longo do tempo.

> A História Oral, além de utilizar depoimentos que possibilitam uma composição mais nítida de cenários e paisagens da história, delineando com maior riqueza os detalhes, traz à tona outra questão que consideramos não menos importante: o resgate da palavra, do dito, da oralidade. (GAERTNER, 2004, p. 153).

Entre as vertentes da História Oral escolhemos trabalhar com a História Oral de Vida, por percebermos que por meio dela haveria mais possibilidades de englobar nas narrativas o conjunto de experiências vividas pelo indivíduo, dando mais liberdade ao entrevistado para dissertar sobre as experiências pessoais. Nessa vertente, o pesquisador se interessa pelo que o entrevistado conta de sua vida como uma totalidade. Infância, adolescência, juventude, velhice, hábitos, vida profissional e pessoal compõem uma rede, na qual se encontram percepções e construções do espaço e do tempo vividos, trazendo à baila informações proeminentes ao conjunto da pesquisa.

As experiências e as visões de mundo ganham um novo contorno ao serem socializadas, sendo transformadas em documentos que podem apresentar, de maneira contextualizada, uma outra versão da história, dando voz para que essas pessoas possam deixar registradas às próximas gerações suas memórias, sentimentos e percepções de si e dos outros. “Nossas vidas são a acumulação de nossos passados pessoais, contínuos e indivisíveis”. (THOMPSON, 1998, p.194).

Das quatro mulheres escolhidas para as entrevistas da pesquisa, duas estudaram no período antes da nacionalização – Dona Sophia Zimny, de 100 anos, e dona Natália Mróz, de 96. Outra colaboradora, a senhora Danuta Janoski, de 83 anos, passou pelo período de nacionalização, e a quarta colaboradora foi a professora aposentada Adelaide Kotrich com 74 anos, que atuou na pós-nacionalização. No início da pesquisa tivemos dificuldades em encontrar depoentes mais antigos. Entramos em contato com um senhor de 90 anos, mas ele pouco lembrava do tempo de escola, suas lembranças eram mais da época de quando serviu o exército. Após entrevistarmos as quatro mulheres consideramos que seus relatos seriam suficientes, não sendo necessário o depoimento de mais pessoas, independentemente de serem homens ou mulheres.

> E também se beneficiam, de maneira especial, as pessoas idosas. Um projeto de história oral, mais do que lhes propiciar novos contatos sociais e, às vezes, levar a amizades duradouras, pode prestar-lhes um inestimável serviço. Muito frequentemente ignoradas, e fragilizadas economicamente, podem adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorarem a própria vida e fornecerem informações valiosas a uma geração mais jovem. (THOMPSON, 1998, p. 33).

Nas entrevistas, utilizamos fichas com palavras que remetiam a assuntos relacionados à vida do colaborador e deixamos livre a escolha e ordem dos assuntos para discorrerem sobre infância, família, escola, professores, livros e cadernos, avaliações, rotina escolar[55]. Entretanto, como eram pessoas idosas, que não conseguem mais escutar nem enxergar muito bem, algumas vezes tivemos que intervir para haver a extensão da entrevista e ser comentado além da vida geral do depoente, enfatizando o aspecto da Matemática. Nesse sentido, consideramos que a pesquisa adéqua-se também em outra vertente da História Oral, a História Oral Temática, pois segundo Alberti (2005), as entrevistas temáticas são aquelas que se acercam principalmente da participação do entrevistado no tema escolhido:

> Em geral, a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que tem estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. Nesses casos, o tema pode ser de alguma forma "extraído" da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas. (ALBERTI, 2005, p.38).

As experiências de vida sendo convertidas em documentos podem apresentar, de maneira contextualizada, outra versão da história, dando voz para que essas pessoas possam deixar registradas às próximas gerações suas memórias, sentimentos e percepções de si e dos outros. Transversalmente às narrativas das entrevistas, tentaremos compreender que representação teve o ensino da Matemática para essas pessoas no período antes, durante e pós nacionalização, quando a língua polonesa e as manifestações culturais das etnias foram proibidas no Brasil e, consequentemente, as escolas foram fechadas. Dessa maneira, tencionamos resgatar parte da história da Educação e da Matemática escolar do povo sãomateuense, história esta que está inserida num contexto maior, o da colonização

[55] Anexo 9, p. 169.

dos imigrantes poloneses e de outras etnias no Sul do Brasil. Buscamos, enfim, trazer contribuições relevantes para essa história e a da Educação Matemática brasileira.

7 DEPOIMENTOS

meu coração polaco voltou/coração que meu avô
trouxe de longe para mim/um coração esmagado
um coração pisoteado/um coração de poeta
Paulo Leminski, 1980

7.1 NATÁLIA MRÓZ

A nossa primeira depoente foi dona Natália Mróz de 96 anos e a entrevista foi realizada em sua moradia no dia 5 de novembro de 2012.

FIGURA 19 - Dona Natália Mróz
FONTE: Foto tirada pela autora em 5 de novembro de 2012.

Entrei na escola no primeiro ano com 7 anos. Naquela época não tinha boletim, porque era o ensino das freiras. Estudei durante quatro anos, dos sete até dez anos. No primeiro ano a primeira coisa que a gente fazia era rezar quando chegava à escola. Como era a escola das irmãs, as freiras, a gente tinha que rezar o Santo Anjo do Senhor e as outras orações. Quando chegava meio dia na saída da aula a mesma coisa, a gente tinha a reza novamente.

Não consigo me lembrar bem do nome da escola que eu estudei...O prédio era de madeira, depois que as irmãs saíram daquele prédio a minha prima, a Rosália, abriu um hotel no lugar. Ela era casada com o Bruno. ...A escola das freiras[56] era ali onde que fazem bolo, perto onde vocês moram. Hoje em dia fica a padaria do Kosinski, não era no Colégio das Irmãs que tem hoje...

As irmãs eram muito severas, a gente tinha que se cuidar muito porque qualquer coisa elas eram severas. Quando eu já tinha meu filho Mário, eram as irmãs ainda que davam aula, e não sei o que aconteceu que ele desobedeceu, elas deitaram ele no banco comprido e deram duas reguadas, quase mataram meu filho! Eu não passei por isso, tinha que ser obediente.

FIGURA 20- Antigo “Colégio das Irmãs” em madeira
FONTE: Acervo de Nelson Chaves.

E o ensino era assim, no primeiro ano – um pouco me lembro – tinha os cadernos e de um escrevia até vinte, até cinquenta, assim tudo nos cadernos. Tinha cadernos e livros, mas era tudo em polonês. Acho que no último ano, com dez anos, já era em português... Lembro um pouco que tinha as tabuadas e a gente fazia continha. E, o negócio de “matimática” eu sabia, escrevia tudo que tinha no livro.

[56] A imagem é do antigo “Colégio das Irmãs”, construção em madeira, que localizava-se perto da atual padaria Kosinski, na Avenida Ozy Mendonça de Lima. Em 1915 a Irmã Estefânia Goniakowska comprou o terreno em frente à igreja e em 1942, a Irmã Severina Noga, nova coordenadora da casa, começou a construção do atual Colégio Imaculada Conceição, inaugurado em janeiro de 1944. (FARAH, 2012). As freiras exerciam várias tarefas na cidade, ajudavam as paróquias, organizavam missas e administravam o colégio.

A gente estudava o que podia, porque chegava em casa já tinha outro problema, tinha que ajudar os pais. Eu não me recordo bem porque isso já faz alguns anos, mas lembro que a gente falava e escrevia em polonês, era tudo em polonês e os meus pais também falavam polonês. A mãe nasceu aqui, mas o pai veio com seis meses da Polônia.

Então a gente lutava, ia no primeiro, depois segundo ano a mesma coisa, terceiro até quarto ano. Na escola as irmãs ensinavam teatros, a gente fazia teatros, tudo em polonês. Eu lembro num teatro que eu estava presa com as correntes, acorrentada. Minha mãe falecida chorou tanto quando foi ver o teatro das irmãs!! Até hoje eu sei o canto. Eu estava assim parada em pé (dona Natália levanta-se e fica em pé para mostrar) estava presa, acorrentada num asilo. Tinha uma Nossa Senhora e então comecei cantar:

Otacza mnie więzienie dziś,
Otacza smutny żal.
Do Maryji wznoszę dłoń...

Tradução[57]:

Estou na prisão hoje (Estou cercada pela prisão hoje)
Rodeia-me arrependimento triste.
Para a Nossa Senhora eu levanto a minha mão...

Então aquelas correntes estavam presas assim em mim. Eu me lembro até hoje, depois continuavam os cantos...

A gente estudava até o meio dia e tinha recreio depois voltava pra casa. No quarto ano eu estudei o dia inteiro, até o meio dia, depois do meio dia. A noite tinha que estudar em casa também. Isso tudo a gente passou...

Quando completei dez anos a gente tinha que trabalhar, tinha que ajudar o pai, porque eu era a mais velha de casa. Então o pai fazia a roça, a gente tinha que ir

[57] Tradução realizada por Magdalena Linde Tosetto.

trabalhar na roça também e em casa fazer tudo... Tirava leite das vacas, fazia todo o serviço, pra depois ir à roça. Era assim, muito cansativo...

Lembro da minha professora, a irmã Ângela, o resto eu não me lembro. Eu entrava e cantava com as minhas amigas também no coro na hora da missa. Na escola tinha mais salas, não era uma só. Mas agora não rezam mais, né? A gente chegava e tinha que rezar. A gente escrevia no quadro... os números, as letras, tudo, e cada um que a irmã mandava tinha que ir lá no quadro escrever.

Meu pai dizia que de todos os filhos que ele tinha, os únicos netos que sabiam falar em polonês eram os meus filhos. Tinha a minha irmã que morava em Irati e já faleceu então meu pai ia lá e queria falar com os netos e eles não entendiam e não falavam nada, dizia que eram tudo *negierki*, tudo *negierki*[58]*.* A gente passou muita coisa nessa vida...

No último ano foi em português porque disseram que era obrigado porque nós estávamos no Brasil. Então era obrigação nossa aprender em português... Daí entrou os professores e professoras e as irmãs sumiram, não sei se ainda tem aula com as irmãs, acho que agora não tem mais, só se lá na Polônia...

No quarto ano mudou a professora, a gente tinha que saber ler em português, já tinha os livros, mas o polonês nós conhecemos até hoje, que nem em português. Enquanto eu enxergava bem e podia ler, eu lia a Bíblia e tudo, mas agora enxergo mal por causa da vista.

Foi proibido depois cantar o hino e escrever em polonês nas escolas, tudo sumiu, não tinha mais escolas polonesas nada, porque quem estava no Brasil tinha que estudar só em brasileiro. Estava proibido sim... queimavam os livros que tinha assim.... Mas muita coisa a gente não sabia o que acontecia porque em casa cada um tinha o seu compromisso, ajudar os pais, em casa era uma coisa, e na escola já era outro compromisso.

Quando passou do polonês para o português eu não tive dificuldades porque eu já sabia. Nós morávamos na *Colônia Iguaçu*, no meio dos Bizinelli, e todos falavam em português, até italiano eu sabia falar. Então não era difícil, a gente já sabia escrever e tudo.

[58] Esta palavra não consta em dicionário polonês, pois algumas delas foram se adaptando à realidade da época. Contudo, tem o sentido de negrinho, caboclo. (Tradução Evaldo José Drabeski).

Sim!!! Eu ia a pé para a escola. De casa dava quatro quilômetros até a escola. Uma vez quando estudava o dia inteiro, ia voltando da escola a tarde, eram cinco horas, veio uma tormenta muito forte. Passei aquele campo e rua, minha mãe coitada veio com manta e guarda-chuva, eu cheguei tremendo, já estava escuro, escuro. Já pensou o que a gente passou naquela tormenta forte? Por isso desde a infância até hoje tenho medo de tormenta.

É, mas já passei tanta coisa na vida... Dia 30 de agosto fiz noventa e seis anos. Nasci em mil novecentos e dezesseis... Meu irmão mais velho Lúcio trabalhava na roça, depois tinha as mais novas, a Helena, Filomena, mas elas já não queriam trabalhar na roça. Então a falecida Dona Broncha Ignachewski levou minha irmã porque ela só tinha uma filha chamada Lídia, e dava tudo pra ela só pra ser companhia da filha. E a Filomena enquanto eu trabalhava na roça tinha que trabalhar em casa. Cada um tinha o seu compromisso.

Até hoje rezo em polonês, o Pai nosso, Creio em Deus e os dez mandamentos. Eu sei rezar também em português, mas aprendi assim então rezo em polonês... Na escola quando foi proibido tive que rezar em português também. O hino também tinha que cantar. Eu fui no jantar dos poloneses esse ano e cantei o hino inteirinho junto com uma moça. Ela se admirou e veio me abraçar. Todos se admiraram em me ver cantar o hino em polonês. Eu sei o hino em polonês e em português, os dois eu sei... Mas meus filhos não sabem falar mais nada em polonês.

Minha sogra falecida sempre conta que quando ela veio da Europa, aqui era mata virgem. Vieram de navio e aqui era só rio, e chegaram até lá em cima e depois fizeram plantação em *Rio Claro*. Ela disse que sofreram muito, que fizeram uma barraca, porque ia demorar até fazer uma casa pra dormir, e chegava leão, tigre e para eles não chegarem perto tinha que fazer fogo a noite inteira porque desta maneira eles não atacavam.

Naquela época não tinha avaliação, nem boletim, nem prova, não tinha essas coisas... nem inspetor, só as irmãs que eram as professoras. Depois quando fui fazer o quinto ano o meu pai não me mandou mais estudar e me colocou na roça pra trabalhar.

Ih, meu Deus! Você precisa de livros e cadernos? Eu não tenho mais nada de livros e cadernos em casa. Quando a gente tinha os filhos pequenos, tinha malas e livros. Mas a criançada pegava pra brincar. Quando fui aprender a costurar e tinha os

figurinos, tinha dois, três filhos pequenos e colocava-os no berço, dava aquele figurino, brincavam com isso e rasgavam. Tinha um tempo, quando estávamos em outra casa em que tinha o sótão, os filhos pousavam lá em cima. Tinha um baú cheio de cadernos da escola, mas eles fizeram uma fogueira com eles. Queimaram tudo.

Não tenho foto Rosane, porque naquele tempo, a primeira vez que eu tirei foto foi quando me casei e de criança não tenho, não... Os pais assim davam duro, era pesado, meu pai trabalhava na roça e era ferreiro e meu marido também era ferreiro. Então ganhava aquele dinheirinho e vivia do que plantava, não comprava roupas, assim a gente andava bem vestida, eles cuidavam da gente, mas o resto não tinha nada, tinha que trabalhar.

Você quer saber se tinha lição de casa? Não tinha lição para casa, o que tinha era feito na escola. Eu era boa de continhas. Gostava e sabia fazer conta e até hoje a gente se lembra... Tem lembrança assim de uma conta que a gente tem que receber ou pra pagar, eu me lembro tudo ainda, graças a Deus...

Nos anos trinta, veio aquela Revolução[59] do Rio Grande, os gaúchos vieram atacar então minha mãe pegou e arrumou tudo, pão e broa e fomos para a chácara nos esconder por causa dos bandidos, os gaúchos que iam atacar as casas. Vieram lá da colônia e a polícia daqui de São Mateus ficou na esquina esperando, eles fizeram as valetas, e esperaram os gaúchos vindo com as tropas. Os gaúchos entravam nas casas e gritavam assim: – Viva Getúlio Vargas! E tinha que falar – Viva! Um vizinho nosso não quis falar e eles entraram com cavalaria dentro de casa e os expulsaram. Os gaúchos fizeram muita bagunça. Houve um tiroteio, nós tínhamos que nos deitar no chão... O pai disse: – Deitem-se no chão!! Até perfurou as casas de tanto tiroteio que deu... Nessa época eu não estava mais na escola, tinha uns quatorze anos, nesse dia estava em casa.

É.... mas às vezes eu falo para os outros, digo que não estou acreditando na minha idade, noventa e seis anos. Lembro-me dos meus avós que vieram da Europa, acho que meu vô também chegou perto de cem anos, só que eles eram muito sofridos, então a pessoa que trabalhou, que sofreu com falta de muita coisa fica acabado antes. Minha vó não podia nem andar mais, o vô andava de quatro, eu tinha parece que dez ou doze anos, me lembro bem dos meus avós...

[59] Na revolução de 1930, os destacamentos revolucionários, usavam o pretexto de “patriotismo” para saquear os comércios e manter o exército, levavam cavalos, carroças, alimentos, e mercadorias.

A gente tem alguma história pra contar... Esses dias veio o Jaime Staniszewski na minha casa, ele sempre vai pescar no rancho com meus filhos. Um dia ele veio na minha casa e me perguntou qual era o segredo que eu tenho de viver tantos anos assim. Aí eu disse: sabe Jaime, pra você viver bastante você tem que perdoar o que você deve! Perdão! E se você tem algum vizinho, ou parente, primo, o pai, a mãe, você tem que perdoar a todos porque se te fizeram mal, perdoa eles. O perdão em primeiro lugar. Esses dias vi na televisão a mesma coisa que estou dizendo, que a gente tem que perdoar. Se você tem raiva de uma pessoa ou do vizinho, do parente, ou da sogra, tem que perdoar. E o Jaime deu risada...

7.2 DANUTA BRONGIEL JANOSKI

Essa vida é uma viagem,
pena eu estar
só de passagem.
Paulo Leminski

Entrevistamos dona Danuta Brongiel Janoski de 82 anos na casa dela no dia 25 de novembro de 2012. Ela nos contou que a casa tem mais de cinquenta anos.

FIGURA 21- Danuta Brongiel Janoski
FONTE: Foto tirada pela autora em 25 de novembro de 2012.

Eu nasci no ano de 1929, vou completar em dezembro oitenta e três anos. Eu nasci em Marechal Mallet. Depois de lá meus pais vieram morar em São Mateus. Meu pai comprou um terreno na *Colônia Iguaçu* e morou muitos anos ali. Depois me casei e vim morar aqui nesta casa, faz sessenta anos que eu moro aqui e sessenta anos que sou casada. Lá onde eu morava ficou com meu irmão, o Ervino que é dono de um mercado. A gente sempre batalhou, sempre fui dona de casa e meu esposo era construtor.

Quando morei na *Colônia Iguaçu* fui pra escola com seis anos. Meu avô é quem queria muito que eu estudasse. Ele é que fez “força” pra eu estudar.

Meus avós maternos vieram da Polônia junto com um casal de filhos, que era minha mãe e meu tio Alexandre, os outros dois irmãos nasceram no Brasil mesmo. A minha primeira professora do primeiro ano era a irmã Constância, me lembro bem da cara dela, depois eu fui pro segundo ano. Apareceu um professor polonês, o nome dele, se não me engano, era Josef Issakowicz, não tenho certeza, mas acho que era esse o nome. Ele dava aula onde é a praça do Carvalho hoje. Tinha um Clube chamado Unbenau, mas antes era uma sociedade, a Casimiro Pulaski. Embaixo era clube, em cima eram as salas de aulas, eu estudei lá. Mas no segundo ano proibiram as escolas polonesas, já não ensinavam mais em polonês, então voltei pro Colégio das Freiras outra vez. O colégio ficava onde tinha um posto e agora tem a padaria do Kosinski. Lá que era o colégio, era lá que a gente estudava. Então passei pro terceiro ano, a irmã Constância dava aula pra mim no primeiro e no segundo ano e a irmã Silvia dava aula no terceiro ano, ela dava pro terceiro e dava pro quarto porque tinham poucos alunos. Quando eu estava com doze anos eu saí da escola porque nós morávamos na colônia e era muito longe pra vir da *Colônia Iguaçu* até São Mateus, então desisti.

Meus pais diziam que a gente tinha que fazer lavoura, tinha que trabalhar para poder se sustentar, não é igual agora que tem tudo, o governo ajuda, naquele tempo não ajudava em nada. A gente ia pra escola descalço, não tinha dinheiro para comprar um caderno, tinha que comprar borracha, essas coisas... Então só o pai não vencia, as crianças tinham que trabalhar. Então nós trabalhávamos... Quando nós vínhamos pra escola... eu e minha irmã, trazíamos leite para vender para poder comprar o material da escola. Trazia leite o mês inteiro, para no final do mês ter dinheiro, para comprar umas roupas, comprar essas coisas, porque só a lavoura não dava, pois

éramos em seis filhos, mais o casal, oito pessoas. Um pai só pra trabalhar não dava. Era isso, assim a minha infância...

Estudei até o quarto ano, comecei com 6 anos, acho que fiz dois anos no segundo ano. Foi isso aí. Eu não estudei na *Colônia Iguaçu*. Estudei no colégio e depois tive um professor que apareceu pra dar aula em polonês, ele dava aula no antigo Clube Unbenau que antes era escola. A escola não tinha nome, era uma Sociedade. Os pais é que pagavam a mensalidade, meu avô e a minha família eram sócios. Nesse Unbenau, embaixo era a sociedade e em cima as salas, a escola. Você subia uma escada e ia lá pra cima e embaixo faziam os bailes.

Estudei dois anos em polonês então proibiram... O Getúlio Vargas que proibiu. Não podia mais estudar em polonês, nem falar nada, nada... Estava proibido, mas em casa a gente sempre falava.

Depois fui pra escola ali onde é a padaria Kosinski, e ali era ensinado só em polonês. O meu avô era muito amigo do professor, ele não gostava das freiras. Ele dizia que “aquelas mulheres não pitavam nada”, ele dizia que as mulheres não mandavam em nada. Tirou-me do colégio, me pôs lá no Unbenau, lá o professor ensinava em polonês, daí quando tudo voltou ao normal voltei pro colégio onde era o antigo Unbenau. Depois que meu avô me tirou da escola onde hoje é o Kosinski, lá não voltei mais. Lá na escola onde é o Kosinski e no Unbenau quando podia estudar em polonês eles davam aula em polonês, depois toda parte teve que ensinar o português. Meu avô queria muito que eu estudasse onde homens ensinavam, não mulheres, então fui onde homens ensinavam...Naquela época era assim....

Na escola onde era o Kosinski tinha o primeiro ano, a Irmã Natália é quem dava aula lá, depois, tinha o segundo ano que era a irmã Constância, mas como tinham poucos alunos no segundo, então ela dava aula um tanto para o primeiro ano e um pouco para o segundo ano, sabe? Daí você tinha que ler em polonês e tinha que ler em português, tinha que ter dois livros. As coisas eram simples antes, era matemática, era geografia, era ciências, essas coisas...

Eu gostava de Matemática, gostava sim. Quando meus filhos foram para a escola, tinha aquela questão de problemas que dizia: minha mãe mandou comprar quantas dúzias de ovos, custou tanto, daí eu gastei tanto, o que me sobrou? Tinha que fazer quanto que sobrou...

Você quer saber se tinha que estudar? Tinha que estudar tabuada, começava a do dois, tinha a do três, quatro, cinco, seis, sete, até... dez. A de dez que era boa e a primeira que era boa, que era fácil! Tinha que estudar, tinha que fazer cópia, tinha que decorar pontos... Quando tinha que estudar, a gente ficava até meia noite, lendo, estudando, para poder fazer. A gente fazia as provas, ganhava notas, ou fazia sabatina, sabatina... eram as provas da sabatina... Era assim.

No fim de ano tinha que fazer exame. Acho que as freiras mesmo, a madre superior que fazia o exame. E quando estive estudando lá onde era o Unbenau, era o professor Eugenio Almeida, o avô do Argos, que ia fazer. Nossa que medo! Nossa, dava um medo, mas o fato é que quando eu fiz as provas lá no Unbenau era muito elogiada, ganhei dois livrinhos, dois folhetinhos, um em polonês e um em português. Ah... mas eu gostava sabe, daqueles livrinhos, um era A vida do Jeca Tatu e o outro era Vanda, o nome do livro. Era em polonês. Fiquei anos com aqueles livros, depois sumiu.

Eu não me lembro Rosane se aprendi a Matemática nas duas línguas. Mas acho que só em uma língua. Mais, menos, dividir, multiplicar e os problemas. E os probleminhas tinham bastante, tão fácil!

Tinha livro, caderno e lousa. No primeiro ano tinha a lousa de pedra e tinha a lousa de lata, então meus pais compraram uma lousa de pedra, com aqueles lápis de pedras também. Escrevia bonito, pois tinha uma esponja que apagava. E a lousa de lata era tipo uma folha. Aquilo só riscava, as de pedra eram mais caras, e as outras mais baratas. Então a que o meu pai comprou era a mais cara. Tinha a caneta tinteiro, que você molhava na tinta para escrever.

O professor passava tudo no quadro e tinha que fazer cópia: “façam a cópia tal, assim e assim”. Nossa, mas tinha tanta coisa, umas três, quatro páginas, mais três, quatro páginas!!! Tinha que fazer dever de casa de Matemática, e bastante! Estudar tabuada e todo o dever de casa tinha que fazer pro outro dia, quando ia pra escola precisava saber tudo. Hoje ninguém faz dever de casa. A minha mãe ajudava muito pouco. A gente tinha “meio que aprender na marra”, porque a minha mãe e o meu pai, eles só trabalhavam desde criança na lavoura. Naquele tempo era assim, ia fazer o primeiro e segundo ano, e acabou. No tempo que ela ia pra escola, eles moravam em Guajubira, lá perto de Contenda, lá que ela estudou e lá que ela casou e depois veio pra cá.

Na escola nos feriados a gente fazia as passeatas, à tarde, na rua. Todos os alunos usando uniforme com sainha azul marinho pregueada, e uma blusinha branca e uma gravatinha azul da cor da saia. Então os alunos tinham que desfilar. Todo dia íamos de uniforme, só com o uniforme, não podia ir com qualquer roupa, só uniforme. Eu não tenho foto, pois naquele tempo nem existia fotógrafo.

Nós cantávamos o hino em “brasileiro”. O Salve Lindo e o Ouviram do Ipiranga, esses dois. Cada vez que entrava na escola tinha que cantar. No nosso colégio nós cantávamos o hino e rezávamos. Tinha que rezar e cantar o hino. Fazia os dois...

A aula começava às oito horas, às dez horas era o recreio, e ao meio dia acabava a aula e íamos para casa a pé. Não tinha essa facilidade igual tem agora.

Eu gostava muito das Irmãs, elas não eram muito severas. A Irmã Constância era muito querida, eu até me lembro do físico dela, alta, magra, bem sardenta. A irmã Silvia já era do terceiro ano e quarto ano, ela era assim mais arrogante, não era simpática. A irmã Ana também era boa, também só dava aula para o primeiro ano... Acho que tinha três ou quatro freiras naquela época. Tinha uma irmã Edwiges que ela era da farmácia, ela era bem velhinha e fazia remédio para os doentes. Porque o colégio era ali onde está o Kosinski, e a morada das freiras, era ali do outro lado da rua onde é hoje a Pernambucanas. Elas moravam ali.

Na época da nacionalização de Getúlio Vargas não tivemos dificuldades porque meus pais – desde que entrei na escola – meus pais já falavam em português. Minha mãe falava muito bem, meu pai e eu, nós três falávamos, e como fomos pra escola não tivemos dificuldades. Naquela época alguns colonos proibiam os filhos de falarem dentro de casa em português. Era tudo em polonês... Mas nós em casa falávamos em polonês, falávamos em português, e na escola nós entendíamos tudo. Quando passou aquela lei, nós não tivemos dificuldade nessa parte. Mas eu me lembro que esse povo sofria, meu Deus! Tinha uns amigos da escola já, e tinha os bugres que não sabiam, não entendiam nada. Esses polacos assim.... mais radicais... No tempo que eu ia para a escola, tinhas as filhas dos bugres, tinha Machocowski, a Krinski, tinha a Wenglareck e éramos do povo que eram daqui. Tinha a Julinha Skalski, a Mitikoska, a Lidia Ignachewski, só que elas eram as pupilas. Então tinha uma turma que era separadinha. Elas não se misturavam com as pobres, com o povo do interior.

Na *Colônia Iguaçu* tinha escola, mas era no final da colônia. Era mais perto ir até a cidade do que ir para a escola da colônia. Nós morávamos ali perto da Vila

Americana, um pouquinho mais pra baixo. E a escola da *Colônia Iguaçu* ficava lá perto da Anta Ruiva, era bem longe. Pra chegar na Anta Ruiva passava onde era a olaria do Cintio Budzinski, e ia embora até chegar à escola, então pra nós aqui era bem mais perto vir até a cidade.

No tempo do Junak, tinha os alunos que praticavam esportes e faziam teatros. Eu assisti uma vez um teatro onde era o Unbenau, e lá na escola da *Colônia Iguaçu* O professor Alexandre, a Dona Sofia, as filhas do Hetka, a Jozima participavam. Não é da minha época, foi bem antes. Depois que proibiram desmanchou tudo. Acho que só a escola do *Emboque* está em pé ainda.

Não tenho fotos nem documentos da época. Quem poderia ter era Dona Sofia. Ela morou 27 anos comigo e era “polaca de polaca”, ela veio da Polônia, e depois viuvou. Ela era casada com o Alexandre Zbisławieski ele era professor e dava aula pra mim. Mas ela já veio viúva pra cá. Ela morava aqui em São Mateus, daí foi pra Curitiba, o professor veio dar aula aqui em São Mateus, proibiram e eles voltaram pra São José dos Pinhais, depois quando ela viuvou voltou pra cá. Ela ficava comigo, eu morava na casa dela, assim bem pertinho e a gente tomava conta dela.

A gente fazia provas, chamava de sabatina. Hoje em dia se fala prova, avaliação e todo mundo tem internet. Ninguém estuda, meu Deus do céu! Eu vejo as minhas netas, as minhas filhas e as do Juvenal também tiraram a faculdade, mas não tinha internet naquela época. Mas as netas têm tudo, estão na faculdade, e tem tudo na internet.

As irmãs eram as Vicentinas e o colégio das Irmãs era de madeira ainda. Bem no lugar que está esse agora. Esse colégio quem fez foi a irmã Severina, só que era mais pra dentro sabe, tinha um pátio perto da rua. Tinha um pé de Magnólia enorme no pátio. Tinha o lugar onde elas moravam, na divisa do seu Romeu Nadolny, que tem uma livraria. Tinha o hospital velho, e a farmácia dela do outro lado. A Irmã Severina fazia pomada Minâncora, essas coisas, a gente ia comprar lá. Se alguém quisesse um xarope pra tosse, a irmã coitadinha fazia “tudo no muque” e vendia pro povo...

Quando as irmãs ensinavam Matemática usavam giz. Não usavam nenhum material concreto, ela fazia tudo direto no quadro: “um mais um, é dois, dois mais dois, quatro, quatro menos um, três”. A gente não usava os dedos pra contar. Era tudo no quadro. Ela passava bastante problemas, e eu gostava de fazer problemas, e a parte de pontos. A gente chamava de pontos. Eu gostava muito de ciências e história. Só

que geografia eu não gostava, como era difícil geografia pra mim, meu Deus do céu, tinha que estudar sobre os rios, os estados... Essas coisas eu não gostava... Naquela época não tinha nada assim de importante, era tudo simples. Não tinha merenda na escola, se não levasse de casa ficava sem. A água era do poço e as freiras levavam um balde de água na sala e ficavam cuidando: “não ponha a mão no balde, não mexa aí...” Cada um tinha seu copinho, a sua canequinha...

Eu acho que não terminei o quarto ano, eu era uma pessoa muito magra, não era uma menina reforçada. Minhas irmãs eram reforçadas, mas eu era mais miúda. Eu tinha muita dificuldade de ir e voltar da escola, e ainda mais carregar a sacola de leite. Nós já tínhamos os fregueses certos pro mês... Entregava tudo e na volta juntava as garrafas e ia pra casa... Antigamente as crianças trabalhavam, hoje em dia não trabalham mais, é proibido...

Acho que já falei quase tudo, da minha infância, da escola... Quase todas minhas amigas que andavam na escola comigo já são falecidas, a Julinha, a Ana, a Lidia Ignaszewki...

7.3 SOPHIA JANOSKI ZIMNY

“Eu era esperta! Hoje em dia estou um trapo...”

A terceira depoente foi dona Sophia Janoski Zimny de 100 anos. Deitada em sua cama, ela nos recebeu no dia 16 de novembro de 2012. Apesar da idade, ela ainda estava lúcida e ficou contente em nos relatar as suas histórias de vida. No dia 17 de dezembro de 2013, com 101 anos, dona Sophia faleceu.

FIGURA 22 - Sophia Janoski Zimny
FONTE: Jornal Aconteceu - abril de 2012.

Eu nasci em São Mateus do Sul e morava na *Colônia Iguaçu*, pois os meus avós eram de lá e os primeiros imigrantes que vieram receberam os lotes nas colônias, que foram repartidos pelo engenheiro Sebastian Schicorski. Primeiro a *Colônia Iguaçu* foi repartida com setenta e oito lotes, com uma estrada de um lado e do outro. Os colonos foram pagando aos poucos as chácaras que ganhavam. A segunda não sei se foi a *Colônia Cachoeira* ou a *Colônia Taquaral*, que era melhor porque a enchente não pegava. Na *Colônia Taquaral* eram só poloneses, mas tinha três casas dos espanhóis, a do Antônio Guerra, o Nevado e o Romão Galega. Não se misturavam com os poloneses, mas eram gente boa. Batiam um fandango! Às vezes vinham da igreja e batiam aquele fandango, não se misturavam, mas a gente era curiosa e ficava olhando de longe eles batendo assim....

Tinha alemão, mas eram poucos, mas não deixaram eles ficarem aqui na colônia e não tinha nenhum alemão, nenhum. Só lá na margem os Prohmann, e os Wolf, mas tinha bem pouco alemães. Eles já eram assim mais educados, mais ricos. É engraçado que as irmãs, entre elas, só falavam alemão, mas para dar aula era em polonês e em português.

O meu pai veio da Polônia e a mãe também, mas meu pai veio já com sete anos. Um irmão dele saiu de lá, era mais velho, mais de dez anos, e ele com sete anos e tinha mais um, o Valentim, tinha mais de três anos, mas morreu o coitadinho

de tifo, e os velhos, os avós vieram também. A minha mãe veio, mas a mãe veio com três aninhos.

Vieram coitados, da Polônia no navio, não sabem quanto tempo... O navio era tocado com a onda então cantavam, choravam, morreu bastante gente. Então era em polonês, ninguém sabia português ainda. Eles falavam tudo bem atrapalhado depois é que aprenderam o português. Então vieram uns brasileiros, muitos aprenderam a falar polonês pra ajudar os coitados. Mas eu acho que algumas pessoas não queriam aprender, pois a minha mãe falava, falava antes do que nós, porque ela morava junto. O pai trabalhava numa fazenda e ela foi também, depois casou e foi pra lá, junto com os brasileiros e ela já sabia falar em português, mas não ensinava nós em casa em brasileiro, só polonês.

Mandaram o meu pai para *Água Branca* e tinha um padre e uns três ou quatro meses o padre foi pra lá e ensinou ele um pouco, ele já conhecia as letras, e depois foi sozinho estudando. O meu pai aprendeu em português, também sozinho. Ele era assim, inteligente, e gostava de ajudar a escola, o nome dele era Adão Janowski e da minha mãe Catarina Hetka. Depois ele ajudava a ensinar os piás no Unbenau. Mais tarde ele fazia reunião “umas par de vezes”, era presidente.

Casei com 22 anos, não queria casar antes. Tinha rapazes assim que queriam casar comigo, mas eu gostava como irmão. Não podia gostar pra ser casada. Porque às vezes tinha uns rapazes bons, mas o pai bebia. E eu tinha medo de bêbado que nossa! Tinha até um professor que queria casar comigo, mas eu não queria. E depois os meus irmãos casaram os três, e a irmã mais nova do que eu. Mas ela queria casar antes, e eu disse: – “Então case, eu fico pra depois.” Fiquei só com o pai e com a mãe, e eles pegaram uma criança pra criar. A mãe pegou, porque nós éramos quatro já, tudo grande e criaram essa criança, deu serviço, porque vivia doente. Mas entregou toda a herança, tudo, tudo, tudo foi pra ele. Ele está morando lá no *Emboque*, ficou fazendeiro com não sei quantos alqueires, cento e pouco acho. Daí distribuíram a herança já, mas assim....

Do passado eu lembro bastante coisa. Lembro da minha irmãzinha, quando morreu, acho que tinha uns três anos... Eu via a cruz e me admirava, ficava olhando assim e pensando por que eles pregaram esse homem na cruz? Quando morria alguém primeiro vinha na igreja avisar o padre e levavam a cruz na casa. Quando era

perto, traziam o caixão, o defunto e a cruz na frente, e o povo cantando em polonês. Mas agora trazem de carro e pronto, mais fácil.

A escola que estudei era das Irmãs, das freiras, mas não tinha nome. Não tinha nome... Era na frente da loja do Crisanto, perto da Ótica do seu Araldo, por ali... No primeiro ano da escola tinha lousa, davam esses lápis, aqueles pequenos, com tinta. Cada um tinha o seu canteirinho com a tinta, nos quatro bancos. Mas só depois quando aprendemos a escrever no caderno, antes não davam.

As minhas professoras eram as irmãs de caridade. Então, uma era cozinheira e as outras davam aula. Tinha aula sempre de manhã, até as três horas, às vezes quatro, conforme... Tinha quatro salas que eram duas do primeiro ano e segundo, a segunda era terceiro e quarto e mais uma que era só de brasileiros, tudo no mesmo prédio.

O governo não ajudava nas escolas e os poloneses é que tinham que se reunir, construir a escola, pagar o professor... Comida na escola só tinha lá de vez em quando, quando tinha a primeira comunhão. A gente estudava na escola, na igreja com as freiras, o padre dava a catequese pra nós e se ele não podia vinha a irmã. Entrei em setembro e já em novembro, dia 11 de novembro, fiz a primeira comunhão com as outras crianças. Então pediam pra gente ajudar e levar trigo, ovos, leite, azeite para fazerem as comidas. Davam o café da primeira comunhão, bolo, mas o povo é que mandava.

Se eu tive aula em polonês? Eu tive aula em polonês e português também. No começo a gente não sabia nada, nada, porque em casa os pais só falavam em polonês, então a gente só aprendia a falar polonês. Depois quando fui para a escola foi fácil, mas depois começou a “macetar”, tinha o polonês e português.

As freiras que deram aula em polonês eram as irmãs Josefa, a Xandra – essa era boazinha, ela já está no cemitério – tinha a Vitória, tinha a Ângela. A irmã Ângela dava aula mais de português, pro brasileiro. A Vitória em polonês. Como eu cantava no coro então andava com essas freiras. Então era só a Vitória, Helena, Maria Regina...

Tinha cartilha do ABC. Acho que ainda tenho o livro da última classe da nossa pátria. Tinha livro de aritmética, mas já mais adulto, na terceira e na quarta, no primeiro não. Era só assim, só aprender as letras. Uma vez perguntaram a um colega, quantos dedos você tem? Ele não sabia nem contar, 1, 2, 3, 4... bom, então se você tem 5

balas, vem dois amigos e querem essas balas, como é que você vai repartir? Ah, eu dou duas pra um, e duas pra outro, e uma vai sobrar pra você, né? Uma bala... É, mas daí como é que faz pra dar certo? Você tem que tirar. Nós sabíamos por que era muito simples, mas valeu...

A gente contava nos dedos, e tinha na parede assim, uma camada de umas bolas e outras de outras bolas, umas vermelhas e outras pretas, a irmã ia uma com a outra e perguntava: “Quantos são? São dois.” Mas assim, era bem simplório. Ensinavam tabuada, mas primeiro é menos e mais, depois que era mais... Multiplicar e dividir eram mais no terceiro ano. Que pena, a gente podia guardar esses livros.

Tinha um professor polonês que só dava aula para os piás, porque ele era muito nervoso, ele não aceitava meninas, só os rapazes, a piazada, menina não aceitava. E depois veio um que era da Polônia mesmo, da Primeira Guerra Mundial que até foi baleado. Ele aceitou dar aula, só que dava de um lado para as meninas e no outro lado para os rapazes, na mesma sala. Depois ele não pôde mais ensinar, porque veio aquela eleição do Getúlio com João Goulart[60], o Getúlio que ganhou, e já prejudicou tudo. Então ele proibiu polonês, era só português. Até na igreja o padre não podia falar em polonês, nada, nada...

Veio um professor três vezes por semana dar aula, mas ele só dava leitura e ditado. Era professor particular, um amigo do meu pai, era casado, eu lembro que eles não tinham filhos. Ele tinha uma conta pra pagar, porque comprou uma chácara. Então eles ficaram com a gente três anos, e o meu pai dava tudo, comida e tinha uma casinha separada para ele. Ele tirou um curso e passou, porque tinha que passar no curso brasileiro, ele já falava bem e aprendeu rápido. Era bem inteligente, bastante inteligente. Teve o professor Nenê Wolf que era brasileiro, mas foi mandado embora, depois dele o professor Alexandre Zbisławieski e a Sophia Soles também. Após a guerra acho que o professor Alexandre se “sentia” muito, e tinha que ser de gente rica, porque ele falava cinco idiomas, pobre não faz isso. Acho que ele preferia não falar sobre isso. Ele é quem morava com a gente e dava aula para nós no *Emboque*, ajudava meu pai, fazia tudo, tudo, até sapeco[61] fazia. Ele era muito bom, por isso até

[60] Somente em 1953, Vargas nomeia João Goulart (Jango) o novo Ministro do Trabalho. No dia 2 de setembro de 1961, o sistema parlamentarista foi aprovado pelo Congresso Nacional. No dia 8, Jango assumiu a presidência.

[61] Sapecar – v. Queimar rapidamente; chamuscar; torrar; tostar. (HOUAISS, 2009)

prometi que quando ele morresse iria rezar por ele e acender uma vela. Uma vez ele disse assim pra mim: “Dona Sophia, enquanto eu viver, não vou me esquecer da senhora”. Ele morreu em São José onde morava, em Curitiba, quando estava indo para o serviço caiu na rua, caiu morto, deu infarto nele.

Lá no mato, aquela escola particular era só nós três ou quatro. Era só nossa. No inverno, nós trabalhávamos, a gente jantava, lavava a louça e ia à minha casa onde tinha uma mesa bem grande. O professor dava aula, umas três ou quatro horas às vezes. No verão era muito quente, então depois do almoço a gente lavava a louça e ficava lá até duas e meia, três horas. Era particular, aquele era só nosso, eu já era mocinha quando tinha aula particular. Depois da escola a gente ia trabalhar, carpir, arrumar as coisas...

Quando nós morávamos aqui na *Colônia Taquaral*, um fazendeiro falou pro pai que queria tanto que ele fosse pra fazenda lá então nos mudamos, de lá nós estávamos no Chico Janowski, ali perto onde tem aquela fábrica de mandioca na estrada que vai pro Triunfo. Então nessa primeira estrada, quando vê que tem aquela água maior, morávamos na frente. Era de lá que nós vínhamos para a escola, e o pai morava com a mãe lá nos mato. Mas nós a cada duas semanas íamos para casa. Mas não aprendia outra língua, só polonês e português. Eu tive aula com as freiras, depois com o professor particular na escola particular. O meu irmão mais velho era até pra ser um guarda-livros[62], ele tirou o curso quando eu já tava aqui. Ele já era mais de idade e era muito inteligente.

Tinha o professor Turjanski, ele era polonês também. Não podia fazer barulho na escola, tudo tinha que ser quietinho. Se fazia bagunça já ia no canto, se não pra fora... Tinha um professor que batia nos alunos, era o Valdek Duranski, a piazada tinha medo dele. Mas a piazada são malandro, né? Bem mais do que menina, e ele bateu no Miguel Pularski, que eram parentes do Sansonowski. Ele bateu com a régua tão forte que quebrou o braço dele. Mas antes machucou. Acho que o pai deu uma surra, porque não estudou e apanhou. As freiras também batiam... batiam de sair sangue. A Iaja tava, aquela coitadinha, tão bonitinha e boazinha que era... Era tudo Nadolny, mas nós abusamos, porque a Irmã deu um trecho em brasileiro para nós decorarmos, depois de um tempão ela não perguntou mais, e nós abandonamos e

[62] Guarda-livros – s.m. Empregado que registra o movimento comercial de uma ou mais firmas; contabilista; contador. (HOUAISS, 2009)

esquecemos. Ela chegou e nos pegou de “supetão”, só que chegou já na metade da aula, então não pegou todas, só algumas. Ela bateu nessa menina com essas varas de marmelo, aquilo é rijo, não quebra. Coitada, foi de sair sangue das pernas. Apanhou, coitada daquela, daquela e da Suzana.

Mas era assim.... fazia as contas, e o primeiro ano era só do ABC. A primeira classe só pra conhecer as letras, não é? Eu tinha oito anos mais ou menos, o meu pai, ele trabalhava assim, e todos nós pegávamos no serviço pesado, ia para roçar, fazer erva, mas eu ficava mais com a mãe e ia pra escola que dava não nem bem 2 km daqui...

Tinha o exame de aritmética também, mas bem simples. Não tinha gramática nem nada, era assim simples. Eu gostava de aritmética e ia bem na escola, mas agora a gente já está com mais de cem anos... Não sei por que eu vivo tanto, meus irmãos morreram tudo novo...

Como a gente ia pra escola? A gente ia a pé para a escola, a gente era pobre, vestia-se como podia e às vezes tinha gente que ia até descalço e não davam merenda, a gente tinha que levar. Tinha gente que não tinha pão, trazia uma batata assada. E tinha pobre, gente bem pobre. Não tinha agasalho, nada, ia tremendo. Agora vão buscar a criança e ainda dão ajuda, essa... bolsa-escola...

Fizeram uma escola na *Colônia Cachoeira*, o problema é que essa escola não registraram. Depois organizaram uma sociedade de juventude, a gente jogava vôlei, e nós que aumentamos, nós mesmos, a juventude aumentou mais de três metros a escola, pra nós fazermos palco, teatro... Mas depois a maioria casou e depois ficamos sem a escola, porque não me registraram o prédio, e o prédio era bom. O Alberto Janowski, carpinteiro, é quem fez a escola, era uma casa grande, faziam reuniões, faziam baile, mas às vezes dava briga, então quase evitavam fazer.

Na escola da *Colônia Cachoeira* tinha uma casinha que a freira, a irmã Felícia, ia dar aula, na Colônia, acho que dava uns quatro a seis quilômetros. Ia com uma carrocinha, um piá que levava, mas com chuva não ia porque era longe, quando estava frio ela também não ia... e chegava lá já quase oito, nove horas e dava aquela aula, às vezes as crianças se reuniam, mas a irmã não ia... Era um sacrifício e ela coitadinha, ela ia... Mas ela sempre ensinava, ajudava eles. Porque era tudo longe, a escola pra vim de lá dava 8 km, o meu marido vinha com dois rapazes, um Wenglareck e outro não lembro, vinham a pé pra escola no Unbenau, no Casimiro Pulaski. Mas

eles sempre escreviam assim, mas muito mal, muito mal, mas sempre servia, eu era mais adiantada então ajudava. E o pai, depois, ele organizou, junto com os amigos, com as pessoas na colônia, tinha o negócio lá dos Toporowicz. E como eu posso dizer... fizeram pressão para fazer uma escola bonita. Ele disse: “Tem tanta criança perdendo tempo e tudo né?” E aí, esses nossos amigos, um deu pinheiro, outro deu imbuia, e se reuniram assim, e fizeram uma escola muito bonita, grande e tinha bastante criança. Você queria uma fotografia? Podia ter uma fotografia, mas depois meu pai morreu e deixou pra outro filho, um que criaram, deixou tudo e disse: “Não peguem nada, que fique tudo pra ele.” Então não peguei, mas bem que eu podia pegar, tinha fotografia de todos.

Eu lembro de uma vez na *Colônia Cachoeira*, o professor sabia dançar Cracoviak, e ensinou a dançar Cracoviak. Primeiro as crianças da escola dançaram todos fantasiados com traje da Polônia, branco e vermelho. Depois nós que éramos grandes dançamos o Cracoviak.

Depois que ficamos dois anos no tio Chico Janowski e saímos da escola, fomos lá pro *Emboque*, a 15 km daqui onde era a fazenda. Tinha só quatro famílias polonesas e esses coitadinhos dos caboclos[63], mas eram gente boa só que assim, eles não gostavam de água, eram meio sujos. Mas eram gente boa pro serviço e tudo. Lá era bom pra morar e tinha uma escolinha da Elpídia Pacheco, mas lá onde nós morávamos não tinha crianças, acho que só um rapaz deles. Então o pai de novo, organizou outra turma, e disse assim: – “Vamos fazer uma escola aqui no *Emboque*?” E fizeram uma escola de novo. Juntaram o povão que obedecia ao pai, porque por primeiro ele ajudava, e fez outra escola. Mandou fazer outro prédio bonito, também o mesmo carpinteiro que fez a escola bonita. E agora não tem nada lá, fizeram uma sociedade agrícola, com maquinário, debulhador de arroz. Eles se juntavam uma vez por ano pra trocar sementes entre os amigos. Depois, disseram que a última coisa que eles queriam, como já estavam velhos, meio doentes, era morrer em uma igreja. Então tinha uma capela da Dona Ana, era dos alemães, ele foi falar com ela sobre a capela que tinha ali, era de Santa Ana, disse: – “Ana” – e ela era Ana também, já era senhora, já bem de idade. Ele disse: – “Vamos, dona Ana, desfazer a capela que estava mais pra baixo e fazer na estrada que vai para *Fluviópolis*, *Rio Claro*. Vamos

[63] Caboclo – s.m. 1.Mestiço de branco com índio, de pele acobreada; 2.sertanejo; caipira. (HOUAISS, 2009)

mudar, trocar um terreno, e fazer uma igreja?" Ela consentiu e disse: – "E a madeira da capela" – porque era capela grandinha – "aproveita as tábuas, porque vai precisar pra fazer." O pai foi pra *Fluviópolis* e depois eles estavam fazendo casa lá em *Fluviópolis*. A casa, outra igreja e estavam mudando, vendendo. Fizeram nossa casa, esse prédio atrás dessa igreja, mas na estrada principal, era simples assim, estrada de barro. Até hoje está lá no *Emboque*, no alto, casa bonita, igreja com torre e tudo, e lá o padre ia uma vez por mês rezar a missa lá. Meu pai falou: – "Vamos fazer a última agora, a igreja." Mas ficou doente e morreu. O povo chamava ele só de vovô. Quando ele morreu carregaram o velhinho nos braços até a igreja que dava 1 km. Depois trouxeram de carro. Ele era muito querido, ajudou o povo e eles o obedeciam.

Eu jogava vôlei no Junak, acho que já tinha uns 17 anos. Esse vôlei veio da Polônia. Vieram dois instrutores que trouxeram o vôlei. Tinha basquete também, mas o vôlei é um jogo mais delicado, o basquete é bastante correria, bastante tombo. Eu gostava de jogar vôlei e as outras meninas não acertavam a bola. Eu não, eu era firme.

Se eu participei dos teatros? No teatro eu participei só brincando, porque os rapazes não tinham carro. Iam a cavalo lá pra *Rio Claro e Fluviópolis*. Depois de um certo tempo, chegaram no nosso lugar, na *Colônia Cachoeira* para retribuir o jogo de vôlei no *Emboque*. O instrutor parou lá em casa, esse tinha carro.

Eu era uma menina esperta! Gostava de tudo. Os rapazes eram tudo, tudo amigo. Já as outras não se davam. Mas nós já se criamos mais em movimento, na colônia e na cidade. Pra cantar, nossa! Eu ia cantar na igreja.

Tinha lição de casa, mas fazíamos sozinhos. Tinha que aprender e depois vinha o exame. Então tinha a declaração, cada um tinha um versinho pra contar. Ainda me lembro de um piá, era Augustinhak, que era da escola do professor Alexandre e do meu versinho: *Panie bracie, Czy też znacie, Kurpi ród? Niskie chaty, Lecz za katy, Czerstwy lud* ("Senhor irmão, Você conhece, O povo de Kurpie? Casas baixas, Mas dentro, Povo forte") [64].

Tinha o Budinski padeiro, os gêmeos, o Vicente e o Jorge, eram pequenos, quando tinha o exame o professor ensinou eles assim em polonês, ele perguntava: – "Quem que você é?" Ele disse: – "Eu sou polonês." "– E você quem que é?" – "Eu

[64] Original de: Michał Morzkowski (1816 – 1868). Traduzido por Magdalena Linde Tosetto.

também.” – “Onde mora?” – “Na Polônia, no Brasil, na nossa amada.” Um respondia pro outro e o velho chorou, ficou emocionado vendo que os filhos dele sabiam falar assim: *Wiesz gdzie mieszkasz? W polskim kraju. Jaki znak twój? Orzeł biały.* (“Sabe onde você mora? Na terra polonesa. Qual é o seu brasão? Águia branca”)[65]. E o estandarte era a Águia Branca[66], a declaração.

O exame era no fim do ano, fim de novembro, ou no começo de dezembro. Então o padre e o professor avisavam que vinham assistir o exame. Daí cada um tinha a sua tarefa declarada pra contar. Tinha o Tadeu Hetka, mais velho do que eu, já era da quarta, e eu estava no terceiro e era bem estudiosa mesmo. Tinha que mostrar no mapa os estados e as cidades. Ele chamou o Tadeu para apresentá-lo, pois o professor se dava muito com o pai dele. E o piá bobeou, não sabia. Daí ele disse: – “Sophia, venha mostrar pra ele.” Eu peguei e disse: – “Pará, Belém, Maranhão, São Luís, São José” e assim fui dizendo tudo, tudo e ele depois repetiu. Então tinha que estudar o mapa do Brasil.

Na escola era polonês e português, as duas, mas depois piorou, quando o Getúlio Vargas entrou, daí proibiu o polonês. Aí que o polonês decaiu bastante. Um ano antes das eleições, nas colônias faziam baile, cantavam aqueles cantos em polonês, divertiam-se e dançavam, faziam aqueles carrosséis bonitos! Falava polonês na igreja, todos cantavam em polonês.

Depois quando o Getúlio ficou cinco anos, veio a ditadura. Quinze anos ele ficou e o polonês baixou assim. Na minha época ele não fechou as escolas, só proibiu falar o polonês. Só mais tarde é que ele fechou. Ih, me lembro que naquela eleição teve uma revolta até. Eu já era moça, solteira, eu e meu irmão Estefano que já tinha casado. Era bem na colheita de milho, juntavam os cavalos, alguns começaram a juntar feijão, mantimento. Pois era pra ser uma revolta “da forte”. A primeira coisa que ele e o João Goulart fizeram foi proibir o polonês, o alemão, tudo. Ele queria que tudo fosse só em português. Até a missa e o hino. Se não obedeciam, prendiam até na

[65] Traduzido por Magdalena Linde Tosetto.

[66] Águia Branca – O brasão da República da Polônia é representado por uma águia branca coroada, com as asas abertas, sobre fundo vermelho. A cor branca da águia simboliza a pureza e o vermelho do fundo, sobre o qual repousa, a majestade. Disponível em: http://www.consuladopoloniasp.org.br/publicar/view-simbol.php?id=35. Acesso em: 30/11/2012.

cadeia. Aí que acabou a escola, polonês só em casa. Tinha um livro da guerra, essa última a Segunda Guerra Mundial. Tinha um álbum bem grande que o padre me emprestou, tinha gente de todo tipo. Aqueles rostos separados, aquelas mulheres magras, magras, e os homens...

Eu era esperta! Hoje em dia estou um trapo...

7.4 ADELAIDE LEONARCZYK KOTRICH

"Elas (as freiras) utilizavam coisas da realidade,
da convivência das crianças e davam
importância para aritmética superior à que é hoje..."

Dona Adelaide Leonarczyk Kotrich de 74 anos foi entrevistada por mim em sua casa no dia 31 de novembro de 2012. Ela nos recebeu muito pronta e sorridente.

FIGURA 23 - Adelaide Leonarczyk Kotrich
FONTE: Foto fornecida pela depoente em janeiro de 2014.

Eu nasci em 1938. O primeiro, o segundo e o terceiro ano estudei em Santa Catarina em Três Barras, no Colégio General Osório. Depois vim para São Mateus do Sul e terminei o quarto ano no Colégio das Irmãs. Na época fazia-se o exame de admissão para entrar no ginásio. Mas depois não tive mais condições de estudar, ninguém queria que menina estudasse, porque “menina não precisava estudar”. E eu sempre na “lida” querendo... Só depois que fiquei viúva continuei a estudar.

Quando casei fiquei morando na colônia, trabalhava com pequena agricultura e dava conta do recado, porque naquele tempo não tinha assistente social, não tinha recurso nenhum, se trabalhasse comia, se não trabalhasse não comia. Eu trabalhava e cuidava da casa. No tempo de plantação e colheita, trabalhava de madrugada e quase emendava o dia com a noite, eram dias compridos de verão e eu ficava até bem tarde na roça, tinha gado, porco, chiqueiro, vacas e vendia leite. Eu vinha um pouquinho antes de escurecer da roça para casa para tratar dos bichos, e quando escurecia – não tinha energia elétrica, era lampiãozinho – a gente ia fazer janta, ia fazer almoço para o outro dia, ia costurar – porque não tinha roupa pronta para comprar – remendar, ver o material das crianças para escola... A casa que eu morava era da minha tia e eu morava junto com ela, então eu esperava todo mundo dormir para lavar roupa que era fora da casa, tirava água do poço com manivela. A vizinha Dona Josefa perguntava no outro dia pra mim: – “Que horas você foi dormir Adelaide, pois era uma hora e nós estávamos escutando o barulho da manivela!”. Às vezes eu ficava até 3 horas, 4 horas da madrugada, olhava no relógio e pensava: mas será que adianta dormir, sendo que cinco e meia tenho que estar em pé? Se fosse dia de fazer pão, eu já amassava e deixava prontinho no forno lá fora, na fornalha. Eu não ia pra cama de medo de não acordar. Ficava imaginando se com aquela canseira eu fosse pra cama, será que conseguiria levantar? Eu colocava um cobertor no chão e deitava, mas naquelas alturas já tinha feijão cozinhando, porque eu não deixava o fogo do fogão a lenha apagar...

O meu pai falava em polonês e a minha mãe era brasileira, era Gonçalves o sobrenome dela, mas ela aprendeu com meu pai e falava corretamente. Ela era bem morena e depois a chamavam de polaca também porque dominava a língua polonesa, os costumes, tudo... E virou polaca mesmo.

Quando eu vim para São Mateus, em 1950, o Colégio das Irmãs já era assim como hoje. A única coisa que eles fizeram foi aquela abinha em cima das portas, lá

em cima. Eles reformam tanto, mas não vejo nada de novo nele. Quem dava aula nesse colégio eram as irmãs. Eu comecei a ter aula com a irmã Cecília, que era uma morena bem alta. Depois daquela tinha a Vicentina, ou era Vicenta, qualquer coisa assim. E por último foi a irmã Mística.

FIGURA 34 - Foto das irmãs vicentinas com seus alunos em frente ao prédio do Colégio Imaculada Conceição (Colégio das Irmãs [19--])
FONTE: Casa da Memória Padre Bauer.

Quando estudei no primário tinha boletim, hoje a gente fala prova, na faculdade eles falam a sabatina. Tinha uma folha parecida com o papel almaço, só que ela era firme e dura. Era um papel entre a cartolina e um papel mais grosso. Então, naquele papel faziam a sabatina, nós copiávamos tudo do quadro e respondíamos e tinha um quadradinho que iam as notas. Aquilo valia como um boletim, se algum aluno fosse transferido de escola e de estado como eu fui, aquele era o documento que tinha que apresentar, pois a nota, o histórico, estava tudo ali no mesmo papel. Fazíamos o cabeçalho a punho e ao lado já tinha reservado um espaço para descrições como a avaliação.

Se as irmãs eram muito severas? Elas eram severas assim, se você tinha que cumprir horário, tinha que fazer as suas tarefas. Então para quem não fizesse, tinha disciplina mesmo. Elas diziam assim: – “Eu quero tal coisa, para tal dia”. Por exemplo, eu lembro sempre que na véspera do feriado do dia sete de setembro e depois já em seguida vinha o feriado do dia vinte e um de setembro, o aniversário da cidade, ela

pediu um trabalho pro dia sete de setembro, deixou tudo para ser apresentado no dia vinte e um e alguns alunos não fizeram.

Eu era “virada no que é aquilo”, com todo o sofrimento, vinha lá da colônia, trazia quatro litros de leite nas costas, mala e tudo. Acho que não tinha canseira. Tinha aquele Celso Polak, ele mora lá na Vila Amaral, era nosso vizinho na rua Pedro Kirchner, não posso olhar na cara dele que já lembro que ele sempre ficava enfurnado e sempre mal humorado, nunca dava um sorriso para ninguém. Então eu dizia para ele: – “O boi já tá bravo!” (Risos). E ele queria me matar! (Risos). Eu mexia com ele, porque queria me entrosar, fazer amizade com todo mundo. Mas em vez de passar ele pro nosso lado, eu ofendia. A Romilda Nadolny, eu nem sei onde ela está morando, e a mãe da Gicele, que eram as minhas companheiras, assim, de toda hora. Elas me ajudavam muito porque eu não era uma aluna aplicada, quando tinha trabalho ou outra coisa para fazer ou elas rascunhavam, ou me davam pronto.

Eu andava sete quilômetros até a escola e trazia leite. Levantava de manhã e tinha que correr atrás das vacas, tirar o leite, engarrafar e trazia para o colégio todos os dias. Aos sábados, tinha aula na época e aos domingos vínhamos na missa, para trazer o leite também. Era domingo, mas eles tinham que tomar (risos). Uma coisa que nunca esqueci, depois de 60 anos, foi quando trazia leite para o seu Rui, ele sempre me tratou bem até o fim da vida. Ele sempre falava pra Elinha, e pra minha família que eu era a menina mais bonita e mais gentil. E eu ficava faceira, nunca me chamavam de bonita, todo mundo só me maltratava!! (Risos). Eu tinha uns 10 anos, 11 anos por aí. Nunca esqueci!

Para ensinar Matemática as irmãs não tinham materiais e não trabalhavam com material concreto. A única coisa que tinha era um “dadão” – um dado grande – e uma vez a cada quinze dias, numa quinta-feira, elas estimulavam, por exemplo, soltavam um, dois, então sempre o número maior ficava de um lado e todas as contas que davam para dividir, multiplicar ou dava para somar. Com aqueles dados elas trabalhavam tudo, a gente trabalhava Matemática. Elas iam jogando e faziam a multiplicação. Por exemplo, num deu 6 e no outro deu 4, era 6x4, 4x6 e isso dividido por aquilo. Uma vez jogava e multiplicava, outra vez dividia, às vezes somava e subtraía. Então, trabalhava-se as quatro operações, com os dados.

Depois que a gente aprendia as quatro operações ia para os problemas, normal assim como é até hoje. Tinha uma irmã morena alta, ela ficou bem pouquinho tempo

aqui, aquela gostava de complicar, pois trabalhava muito oral. Hoje as crianças não conhecem mais os bichos daquele tempo. Então tinha um problema assim: lá no sitio do colono tinha tantas vacas – tudo pegadinha – tantas galinhas e cachorros, entre todos, quantas patas tinha? Porque tem a diferença uns tem 2 outros tem 4. E dedos a vaca, o cavalo não tem dedos. Quem tem dedos são as aves... era assim, mais para fazer pensar. Hoje a gente sabe que era um ótimo exercício, porque vaca, cavalo tem 4 patas, galinha tem 2 pés. Ela cobrava muito, de acordo com aquela época. Quando queria saber as medidas de metro fazia assim: – "O fulano fez tantos lances de cerca, cada lance de cerca tinha tantos metros, se num dia ele fez tanto, numa semana fez quantos? Só que elas massacravam a gente (risos), porque era assim, dia, semana e mês. Então se você fez num dia, você fez 4 lances, numa semana quantos e num mês? O mês é fácil, porque era trinta e nada mais. Agora a semana você pode considerar 6 e 7. Esse aí ela não explicava, esse a gente tinha que se virar, os mais espertinhos já faziam, uma de 6 e uma de 7 para garantir e os que eram mais devagar já não faziam. E o que mais de matemática? A gente chamava de aritmética. Era aritmética. E o que mais eu lembro... se da minha casa até a casa do fulano, tinha um quilômetro, quem estava mais perto, mais próximo da cidade? Quantos metros fulano tem que andar, quantos quilômetros fulano tem que caminhar? Caminha mais ou menos que você, então era assim. Outro problema: um senhor estava fazendo um poço – hoje se falar poço não sei se vão saber o que é – quantos metros de diâmetro, quantos metros de profundidade. Trabalhava-se muito também assim com medida de terreno, era alqueire, litro, quarta. Hoje é tudo metro quadrado, né? Não se comprava nas colônias por quilo. Eram outras medidas. Um litro é 1000 mililitros[67] então a quarta eram dez litros, então tem que ver quantos mililitros tem. Um alqueire são quarenta litros, quantos litros o terreno tem? Isso tudo era trabalhado mesmo. Outra medida utilizada era o palmo. Elas utilizavam coisas da realidade, da convivência das crianças e davam importância para aritmética superior à que é hoje...

Antigamente a aprendizagem era pesada, porque a gramática era muito pesada. A gramática era terrível. Elas valorizavam muito, muito, muito, superior ao que é hoje. Porque elas já vinham de outra cultura, não deixavam ninguém falar errado na sala, pois ninguém falava certo. O pessoal que estava mais no meio social falava

[67] A depoente inicia o comentário a respeito do litro como medida de capacidade mas em seguida, fala sobre o litro como medida agrária. Um litro é uma medida agrária antiga e equivale a 605 m^2. A quarta de alqueire são 20 litros ou 12.100 m^2 ou 1,21 hectare.

correto, mas muitas crianças que vinham do interior não gostavam de vir pra aula por causa da cobrança da gramática. Eles achavam que não iriam usar isso, por que tinham que aprender? As crianças das colônias que eram descendentes de poloneses também tinham dificuldades. Como já falei, muitos deixavam de estudar por causa da cobrança da gramática e porque não dominavam a língua portuguesa.

A única escola que está de pé no momento é a do *Emboque*. Porque a da *Colônia Taquaral* queimou, lá na *Colônia Iguaçu* desmancharam, e da *Colônia Canoas* não tenho notícia, eu não sei o que aconteceu. Tinha uma escola em cada colônia.

Quando estudava no primário tinha lousa e caderno, mas a gente tinha que comprar ou encomendar. Os caderninhos eram assim bem pequenos. E tinha lousa. A lousa era um quadrinho pequeno assim e tinha um lápis próprio pra gente escrever naquilo. Não era giz, a gente falava que era lápis de lousa. Então a gente escrevia e apagava, escrevia e apagava, escrevia e apagava... Tinha caderno, mas o caderno era bem pouco usado, para coisas que não mudassem como datas comemorativas, as mesmas coisas que você fez no segundo ano e vai fazer no terceiro.

Tinha uma cartilha de alfabetização e os livros eram muito bons comparados aos de hoje. Porque você tinha que fazer antes a leitura que estava na primeira folha, como se fossem hoje os objetivos e no início explicava o que é que tinha no livro. Mas a gramática era em primeiro lugar. Depois tinha o questionário. Você não passava de uma leitura pra outra sem você saber, não tinha leitura mecânica como hoje. Lê e não sabe o que é. Naquele tempo você tinha que ler primeiro o vocabulário e achava os sinônimos. Tinha o questionário e tinham três avaliações, tinha interpretação, a entonação e a pontuação tinham que ser certinho. A aritmética não tinha livro, geografia tinha. Vinha um livro que era para o professor, eles compravam também não sei onde, e quem tinha um livro guardava por uns dez, vinte anos porque era aquilo, não mudava. Não sei se ciências tinha alguma coisa, eram três matérias que entravam e os questionários que valiam nota. Os questionários eram terríveis. As notas vinham das sabatinas, só português que era mais assim, o resto era tudo questionário. Eram notas que nem hoje são, até 10. Eles somavam as notas de Português, História, Matemática ou Aritmética, fosse lá o bicho que fosse. Somavam tudo e dividiam, então dava a nota de Conhecimentos Gerais, era aquela nota que valia tudo.

A escola que era o antigo clube do Unbenau, a Casimiro Pulaski, ainda tinha na minha época, acho que funcionou até o finalzinho dos anos 50, nos anos 60 acho

que ela funcionava ainda... E tem uma que nem é mais do meu tempo, onde é o fórum antigo, dizem que era uma escola ali bem no centro, acho que não conheci mais nenhuma outra.

Quando comecei a dar aulas, fui a primeira professora da *Colônia Cachoeira*, que hoje é Vila Bom Jesus, só que era numa casinha de morada, bem pertinho onde tinha a antiga granja municipal, por isso a escola ficou com o nome de Granja Municipal. Ali trabalhei uma porção de tempo, mas era uma salinha com treze alunos. Eu morava lá pra cima, acho que trabalhei ali uns sete anos. Depois tive que sair, pois como já falei, eu morava com a minha tia, e devia obediências ao meu casamento.

Quando fiquei viúva voltei a estudar, eu já tinha uns 30, 28 anos acho... Fiz o antigo ginásio, aquele artigo 99. Tinha que fazer exame em Curitiba. Cada matéria fazia uma prova. Eram seis matérias, dessas seis fui duas vezes e fiz três numa e três na outra. Tinha gente que ia matéria por matéria, mas quem me ajudou muito, não sei se você conheceu, foi o seu Damásio Muchak, ele viajava e passava na casa de uma amiga minha no Portão em Curitiba e trazia o material para mim. Vinha bastante material, as apostilas, era um curso muito bom. Eu ia até Curitiba fazer as provas para esse artigo 99. Depois surgiu outro projeto, o nome era HAPRONT[68], mas eu esqueci o que significa a sigla, sei que o "pro" era de Projeto. Foi pela prefeitura na gestão do prefeito Edson Schramm.

Na gestão dele eu queria trabalhar e ele não queria me deixar voltar, na época eu estava fora da escola porque eu entrava, ficava um pouco, e saía, ficava dois anos e saía. Na época fui pedir pra ele pra voltar a trabalhar na escola e ele disse pra mim que eu estava fora da área e deveria fazer um curso, senão não voltaria mais. A sorte que sempre tive boas amizades, a Dona Ione Fayad, as outras professoras que me conheciam, e as próprias professoras que davam aula lá perto, davam o maior apoio. Então voltei, isso era em 1972.

[68] Em 25 de outubro de 1976 foi aprovado o projeto HAPRONT – Habilitação de Professor não Titulado nos termos do Parecer nº 212/76 do Conselho Estadual da Educação e sua execução ficou a cargo do CETEPAR (Del. 045/76). No que diz respeito ao Projeto HAPRONT, que teve início no Paraná em 1976, o objetivo era elaborar um modelo de curso para habilitação à distância de professores não titulados a nível de 2º grau onde estavam em exercício de 1ª a 4ª série. O projeto visava a capacitação de recursos humanos para o ensino de 1º grau onde se verificava a falta de competência de professores não titulados. O projeto envolvia onze municípios no Estado incluindo São Mateus do Sul, e 1020 professores. (COSTA, 2012, p.4807).

Como eu falei, fiquei viúva em 1970, e tinha parado de trabalhar já faziam uns quatro ou cinco anos. Então eu soube que tinha uma vaga no *Emboque*, e quem já teve um trabalho é mais fácil de entrar do que quem nunca teve. Eu pedi uma vaga para o seu Antônio Portes, o prefeito. Ele disse: – "Mas e a condução? Eu falei: – "Condução eu tenho. É só você me pagar as despesas – porque eu tinha jipe na época – daí eu vou de jipe. Ele respondeu: – "Te dou a mecânica, o combustível, tudo o que precisa pro carro eu dou. Agarrei a oportunidade com as duas mãos na hora.

Era uma escola muito mal afamada, me mandaram pra lá, mas eu não era formada ainda. Lá era o bicho, disseram que aluno pulava a janela, que era um terror, que professora nenhuma parava... Quando cheguei, fui conhecer a escola, era verdade o que falavam. A janela toda suja de tanto eles pularem, não passavam pela porta, eles passavam pela janela. Eu olhei, e pensei: tô morta!!! (Risos) Cada piazão maior do que eu. Um deles mora aqui pra baixo, o Nilo. Agora, esse Janik, que faz massagem, que um tempo tinha programa na rádio e tocava violino, ele e esse Nilo aqui, foram meus alunos. E eu tô morta!! Eu pensava. Cada piá maior do que eu. Mas graças a Deus não tive problema nenhum. Daí a gente começou a trabalhar assim, eu tinha 53 alunos, era primeira, segunda, terceira e quarta série, tudo junto. E ainda tinha mães que mandavam as crianças menores pra ir se habituando e tudo. E a gente, não sei se era muito burrinha, pensava, onde tem 53 cabe mais um, então não tem importância. Deu uns dois meses tive dificuldades para conhecer as pessoas e as pessoas me conhecerem. Eu conhecia bem pouca gente lá. Tive um entrosamento, um conhecimento com as pessoas muito bom, muito maravilhoso. Aquela Marilda que trabalhou no Itaú, aquela foi minha aluna. Então a gente começou a trabalhar com os pais e surgiu aquele programa do Mobral[69]. Tinha bastante gente que não era alfabetizada. Comecei a trazer para escola, trabalhar com eles, pro *Emboque* e pra mim foi um sucesso aquilo, pois revolucionei aquela comunidade, com a união das pessoas, pois vinham as crianças e vinham os pais. Tem gente que manda as crianças para aula tantos anos e não conhece o professor. Então eles começaram a me conhecer como uma professora, como pessoa, praticamente uma líder de comunidade. Comecei a trabalhar e aproveitava muito aquele material que veio do Mobral, pois era muito bom. Foi o primeiro material bom que a gente pegou, mas

[69] MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização. Foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização funcional de jovens e adultos. (HADDAD, DI PIERRO, 2000, p.114).

sabendo que era pra adulto. No primeiro passo tinha um cartaz bem grande com um desenho de uns tijolos e as pessoas construindo. A gente trabalhava Matemática aproveitando e se baseando naquilo, pois eu também não tinha grande conhecimento. Depois comecei a trabalhar Matemática pedindo para eles trazerem material. Eles traziam os coquinhos, tampinha de garrafa, coisinhas de casa, carretel de costura... Latinha pequena só tinha latinha de fermento Royal, não tinha outras latinhas... Com sementes eu trabalhava pouco porque os maiores trabalhavam bem, mas os pequenos não tinham habilidade, eu preferia coisa maior. Madeirinha, a gente ia pelo caminho e pegava vareta de paina. A vareta de paina ajudou muito, porque daí eles já faziam desenho com aquilo. A geometria eles aprendiam com as varetas, porque só no quadro eu mesma não conseguia fazer, pois tenho dislexia. Tenho dificuldades em traçar, desenhar essas coisas por isso sempre preferi trabalhar com o concreto do que desenhar, pela minha dificuldade. Eu explicava para os alunos e eles desenhavam muito melhor do que eu.

Os probleminhas também ensinava usando as varetas. A gente até escrevia lá, então eles copiavam, mas já trabalhavam com todas as operações, com vareta, com coquinho... Quando surgiram aqueles primeiros confetes redondinhos vi aquilo e fiquei encantada, eu não conhecia, imagine se eles iriam conhecer porque eu estava mais perto, não estava na cidade, mas estava mais próxima, era só na loja Toppel que tinha para comprar. Aquele balão cheio daquelas coisinhas pequenas, com doze unidades. Nós tínhamos feito um evento na escola e arrecadado dinheiro, então pedi ao seu Leonardo Kruchelski que era o presidente. Falei assim: – “Seu Leonardo queria dar um presentinho para as crianças será que posso e tal... “Ele disse: – “Pode pegar lá que eu pago”. Peguei 55 daqueles, cada um ganhou um, podia chupar bala, mas não podia extraviar o potinho que era como se fosse uma caixa de ovos, só que era pequenininho. Então pensei, mas o que vai entrar nisso aqui? Coquinho, né? E eles passavam nos carreiros lá onde andavam estava cheio de coquinho de palmeira e traziam para a escola. Contavam uma dúzia, meia dúzia... E se de uma dúzia tira dois fica uma dezena. Eu trabalhava a dezena, a dúzia, a unidade, a multiplicação. E com esses dois que sobrava ali, então já de doze tira dois, ficou quantos? E em duas dúzias fica quanto? Você podia trabalhar o ano inteiro com aquilo ali, porque aquele trabalho era infinito, não terminava. Aquelas caixinhas até hoje tem nas lojas, mas elas estão mais bonitinhas, naquele tempo eram grosseiras, eram escuras. Mas era isso...

Quando eu trabalhava lá no *Emboque*, as minhas crianças já estavam no ginásio. Tinha que comprar livro e o seu Egon – eu devo muito a ele – foi a única pessoa em São Mateus que me chamou e disse: dona Adelaide, não precisa comprar material pra Zelde e nem pro Wilson, eu dou material pra eles. Tinha uma professora de português, a Dirce Chico, ela me dava livro e aquilo que não usava mais levava pra mim. Ela trabalhava da primeira à quarta e trabalhava com o ginásio também. A Dona Áurea também era uma professora de português que me ajudava muito. Teve uma vez que trabalhei com o corpo humano, hoje tem tanta coisa, mas naquele tempo era tudo com desenhos. Eu vim e falei: Dona Áurea, como é que eu vou trabalhar com o corpo humano? “Esse é assim e esse é assado” sem um desenho! Eu estava fazendo aquele curso chamado HAPRONT a gente tinha que pegar duas atividades para avaliação de Ciências, três de Matemática, três de cada matéria. E o bicho era o Francês, porque não tinha Inglês, mas eles fingiram que ensinaram e a gente fingiu que aprendeu, não dava nada mesmo... Foi a dona Áurea que fez os desenhos pra mim, e quando fizemos a avaliação tirei a nota integral, porque tudo a Dona Áurea me ensinou... Passou o corpo humano, membros inferiores, superiores tudo... Nossa, eu fiquei “chique no último”, pois levei a matéria pronta e nem o papel ela me cobrou porque naquele tempo o papel não era assim fácil de comprar como hoje.

Eu dava aula para todas as séries iguais, porque a ciências não muda, só tem que falar mais, explicar mais, completar, mas os desenhos eram os mesmos. E a Matemática a Dona Áurea conseguiu um livro pra mim que era de terceiro ano. Era um livro bem “grossão”, tinha umas 500 atividades. Foi o primeiro livro que a gente pegou, mais adiante já tinha os de ginásio e tinha da primeira à quarta, tinha desenho, tinha tudo.

Naquela época tinha bastante exercício, por exemplo: na escola, você trabalhou hoje com o português, gênero, substantivo, essas coisas e mandava pra casa também. Eu sempre trabalhava assim: segunda, terça e quarta, só com apresentações, na quinta a gente trabalhava com a fixação, e na sexta-feira fazia avaliação do que passou. Essa avaliação era tudo dentro daquilo que foi ensinado e as sabatinas a cada dois meses. Então você recolhia aquelas sabatinas e guardava. Daquelas avaliações que você realizava fazia a sabatina porque ali você tinha a matéria do bimestre e tinha as varetas, os coquinhos, tudo o que você tinha ensinado.

Também tinha uma horta boa e aproveitava pra ensinar a Matemática. Se eu fazia um canteiro trabalhava medição, metro. Por exemplo, se planto a cada trinta centímetros um pé de repolho e se o canteiro tem um metro e dez, quantos repolhos vai dar aqui? Usava a largura, o comprimento e perguntava: quantos pés que deu? Na outra semana: se eu tiro três cabeças de repolho por dia, quanto que vai sobrar? Só que com a cenoura não deu pra fazer (risos). Mas beterraba deu, beterraba deu. Depois disso muita gente fez horta em casa.

Dei aula durante quatro anos no *Emboque*. Eu que levantei aquela comunidade. Dei aula no *Turvo* e lá também tinha bastante polaco. Esse menino que é gerente do mercado 70, o irmão dele, o Joãozinho, foi meu aluno, mas que piá inteligente e só falava em polaco, era Wisniewski. Quando aquela professora Leonor era professora lá, os alunos brigavam muito. No *Emboque* a tradição deles era assim mesmo, mas era um povo bom, e no *Turvo* tinha gente ruim. Então passou um dia, dois dias, uma semana passou e eu olhando aquilo e pensando: Meu Deus do céu o que é isso? Aquelas crianças saíam pro recreio e na saída se matando a soco, pra se arrebentar mesmo. Então chamei primeiro o Joãozinho, ele era bem miudinho, então perguntei: João me conte uma coisa, porque que vocês brigam tanto? Não posso contar professora. Também não forcei. Fui conversando, conversando com eles até que me contaram: – "Ah, professora, porque o meu avô não se dá com o avô dele, e a mãe dele não se dá com a minha mãe, então nós “ó” (socos)". Lá fiquei dois anos só. Mas igual aquilo, nunca vi, um massacre tão grande, de crianças se agredirem porque os avós e os pais não se davam. Mas quando saí de lá acabou. Até os pais, até os velhos se conscientizaram porque eles são muito religiosos. Tenho minha fé e tudo, mas não sou assim de estar correndo para as igrejas, essas coisas. Então como naquele tempo tinha que dar aula no sábado comecei a fazer uma reuniãozinha todo sábado com uma oração, porque se falava em oração eles iam. Comecei a trabalhar sobre o perdão, falava o que dizia no Pai Nosso, quem que não quer ser perdoado? Quem quer chegar perante Deus e falar assim: Pai, eu vim aqui, mas não quero ser perdoado, quero que fique como está. Porque no Pai Nosso, a gente diz: Perdoe as nossas ofensas. Então, se você não perdoar teu irmão, teu pai, teu vizinho, sei lá, então você está falando para o Pai, me condena assim como estou condenando meu irmão. E você sabe que funcionou, funcionou... Até hoje eles têm as encrencas deles, mas diminuiu assim 95%. Eu quase “morria de dó” daquelas crianças, eu imaginava

que os meus filhos tinham aquela idade na época e pensava: meu Deus e se os meus filhos tivessem assim, o que eu iria fazer? Os coitados não têm culpa de nada...

A maioria dos alunos era descendente de poloneses, aprendi o polonês nos anos 50, pois quando vim para São Mateus não entendia nada e fui cair aqui no meio dos poloneses, todo mundo falava e eu só escutava e não sabia nada. Tinha umas meninas e comecei a me entrosar com elas, mas eu não conseguia me comunicar porque a gente não se entendia. Então pensei: o que vou fazer pra essa "polacada" falar comigo? (Risos). Não tem jeito. E como vou ensinar tantas pessoas, pois elas eram uma porção e eu era sozinha, então pensei que seria mais fácil eu aprender, porque aprendo ligeirinho... Com pouco tempo, não levou três meses, eu estava me comunicando e muito bem. A Dona Estefânia, dizia que eu tinha estragado as meninas porque ela queria que falassem somente polonês como eles. Ela não queria que aprendessem o português e comigo aprenderam. Não queria que elas aprendessem o brasileiro. A Dona Estefânia dizia: – "Tão tudo falando brasileiro, tão tudo que nem "cabocra"!"

Quando eu ensinava falava em polonês, só que não escrevia porque nunca me arrisquei a ensinar errado. E *jajko, jajko* é ovo, a dúzia é *tuzin*. Um pão pequeno é *bułka* e assim por diante, trigo é *pszenica*, me acostumei tanto que depois eu já estava falando bem. Eu ouço o José Janowski falando polonês na rádio e lembro que eu falava igual, já era automático. Falava em polonês e falava em brasileiro para as crianças entenderem... Daí, assim eles entendiam... Ensinava assim lá no *Emboque* e também na Granja Municipal. Depois vieram os Macucos que tinham uma comunidade deles lá, e por incrível que pareça, todos eles só falavam em polonês. Até hoje eles falam tudo "arastado", eles não conseguem mudar.

Na época da nacionalização, quando Getúlio Vargas proibiu as escolas polonesas, tinha uma senhora chamada Dona Bruna Datwascz. Vinha a criançada de todas as colônias ali na casa dela, vinham de longe e ela alfabetizava, diziam que ela foi uma boa professora e eles tinham certa fineza, uma certa maneira assim que você diferenciava que eles já vieram de um berço diferente. O vocabulário deles, a apresentação deles, era diferente dos demais. Ela trabalhava com alfabetização, ensinava a língua polonesa e o que podia, e amava muito a pátria dela. Ela bordava, costurava e ensinava as meninas a bordar, costurar, fazer crochê e crivo. E na época que foi proibido passavam aqueles cavaleiros, não sei direito o que eles eram, mas

não podia falar polonês e onde tivesse um bloquinho de pessoas falando eles dispersavam e judiavam daquelas pessoas, batiam né? Então eles tinham que fugir e correr. A Dona Broncha, falavam Broncha pra ela porque Broncha é o diminutivo de Bruna, a Dona Bruninha hasteava a bandeira e cantava o hino em polonês, e gritava "Zyje Polska", e "Viva a Polônia"! Os soldados pegavam a bandeira dela, rasgavam, queimavam e consumiam com a bandeira. No outro dia ela hasteava de novo, e colocava outra bandeira. Mas não é do meu tempo, eu só sei a história... Dizem que ela tinha mais de 30 bandeiras bordadas e prontas, porque se eles levassem uma, ela colocava outra. E eles desistiram. Dizem que esses cavaleiros bateram nela, fizeram de tudo e ela não desistiu: "Zyje Polska"! Ela não se entregou àqueles cavaleiros que andavam em oito, doze ou mais e iam derrubando tudo que tinha na frente.

Nesta época os poloneses tinham que se fechar em casa para rezar e cantar em polonês, pois eles eram muito religiosos, então rezavam o terço, as orações, os cânticos, mas tinham que fechar as portas para que lá na estrada não ouvissem, porque se os cavaleiros passassem e ouvissem eles chegavam destruindo tudo.

Nos anos 50, na igreja de São Mateus às oito horas era a missa dos brasileiros, era tudo em brasileiro, até o cumprimento. Às dez horas era só a missa dos polacos. Rezavam em polaco, se cumprimentavam em polaco, e se chegava um diferente lá eles já separavam.

Na rua 21 de setembro tinha uma igrejinha pequena de brasileiros, eu fui lá uma vez, mas eu era medonha, fugi da escola e fui ver porque queria saber qual era a diferença. Por isso não proíbo criança que quer ver, ela dá um jeito e vai ver. Explique e mate a curiosidade dela. Fugi duas vezes da sala de aula das freiras. Uma vez para ir ver a igreja dos brasileiros, e outra vez eu queria saber como é que estavam fazendo a ponte nova. Mas eu fui correndo, não demorei, só fui ver. A igreja era de madeira, pintada de verde, tinha a cruzinha em cima, mas não pude entrar porque estava fechada. No dia 21 de setembro era a festa dos brasileiros e no dia 15 de agosto era a festa dos polacos. Tinha essa divisão, era tudo separado. Eles não se davam muito bem, brasileiro com polonês. Casamento também tinha que ser polaco com polaco. Deus o livre! Deus o livre se uma moça namorasse um caboclo, um brasileiro! Não dava muito certo, os pais chegavam a expulsar as moças de casa. Era a tradição que eles tinham, eles eram muito severos.

Uma vez o meu avô queria comprar uma vaca e tinha os Farias que moravam no local que é os Rosa hoje. O seu Faria queria vender a vaca e passou uma cordinha na cabeça dela e a trouxe para vender. O meu avô tinha dinheiro, e eles se entendiam por mímica, por gestos, só que eram muito justos, eram honestos. O meu avô pegou o dinheiro e os dois sabiam mais ou menos o valor da vaca e foi colocando o dinheiro: esse paga, esse paga, esse quanto que falta? Foi dando o dinheiro pra ele, quando chegou ao ponto que pagou a vaca, ele não pegou mais o dinheiro do meu avô. – "Então está pago a vaca, a vaca é sua, o dinheiro é meu".

Ah, tem o seu Leonardo que mora no *Emboque*... Nunca ninguém o entrevistou. Ele poderia contar mais alguma coisa. Sei que eles trouxeram certa cultura nas bagagens dele. Tive a oportunidade de pegar um dos livros de alfabetização que era dos Boaski. Só que disseram que o seu Virgílio pegou o livro deles e não entregou. Se o seu Virgílio costuma guardar as coisas, está com ele. Então era assim, cada coisa no seu lugar. Era um livro de alfabetização. Não sei se eles chegaram a ser alfabetizados em polonês, mas tem a Dona Antonina Pavoschi, sabe muito também sobre os poloneses

Você quer saber mais alguma coisa? Acho que já falei sobre tudo, a escola, rotina escolar, a família, livro, caderno, sobre a profissão. Acho que já estou dentro do objetivo. Seria bom entrevistar o seu Leonardo[70] porque ele sabe de coisas que a dona Sophia e a Dona Danuta nunca irão contar...

[70] Seu Leonardo Kruchelski faleceu em fevereiro de 2013.

8 E A MATEMÁTICA...ONDE FICA NESSA HISTÓRIA TODA?

8.1 ARITMÉTICA – *"Era tudo muito simples..."*

A pesquisa apoiou-se nos nove volumes dos Anais da Comunidade Brasileiro–Polonesa, principalmente no volume II de 1970 escrito por Ruy Wachowicz, que escreveu "As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil", publicado também em 2002. Outro livro importante que aborda a educação dos imigrantes poloneses no Brasil é o livro de Kazimierz Gluchowski, "Os poloneses no Brasil – subsídios para o problema da colonização no Brasil", de 2005. Encontramos alguns dados sobre as escolas, como as Sociedades-Escolas e as entidades que as mantinham, a dificuldade de os professores e da sociedade em oferecer aos filhos as primeiras instruções, como ler e escrever. Contudo, a respeito de Matemática, não encontramos materiais didáticos e pouquíssima coisa foi registrada nesses livros. Destacamos o livro de Konstanty Lech, professor graduado na Polônia, foi ele quem trouxe importantes orientações metodológicas e didáticas em *Praktyczne Wskazówski Metodyczne – dla szkól polskich w Brazylji* – "Normas prático-metodológicas para as escolas polonesas no Brasil", publicado em Curitiba em 1926, no qual é relatado que as aulas de Linguagem e História, por serem mais "atraentes" deveriam ser ministradas no primeiro horário e no segundo as aulas mais complexas como Aritmética:

> Neste livro era recomendado que na primeira aula, como os alunos ainda não se encaminham mentalmente para o trabalho, era sugerido que "se dessem as aulas "mais interessantes" como linguagem e História, já no segundo horário, que é o mais produtivo, devem-se colocar as aulas mais difíceis, ou seja, de Aritmética. (WACHOWICZ, 2002, p.82).

Havia um conceito já naquela época – em que os conteúdos começavam a ser organizados e a Matemática surgia da junção da Aritmética com a Geometria – de que a Matemática era uma disciplina difícil e pesada de ser assimilada, como consta neste trecho de Wachowicz:

> Fato curioso ocorria com a cadeira de aritmética, matéria considerada pesada na escola primária, para a qual, devido à dificuldade de compreensão rápida e perfeita por parte dos alunos, o ensino era frequentemente realizado de forma bilíngue, o que beneficiava a aprendizagem dos alunos. (WACHOWICZ, 2002, p.72).

O livro *Rachunki dla szkól poczatkujacych* – "Aritmética para escolas primárias" –, em três volumes, de Franciszek Hanas, publicado em 1922, tem o mérito de introduzir nesse campo uma inovação de grande relevância, já que se utilizam de conceitos, pesos, medidas, etc. Na Universidade de Varsóvia há apenas um exemplar deste livro. Franciszek Hanas nasceu em Jaroslaw, Polônia, em 2 de dezembro de 1889. Formado em química, lecionou por vários anos num curso médio em Marechal Mallet, no Paraná, e em 1916 foi para Guarani das Missões no Rio Grande do Sul. Graças a seus esforços desenvolvidos de 1917 a 1919, verificou-se notável impulso no setor do ensino rural. Em 1925 Franciszek Hanas retornou à Polônia, e em 1939, morreu fuzilado na 2ª Guerra Mundial. (GARDOLINSKI,1977).

FIGURA 25 - Foto do professor Franciszek Hanas tirada em 1910.
FONTE: Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul. (GARDOLINSKI, 1977)

Valquíria Renck (2009), em sua tese "Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná",

afirma que, além de aprender a escrever e ler, os alunos aprendiam os cálculos matemáticos em língua eslava.

Em Santa Catarina, Rosinéte Gaertner (2004) nos traz contribuições sobre o ensino nas escolas alemãs. Na tese, intitulada "A Matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 e 1968, da Neue Deutsche à Fundação Universal Regional de Blumenau", relata que o ensino de alemão e aritmética neste local também era prioritário nas primeiras séries de estudo, tendo o período escolar, na maioria dos estabelecimentos, duração que variava entre 4 e 6 anos.

Por meio da História Oral, conseguimos sintetizar nas quatro narrativas das entrevistas que realizamos para esta pesquisa, um pouco mais sobre a Matemática. Nas narrativas foi possível perceber que a principal fundamentação matemática era fazer com que o aluno soubesse as primeiras operações básicas, somar, subtrair, multiplicar, dividir e resolver problemas com números naturais. Havia uma noção em se utilizar de temas do cotidiano do aluno.

Para nossas depoentes, a lembrança que ficou guardada nas memórias era que a Matemática era "fácil" e "tudo simples": *"Eu não me lembro se aprendi a Matemática nas duas línguas. Mas acho que só em uma língua. Mais, menos, dividir, multiplicar e os problemas. E os probleminhas tinham bastante, tão fácil!"*, afirma Dona Danuta.

Elas consideravam a Matemática e o que aprenderam muito simples: *"Naquela época não tinha nada assim de importante, era tudo simples". (...) "Eu gostava de Matemática, gostava sim"*, complementa Dona Danuta.

"Uma vez perguntaram a um colega, quantos dedos você tem? Ele não sabia nem contar, 1, 2, 3, 4... bom, então se você tem 5 balas, vem dois amigos e querem essas balas, como é que você vai repartir? Ah, eu dou duas pra um, e duas pra outro, e uma vai sobrar pra você, né? Uma bala... É, mas daí como é que faz pra dar certo? Você tem que tirar. Nós sabíamos por que era muito simples, mas valeu...", relata Dona Sophia.

"A gente contava nos dedos, e tinha na parede assim, uma camada de umas bolas e outras de outras bolas, umas vermelhas e outras pretas, a irmã ia uma com a outra e perguntava: "Quantos são? São dois." Mas assim, era bem simplório. Ensinavam tabuada, mas primeiro é menos e mais, depois que era

mais... Multiplicar e dividir eram mais no terceiro ano." (...) Tinha o exame de aritmética também, mas bem simples", narra Dona Sophia.

Dona Natália, Sophia e Danuta orgulhavam-se de serem boas alunas e sabiam fazer bem as continhas: *"Lembro um pouco que tinha as tabuadas e a gente fazia continha. E, o negócio de "matimática" eu sabia, escrevia tudo que tinha no livro". (...) "Eu era boa de continhas",* afirma Dona Natália.

"Eu gostava de aritmética e ia bem na escola, mas agora a gente já está com mais de cem anos... Não sei por que eu vivo tanto, meus irmãos morreram tudo novo...", descreve Dona Sophia.

"(...) mas o fato é que quando eu fiz as provas lá no Unbenau era muito elogiada, ganhei dois livrinhos, dois folhetinhos, um em polonês e um em português", orgulha-se Dona Danuta.

Contudo, dona Sophia narra a dificuldade e dedicação das irmãs em tentar levar um pouco de instrução até os lugares mais longínquos*: "Na escola da Colônia Cachoeira tinha uma casinha que a freira, a irmã Felícia, ia dar aula, na Colônia, acho que dava uns quatro a seis quilômetros. Ia com uma carrocinha, um piá que levava, mas com chuva não ia porque era longe, quando estava frio ela também não ia... e chegava lá, já quase oito, nove horas e dava aquela aula, às vezes as crianças se reuniam, mas a irmã não ia... Era um sacrifício e ela coitadinha, ela ia..."*

A metodologia das freiras era a da repetição de exercícios e problemas: *"Quando as irmãs ensinavam Matemática usavam giz. Não usavam nenhum material concreto, ela fazia tudo direto no quadro: "um mais um, é dois, dois mais dois, quatro, quatro menos um, três"*, afirma Dona Danuta.

Dona Adelaide acredita que as irmãs davam mais valor à Matemática naquela época, muito mais que os professores de hoje e com um dado bem grande estimulavam os alunos a fazerem as quatro operações: "*Elas utilizavam coisas da realidade, da convivência das crianças e davam importância para aritmética superior à que é hoje...*". E continua: *"Depois que a gente aprendia as quatro operações ia para os problemas, normal assim como é até hoje."*

"Para ensinar Matemática as irmãs não tinham materiais e não trabalhavam com material concreto. A única coisa que tinha era um "dadão" – um dado grande – e uma vez a cada quinze dias, numa quinta-feira, elas estimulavam, por exemplo, soltavam um, dois, então sempre o número maior ficava de um lado e todas as contas que davam para dividir, multiplicar ou dava para somar. Com aqueles dados elas trabalhavam tudo, a gente trabalhava Matemática. Elas iam jogando e faziam a multiplicação. Por exemplo, num deu 6 e no outro deu 4, era 6 x 4, 4 x 6 e isso dividido por aquilo... Uma vez jogava e multiplicava, outra vez dividia, às vezes somava e subtraía. Então, trabalhava-se as quatro operações, com os dados."

Os professores usavam o sistema de decorar "pontos", isto é, os conteúdos deveriam ser decorados para depois serem avaliados:

"O professor passava tudo no quadro e tinha que fazer cópia: "façam a cópia tal, assim e assim". Nossa, mas tinha tanta coisa, umas três, quatro páginas, mais três, quatro páginas!!! Tinha que fazer dever de casa de Matemática, e bastante! Estudar tabuada e todo o dever de casa tinha que fazer pro outro dia, quando ia pra escola precisava saber tudo. Hoje ninguém faz dever de casa..." "A gente não usava os dedos pra contar. Era tudo no quadro. Ela passava bastante problemas, e eu gostava de fazer problemas, e a parte de pontos. A gente chamava de pontos".

"Tinha que estudar tabuada, começava a do dois, tinha a do três, quatro, cinco, seis, sete, até... dez. A de dez que era boa e a primeira que era boa, que era fácil! Tinha que estudar, tinha que fazer cópia, tinha que decorar pontos... Quando tinha que estudar, a gente ficava até meia noite, lendo, estudando, para poder fazer. A gente fazia as provas, ganhava notas, ou fazia sabatina, sabatina... eram as provas da sabatina... Era assim.", conta Dona Danuta.

Aos sábados eram feitas as sabatinas – provas com recapitulações dos conteúdos vistos durante a semana. As provas geralmente aconteciam por meio de questionários com perguntas e respostas e eram realizadas de forma oral ou escrita.

A mais nova das depoentes, dona Adelaide, nasceu no ano da nacionalização do ensino, por isso não passou pelas proibições nas escolas. Ela é de um período

mais recente, mas ao conversarmos, pudemos constatar as riquezas de detalhes de seu tempo de professora e o brilho nos olhos ao nos contar como eram suas aulas. Seu pai era descendente de poloneses, mas sua mãe não. Ela não aprendeu a falar polonês em casa, todavia teve que aprender pela necessidade de comunicação com suas amigas e com seus alunos. *"A maioria dos alunos era descente de poloneses, aprendi o polonês nos anos 50, pois quando vim para São Mateus não entendia nada e fui cair aqui no meio dos polacos, todo mundo falava e eu só escutava e não sabia nada." (...) "Quando eu ensinava falava em polonês, só que não escrevia porque nunca me arrisquei a ensinar errado. E jajko, jajko é ovo, a dúzia é tuzin. Um pão pequeno é bulka e assim por diante, trigo é pszenica, me acostumei tanto que depois eu já estava falando bem". (..) "Falava em polonês e falava em brasileiro para as crianças entenderem... Daí, assim eles entendiam..."*

Desta maneira conseguiu se comunicar com os alunos que viviam no interior e eram descendentes de poloneses que ainda cultivavam as raízes da cultura polonesa. Era comum, mesmo nos anos 60, 70 e 80, existir alunos com quem os pais cultivavam a língua polonesa na família, por isso o professor tinha que falar em polonês e traduzir para o português para conseguir ensinar as crianças.

Quando dona Adelaide veio morar em São Mateus, as irmãs ainda davam aulas no Colégio Imaculada Conceição, popularmente chamado de Colégio das Irmãs, localizado em frente à Igreja Matriz. *"Quando eu vim para São Mateus em 1950, o Colégio das Irmãs já era assim como hoje". (...) "Quem dava aula nesse colégio eram as irmãs. Eu comecei a ter aula com a irmã Cecília, que era uma morena bem alta. Depois daquela tinha a Vicentina, ou era Vicenta, qualquer coisa assim. E por último foi a irmã Mística".*

Como professora, utilizava os recursos que tinha para explicar os conteúdos de Matemática. Materiais como coquinhos e varetas de paina[71] coletadas no meio do mato e a horta que cultivava junto com os alunos.

"Depois comecei a trabalhar Matemática pedindo para eles trazerem material. Eles traziam os coquinhos, tampinha de garrafa, coisinhas de casa,

[71] S.f. Filamento sedoso que se forma em torno das sementes de certos vegetais, como a paineira, usado industrialmente. (HOUAISS, 2009).

carretel de costura... Latinha pequena só tinha latinha de fermento Royal, não tinha outras latinhas... Com sementes eu trabalhava pouco porque os maiores trabalhavam bem, mas os pequenos não tinham habilidade, eu preferia coisa maior. Madeirinha, a gente ia pelo caminho e pegava vareta de paina. A vareta de paina ajudou muito, porque daí eles já faziam desenho com aquilo. A geometria eles aprendiam com as varetas, porque só no quadro eu mesma não conseguia fazer, pois tenho dislexia. (...) Os probleminhas também ensinava usando as varetas (...) Também tinha uma horta boa e aproveitava pra ensinar a Matemática. Se eu fazia um canteiro trabalhava medição, metro. Por exemplo, se planto a cada trinta centímetros um pé de repolho e se o canteiro tem um metro e dez, quantos repolhos vai dar aqui? Usava a largura, o comprimento e perguntava: quantos pés que deu?"

Os problemas eram construídos a partir das vivências dos alunos: *"E o que mais de Matemática? A gente chamava de aritmética. Era aritmética. E o que mais eu lembro... se da minha casa até a casa do fulano, tinha um quilômetro, quem estava mais perto, mais próximo da cidade? Quantos metros fulano tem que andar, quantos quilômetros fulano tem que caminhar? Caminha mais ou menos que você, então era assim".*

Dona Adelaide ensinava dúzia, dezena, utilizando caixinhas de doce, confetes. *"Quando surgiram aqueles primeiros confetes redondinhos vi aquilo e fiquei encantada, eu não conhecia, imagine se eles iriam conhecer porque eu estava mais perto, não estava na cidade, mas estava mais próxima, era só na loja Toppel que tinha para comprar. Aquele balão cheio daquelas coisinhas pequenas, com doze unidades. (...) Contavam uma dúzia, meia dúzia... E se de uma dúzia tira dois fica uma dezena. Eu trabalhava a dezena, a dúzia, a unidade, a multiplicação. E com esses dois que sobrava ali, então já de doze tira dois, ficou quantos? E em duas dúzias fica quanto?"*

Quando iniciamos nossas entrevistas, a primeira depoente, dona Natália, não lembrava muita coisa de Matemática. Havia um movimento no início de 1900 até 1938 quando Getúlio Vargas proibiu as associações esportivas e as sociedades de continuarem com teatros e esportes, algo muito difundido e forte para época. Para ela,

as apresentações que fez no teatro e a religião marcaram muito mais a sua vida, inclusive ela declamou um versinho. *"Então aquelas correntes estavam presas assim em mim. Eu me lembro até hoje, depois continuavam os cantos...*" Mas a utilidade da Matemática ela recorda: *"Tenho lembrança assim de uma conta que a gente tem que receber ou pra pagar, eu me lembro tudo ainda, graças a Deus..."*

Dona Sophia lembrava-se bem dos tempos de moça quando era uma excelente jogadora de vôlei. Ela jogava basquete, mas não gostava muito por achar um esporte muito violento. *"Eu jogava vôlei no Junak, acho que já tinha uns 17 anos. Esse vôlei veio da Polônia. Vieram dois instrutores que trouxeram o vôlei. Tinha basquete também, mas o vôlei é um jogo mais delicado, o basquete é bastante correria, bastante tombo. Eu gostava de jogar vôlei e as outras meninas não acertavam a bola. Eu não, eu era firme".*

Havia a distinção entre as necessidades de meninos e meninas. A menina ficaria em casa auxiliando nos serviços domésticos e depois de casada dependeria do marido, devido a isso não precisava ir à escola. Foram as irmãs Vicentinas que se propuseram a ensinar as meninas além da alfabetização, noções para ser uma futura dona de casa ensinando também a cozinhar, costurar, bordar, boas maneiras, lavar e passar, música e línguas. Segundo Wachowicz:

> Via-se no menino o principal herdeiro das propriedades da família, bem como continuador do nome da mesma. Além disso, era o menino que precisava receber, segundo eles, uma instrução melhor do que a menina, porque teria que enfrentar a vida, procurar trabalho e maior responsabilidade em sustentar futuramente uma família. (WACHOWICZ, 2002, p.35).

Meninas não tinham o direito de estudar, precisavam ficar em casa fazendo o serviço do lar. Muitos pais achavam que só os meninos precisavam de instrução. *"Tinha um professor polonês que só dava aula para os piás, porque ele era muito nervoso, ele não aceitava meninas, só os rapazes, a piazada, menina não aceitava. E depois veio um que era da Polônia mesmo, da Primeira Guerra Mundial que até foi baleado. Ele aceitou dar aula, só que dava de um lado para as meninas e no outro lado para os rapazes, na mesma sala."*, destaca Dona Sophia.

"Eu nasci em 1938. O primeiro, o segundo e o terceiro ano estudei em Santa Catarina em Três Barras, no Colégio General Osório. Depois vim para São Mateus do Sul e terminei o quarto ano no Colégio das Irmãs. Na época fazia-se o exame de admissão para entrar no ginásio. Mas depois não tive mais condições de estudar, ninguém queria que menina estudasse, porque "menina não precisava estudar". E eu sempre na "lida" querendo... Só depois que fiquei viúva continuei a estudar." Conta Dona Adelaide.

Também havia preconceito com mulheres professoras, como no caso do avô da dona Danuta que preferia que professores homens ministrassem aulas para sua neta: *"O meu avô era muito amigo do professor, ele não gostava das freiras. Ele dizia que "aquelas mulheres não pitavam nada", ele dizia que as mulheres não mandavam em nada (...) Meu avô queria muito que eu estudasse onde homens ensinavam, não mulheres, então fui onde homens ensinavam...Naquela época era assim...."*

8.2 UMA RELÍQUIA: O CADERNO DE ESCOLA DE 1944 DE LEONARDO KRUCHELSKI

Ao final da entrevista com dona Adelaide, ela nos informou que Leonardo Kruchelski poderia nos contar mais detalhes sobre a educação e a Sociedade do Emboque. Ele faleceu poucos dias depois, então fomos até o *Emboque,* no interior da cidade, em busca dessas informações com a filha dele, Leonor, que nos ajudou com presteza. Em nossas mãos chegou o caderno de escola de Seu Leonardo. Um caderninho quadriculado com folhas rasgadas, no entanto com riqueza de informações, inclusive de Matemática.

No mesmo caderno havia uma sequência de várias disciplinas. Geografia, História Pátria, Ciências Físicas, Gramática, Aritmética, Linguagem, e assim repetidamente. O caderno não tinha data, porém, como seu Leonardo nasceu em 1934 deduzimos que seja de 1944-45, e do 3º ou 4º ano, já que nessa data ele teria 10 a 11 anos. Além disso, encontramos outro fator que comprova esta teoria, pois na parte da História Pátria há uma relação com os nomes dos presidentes do Brasil

relatando que Getúlio Vargas era o atual presidente e Manoel Ribas governador do Paraná. Ambos cumpriram o mandato até 1945. Em uma das páginas de Geografia citava São Mateus do Sul como uma cidade moderna, bem iluminada, de ruas largas e os principais prédios eram o Grupo Escolar, Prefeitura Municipal, Igreja, Farmácia, Hospital etc. O comércio consistia da extração de erva-mate, linho, batatinha e madeira, e a população constava de 17.751 habitantes.

A geometria aparece com os primeiros conceitos básicos como o ponto, linha, linha reta, linha vertical e horizontal. É interessante observar a definição de linha vertical comparado ao fio de prumo. O prumo é um instrumento formado por um peso na extremidade de um fio, utilizado na construção civil e que deve ficar a 90º em relação a horizontal.

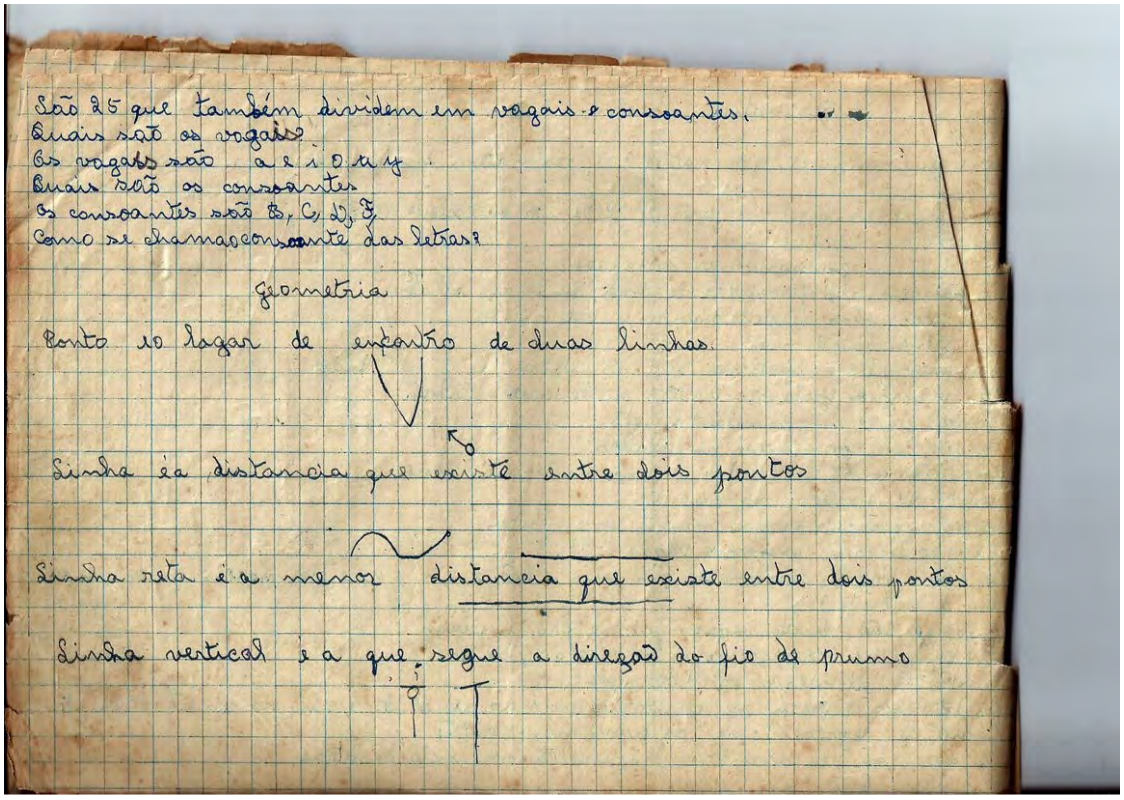


FIGURA 26 - Página do caderno de Leonardo Kruchelski 1

Os tipos de linhas e suas definições como a linha quebrada – formada por “pedaços” de linhas retas.

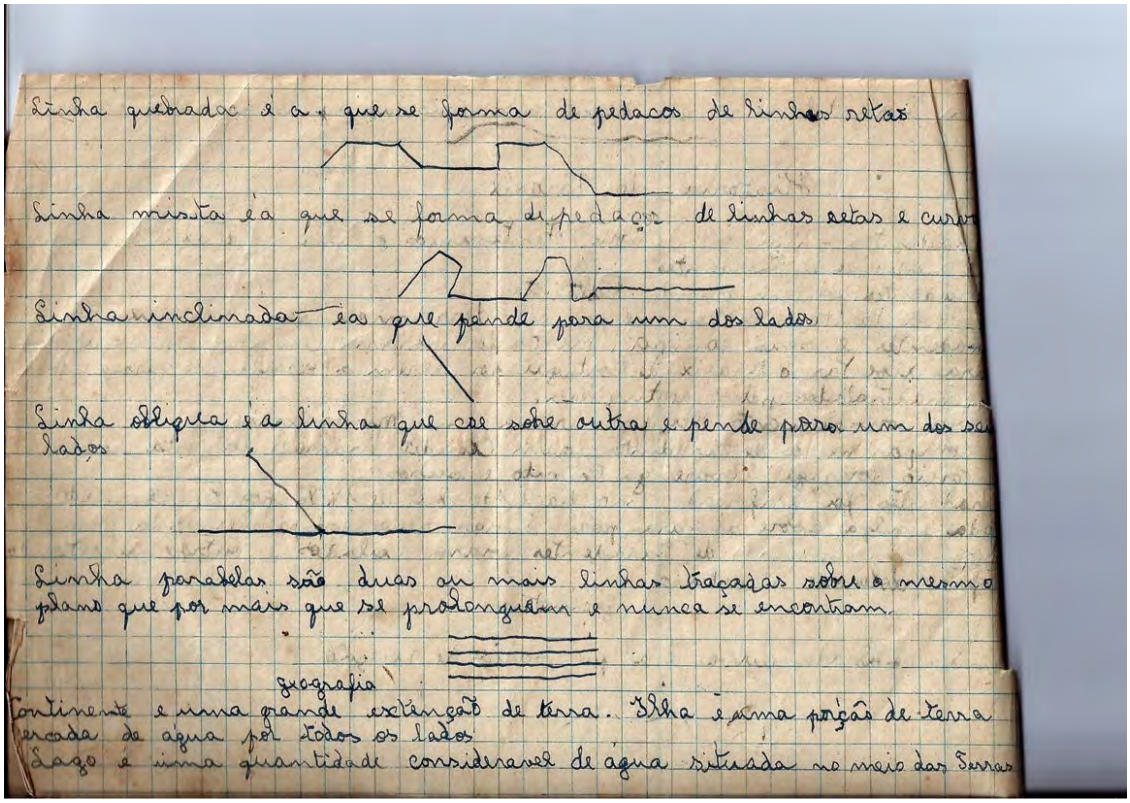


FIGURA 27 - Página do caderno de Leonardo Kruchelski 2

Na continuação do ponto de geometria, o vértice do ângulo é definido como o ponto de encontro de duas linhas. As retas são chamadas de linhas e aparecem classificadas em linhas divergentes, convergentes e perpendiculares:

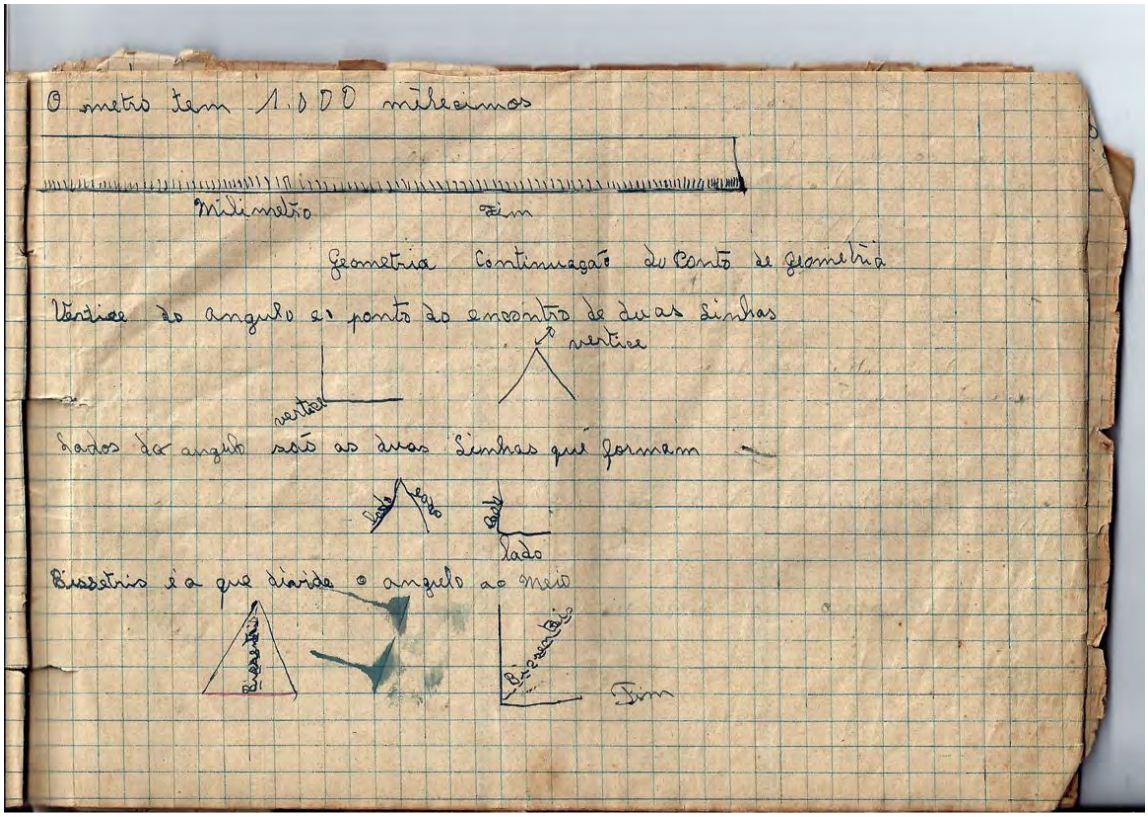


FIGURA 28 - Página do caderno de Leonardo Kruchelski 3

O vértice do ângulo, os lados e a bissetriz são definidas, e os ângulos são classificados em reto, agudo e obtuso. Ele não utilizou régua para os desenhos de geometria.

Na continuação há a definição de triângulos e os elementos que o compõem. Sempre seguindo uma metodologia de apresentar o conteúdo, defini-lo e classificá-lo.

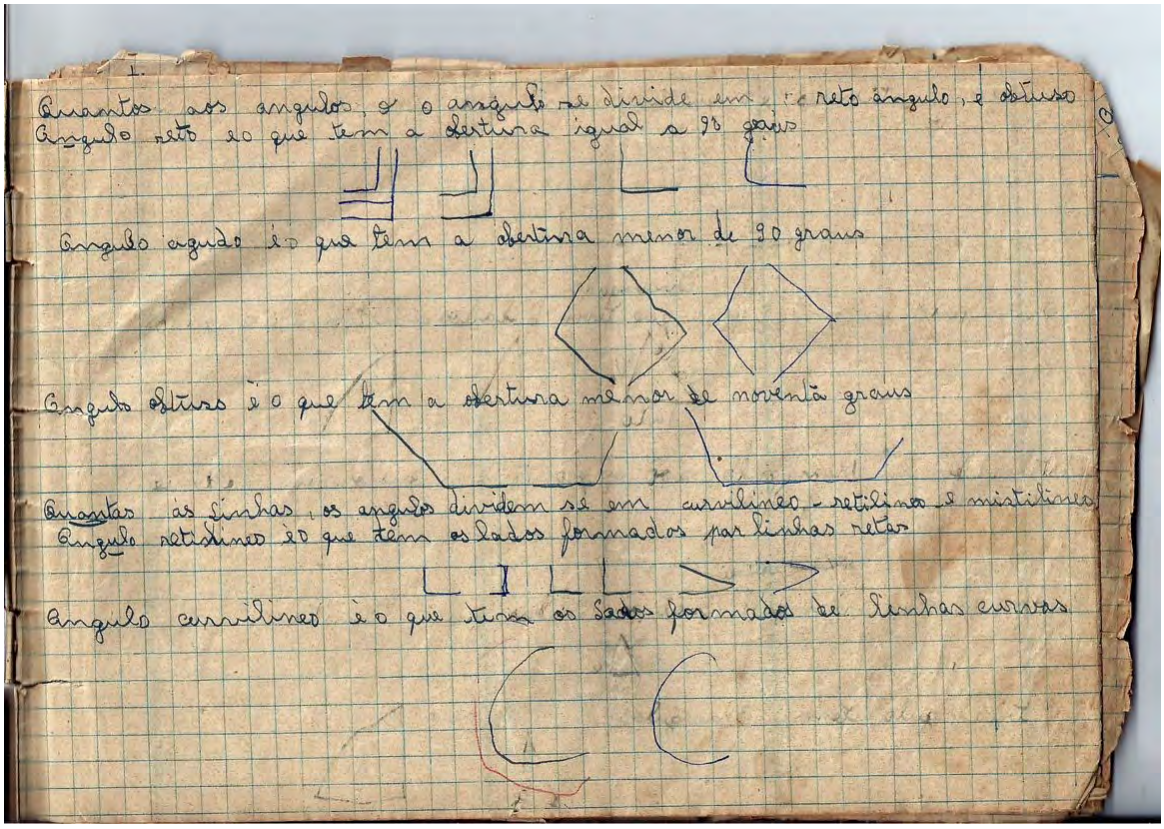


FIGURA 29 - Página do caderno de Leonardo Kruchelski 4

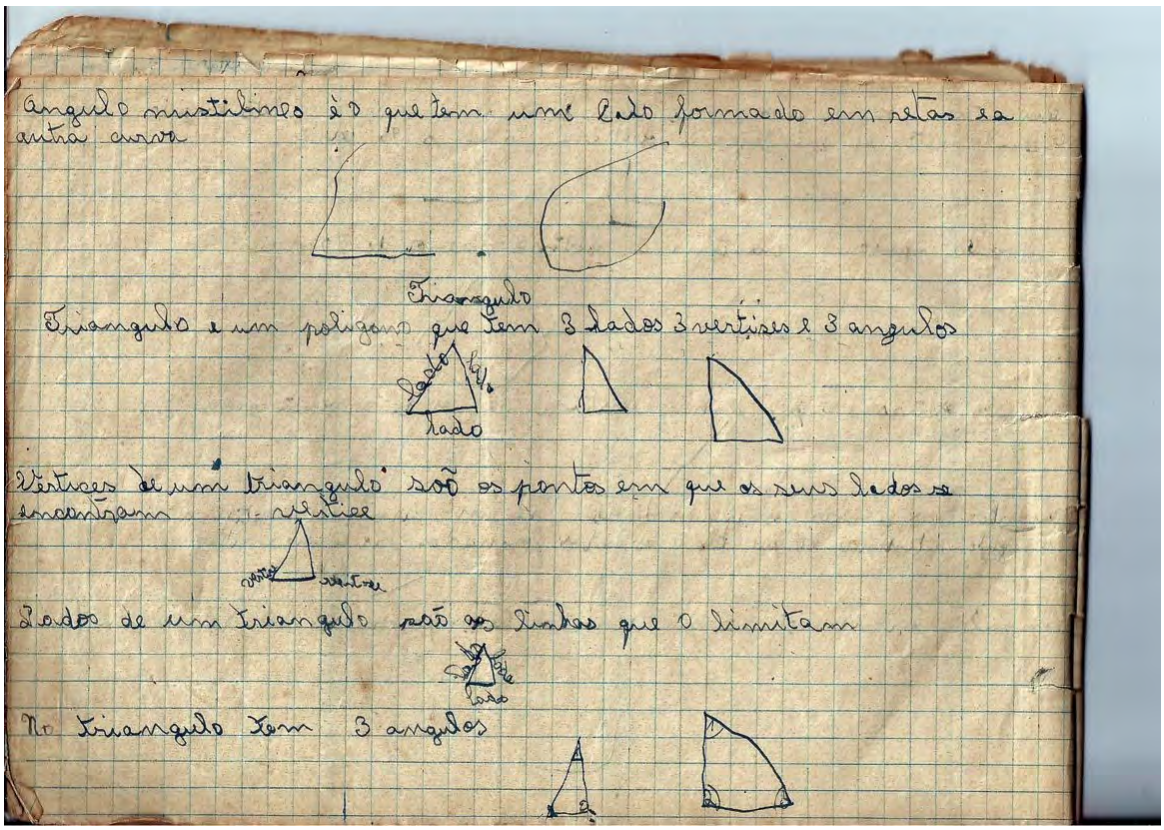


FIGURA 30 - Página do caderno de Leonardo Kruchelski 5

A Aritmética também encontra-se presente. Noções de comprimento, os submúltiplos do metro, noções de superfície e volume.

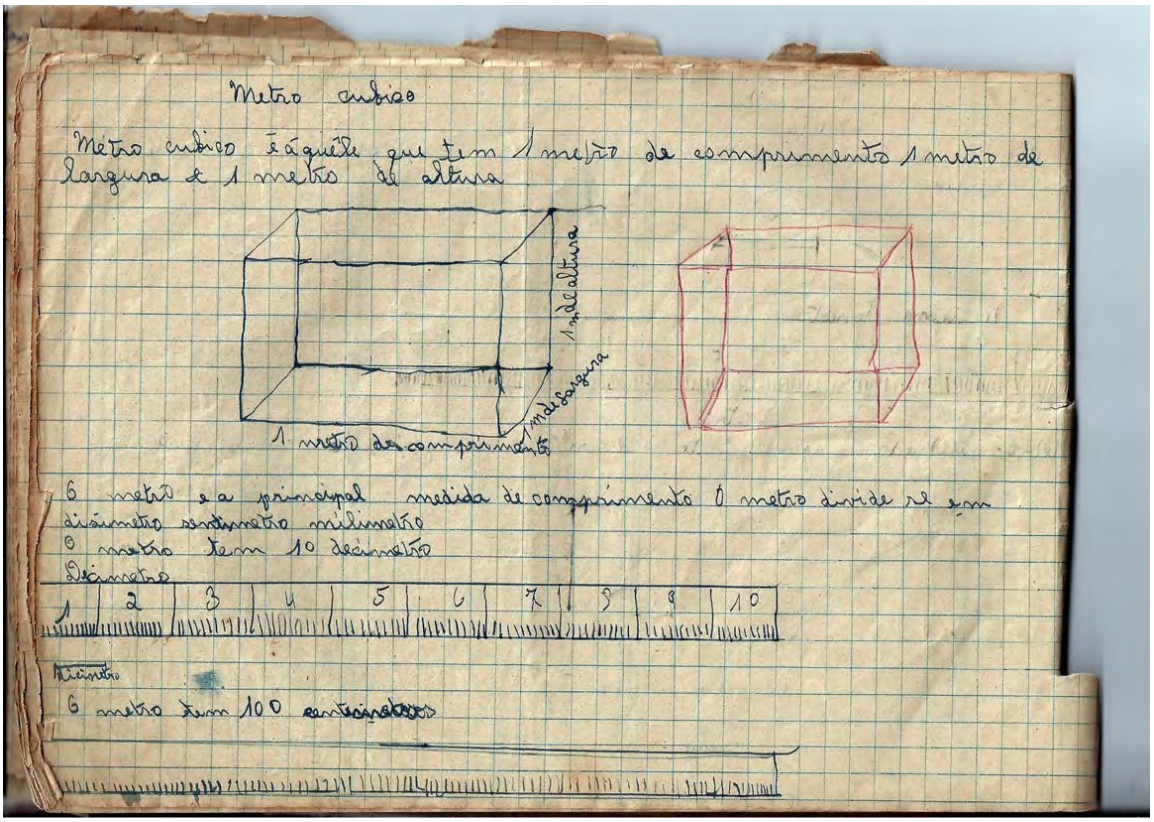


FIGURA 31 - Página do caderno de Leonardo Kruchelski 6

A divisão é apresentada como: “dividir é achar quantas vezes um número contém outro e os membros dela como o divisor, o quociente e o resto”. Apenas uma operação figura a apresentação da operação, sem mais atividades. Na sequência vêm os conceitos das outras disciplinas.

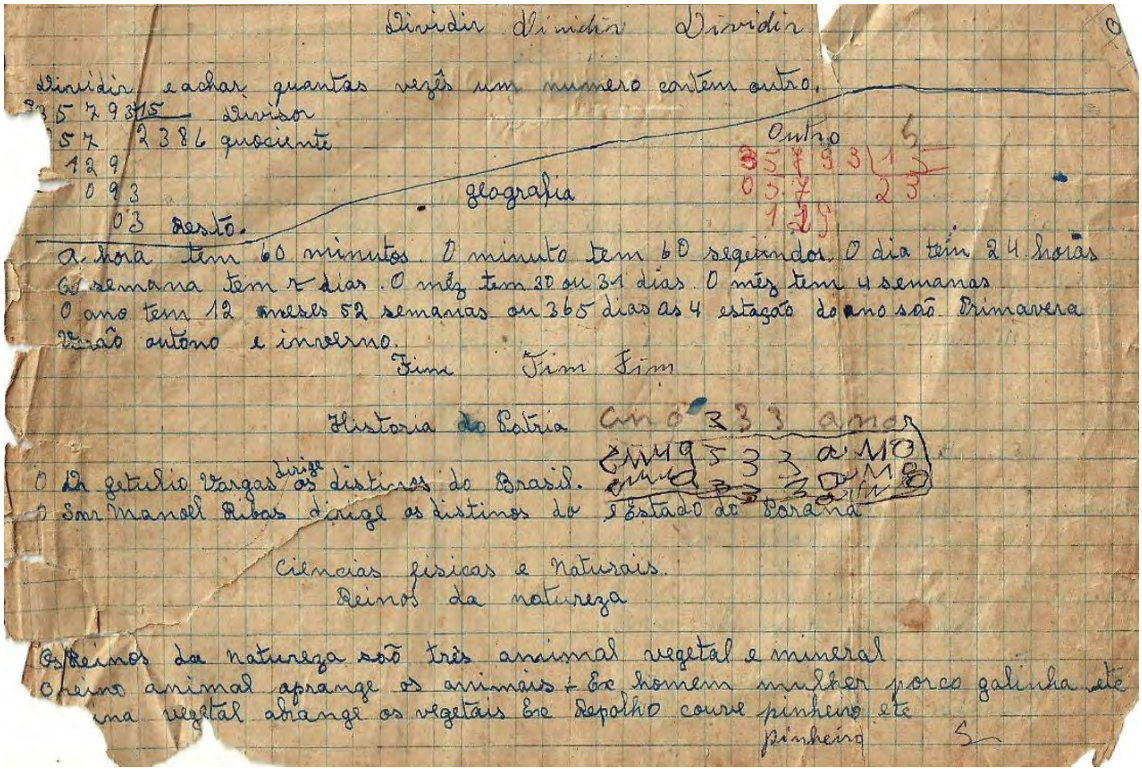


FIGURA 32 - Página do caderno de Leonardo Kruchelski 7

O caderno possui 30 páginas, por isso digitalizamos por inteiro e criamos um *link* para consulta no seguinte endereço*:*

http://www.4shared.com/office/OycayRj1ce/Caderno_de_1944_de_Leonardo_Kr.html

É interessante perceber que no caderno de seu Leonardo seguia-se uma metodologia no qual o conteúdo era apresentado, definido e classificado. Não havia problematizações nem atividades relacionadas ao assunto. Mesmo sendo dessa maneira, uma linguagem mais informal era apresentada de forma que o aluno entendesse, como por exemplo as definições de reta – “linha quebrada” – e linha vertical – “fio de prumo”. Lembramos que dona Danuta e dona Adelaide comentaram em seus depoimentos que quando estudavam no primário tinha lousa e caderno. A lousa era um quadrinho pequeno com um lápis próprio para escrever e depois apagava-se com uma esponja. Os caderninhos eram bem pequenos e bem pouco utilizados, *“mais para coisas que não mudassem, como datas comemorativas”*. Dona Sophia complementa que só depois quando aprendiam a escrever é que usavam a tinta para anotar no caderno. Refletindo sobre isso, concluímos que a lousa era mais utilizada para as atividades e o caderno servia para registrar as definições mais formais das disciplinas, inclusive a de Matemática.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ainda que não concluas – trabalha,
Pois tu, e não a obra, irás para o túmulo”.
Pe. João Píton C.M.

O registro das vivências forneceram suplementos, possibilidades, matéria-prima para esta pesquisa tentar entender o que foi a epopeia da imigração, haja vista que os estudos respectivos e a colonização no Brasil ocorreram de forma fragmentada e descontínua, dificultados pela falta de levantamentos bibliográficos e arquivos mais completos.

Conversamos com várias pessoas. Muitas delas foram solícitas, embora nem todas. Percebíamos que tinham algo para acrescentar, mas que não queriam colaborar. Compreendemos que há pouca valorização e consciência da preservação dos documentos e registros e da história da colonização dos poloneses em São Mateus do Sul. Talvez porque para uns, a sua história é só sua, os segredos só seus, de mais ninguém. Ou quem sabe são os modos de um povo de serem cautelosos e desconfiados – e, consequentemente de seus descendentes – que passaram por uma transição radical para outro país, vieram sem falar uma palavra em português, sofreram com o abuso de comerciantes e patrões que os enganavam na hora de marcar no caderninho ou no pagamento, desbravaram a mata fechada e com as mãos calejadas tiraram da terra o sustento da sua família? Quem sabe...

O imigrante polonês que veio ao Brasil, era em sua maioria camponês, considerado ingênuo e sem cultura, agiu de forma hábil. Foi através de escolas improvisadas e professores escolhidos no meio da comunidade que a educação teve seu início. Isolado de muitos centros, organizou as Sociedades-Escolas, onde além da educação para seus filhos tinha um centro de entretenimento para a comunidade. Com sua fé, fortaleceu-se com o espírito de religiosidade e construía com sacrifício a igreja para a comunidade. “O colono procurou defender a cultura e a educação de seus filhos, educar não somente, ler, escrever e saber as quatro operações, mas completar essa ascensão social com a fé cristã”. (STANISZEWSKI, 2006, p. 74).

O amor à terra natal dividia os corações dos imigrantes poloneses. “As escolas da imigração apresentavam às crianças que as frequentavam a ideia da existência de

duas pátrias, uma que o viu nascer e o alimentava, outra que lentamente ia se apagando em sua memória" (WACHOWICZ, 1970, p.91). Os pais ou avós descreviam essa ideia de uma pátria distante e tal juízo era estimulado e cultivado nas escolas e no berço das famílias por meio dos costumes, tradições e da língua polonesa.

O casamento era outra cerimônia tradicional vinda da Polônia. Gluchowski (2005, p.317) afirma que apesar do afastamento da Pátria, os imigrantes conseguiram preservar por muitos anos os costumes poloneses. A preparação para as festas e o cuidado da família para que houvesse apenas uniões entre descendentes foi defendida por longo tempo.

Os padres e as religiosas tiveram seu papel fundamental neste meio. Foram eles que ajudaram a diminuir o analfabetismo das crianças e tinham a missão de catequizá-las. Todavia, convém destacar um fato que nos chamou a atenção nos depoimentos a respeito das aulas: a severidade das irmãs e dos professores. Se não obedecessem ou estudassem, os alunos teriam uma punição, receberiam uma reguada ou levariam uma surra, por exemplo.

Com os decretos nacionalistas de Getúlio Vargas, a difusão da cultura polonesa nas escolas, sociedades e até mesmo nas igrejas foi quase que extinta. O medo do proibido fez com que por muitos anos o imigrante polonês e seus descendentes ficassem calados numa apatia constante. Muitos documentos foram queimados e, por causa disso, Ana Marcia Staniszewski (2006, p.43) afirma que foi por meio da "oralidade e não através de livros, que passavam a seus descendentes a sua herança social, num sentido mais amplo, seus conhecimentos, técnicas, padrões de vida como comportamento e atitude".

Destacamos nas narrativas o ensino de Matemática, figurando como um conjunto que envolveu a língua e os signos, um instrumento de comunicação, uma linguagem que representou processos referentes às atividades matemáticas alusivas aos conteúdos ensinados em sala de aula. Nesse contexto, entendemos que o conhecimento matemático permeia a linguagem e as práticas cotidianas e faz parte – nem que seja uma parcela pequena – da construção da identidade destes indivíduos.

> É pela linguagem, uma das maneiras, que o indivíduo define e estabelece sua identidade. A partir dessa perspectiva, compreende-se que ela acontece nas relações sociais, na integração entre os indivíduos que podem também estabelecer uma relação para a construção identitária. (CABRAL, 2013, p. 36)

A linguagem matemática concebida nas narrativas foi proveniente das práticas e vivências dos depoentes e estão relacionadas ao valor que isso adquiriu na vida de cada um. Contudo, Antônio Miguel (2006) nos faz refletir acerca do que ocorre na sala de aula:

> Procuramos, então, interpretar as significações circulantes na escola olhando para a materialidade da sua arquitetura e da de seus objetos. Ouvimos as "vozes mudas" das carteiras enfileiradas, dos tic-tacs dos relógios de parede, do escoar silencioso e uniforme do tempo, do lamento das horas. Percebemos, então, que o discurso escolar não costuma agradecer, mas elogiar alguns, incluir alguns, premiar alguns, avaliar todos, classificar todos, advertir todos, vigiar todos, punir muitos e excluir muitos. Passamos, então, a interrogar o passado: história oral, macro e micro história. Resgatamos e investigamos os arquivos escolares, buscando uma cultura matemática tipicamente escolar. (MIGUEL, 2006, p.10).

Para dona Natália, na escola, o teatro foi mais relevante do que a Matemática, porém, no dia a dia, ela relata que para fazer compras e receber o troco sabia fazer as "continhas", o que ficou caracterizado como uma Matemática mais utilitária.

Dona Adelaide, quando fora professora, utilizava dos recursos que dispunha ao seu redor. Era a maneira encontrada de dar aulas nas escolas do interior e trazer a explicação para mais perto da realidade dos alunos, além de falar em polonês, linguagem que para eles fazia mais sentido do que o português. Percebemos que a Matemática era prática, assim como a geometria – apesar de muitas vezes estar oculta, isto é, seu nome não aparecia nas narrações.

O que nos causou estranheza foi quando verificamos que para dona Danuta e dona Sophia a Matemática era uma linguagem "muito simples". Mas em contrapartida, no caderno de seu Leonardo surge nos traços firmes dos desenhos uma Matemática mais formal, apenas com conceitos.

Por conta disso, os esforços do GHOEM – Grupo História Oral e Educação Matemática, formado por pesquisadores em Educação Matemática, utilizam a metodologia da História Oral para compreender essas questões citadas relativas à Educação Matemática. Um exemplo disso foi propiciar por meio da História Oral, às pessoas mais idosas, as quais muitas vezes são esquecidas ou que não fazem mais da parte ativa da sociedade, a chance de poderem relembrar de suas vidas, contarem de onde vieram, o que fizeram, o que viram, o que vivenciaram, passando informações valiosas às gerações mais jovens. Elas se tornam a memória não só da família, mas de toda uma comunidade.

> Não é somente o caráter penoso do esforço de memória que dá à relação sua coloração inquieta, mas o temor de ter esquecido, de esquecer de novo, de esquecer amanhã de cumprir esta ou aquela tarefa; porque amanhã será preciso não esquecer...de se lembrar. (RICOEUR, 2007, p.48).

Por meio da História Oral, os conceitos individuais tornaram-se coletivos num só capítulo. Para Thompson (1998, p.17), "a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos". Até mesmo quando as falas não condizem com a realidade, são inventadas, porque segundo este mesmo autor:

> Os fatos de que as pessoas se lembram (e se esquecem) são, eles mesmos, a substância de que é feita a história. A mesma subjetividade que alguns veem como uma fraqueza das fontes orais pode também fazê-la singularmente valiosa. Pois "a subjetividade é do interesse da história tanto quanto os "fatos" mais visíveis. O que o informante acredita é, na verdade, um fato (isto é, o fato de que ele acredita nisso) tanto quanto o que "realmente" aconteceu. (THOMPSON, 1998, p. 183).

Contudo, Albuquerque Junior (2007) alerta para o perigo de que a palavra dita carregue sempre o peso maior da veracidade, uma vez que esquecemos que o sujeito que fala também não é único, ele próprio é o encontro de outras falas, outras memórias, e a história mesmo quando trabalha com a oralidade, acaba sempre por torná-la escrita. E o escrito na forma de documento também é subjetivo.

> Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p.47).

Temos também na memória sinais que trazem à tona ressentimentos, ódios, mágoas. Segundo Bresciani e Naxara (2001, p.13), as memórias estão acorrentadas a ressentimentos e é uma questão delicada, pois nos obriga a "explorar regiões e temas a que somos resistentes, parte da história dos ódios, dos fantasmas de morte, das hostilidades, ou do não-lugar dos excluídos e das identidades recalcadas".

Isso nos remete ao sentimento do perdão. Dona Adelaide contou que por meio do perdão conseguiu a reconciliação entre os pais e filhos das famílias rivais quando dava aula no *Turvo*: "Comecei a trabalhar sobre o perdão, falava o que dizia no Pai Nosso: quem que não quer ser perdoado? Quem quer chegar perante Deus e falar

assim: Pai, eu vim aqui, mas não quero ser perdoado, quero que fique como está! (...) E você sabe que funcionou, funcionou...”

Dona Natália nos dá a sua versão sobre o perdão e nos faz refletir. Ela indica o caminho para dissolver os sentimentos negativos e viver bem por muitos anos: “Um dia ele veio na minha casa e me perguntou qual era o segredo que eu tenho de viver tantos anos assim. Aí eu disse: sabe Jaime, pra você viver bastante você tem que perdoar o que você deve! Perdão! E se você tem algum vizinho, ou parente, primo, o pai, a mãe, você tem que perdoar a todos porque se te fizeram mal, perdoa eles. O perdão em primeiro lugar”.

O homem ainda não inventou a máquina de voltar no tempo, com ela poderíamos ser expectadores reais dos acontecimentos narrados na pesquisa, entraríamos em um campo no qual poderíamos ver de perto sentimentos, angústias, decisões, batalhas e alegrias. Contudo, temos a memória, que nos traz as recordações, e temos a imaginação, que nos faz adentrar em supostas fantasias de como seriam as histórias de vida dessas pessoas, imigrantes, colonos, professores, crianças, narradores. Temos consciência de que a busca por dados realizada por esta pesquisa é apenas uma parte muito pequena ante a grandeza de informações que ficaram inacabadas, muito embora almejamos que sirva de incentivo a outras pessoas e esperamos contribuir para a difusão da história, da educação e da cultura polonesa em nosso estado e no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANAIS DA COMUNIDADE PRASILEIRO-POLONESA. **Missão dos padres missionários poloneses no Brasil.** Textos e documentos. Vol. V, 1971.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. Em Estado de Palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura. **In. História e arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais**. Org. Flores, M.M.R., Piazza, M.F.F., Campinas, SP; Mercado de Letras, 2011.

_____. **História: A arte de inventar o passado.** Bauru: EDUSC, 2007.

AZEVEDO, J. J. de; AZEVEDO, C. de (Ed.). **Centenário de São Mateus do Sul.** Curitiba; Gráfica Reproset, 2008.

BLOCH, M. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOMENY, H. M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 137-166.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. De Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento**. Campinas S.P.: Editora da Unicamp, 2001.

BRZOZOWSKI, J. Dilemas de identidade da comunidade polônica-brasileira. **Projeções: revista de estudos polono-brasileiros**. Ano 8, n. 1-2, Curitiba: Gráfica Vicentina, 2006.

CABRAL, Z. A. **Reconfigurações tecnológicas na escola**: as práticas de letramento digital na visão dos professores. 191 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2013.

COLODEL, J. A. **São Mateus na ótica dos cronistas imigrantes:** 1890 a 1908. Curitiba: [S.n.], 1986.

COSTA, R. R. da. A capacitação e aperfeiçoamento de professores que ensinavam Matemática no Estado do Paraná 1971-1982. In. **Anais Eletrônicos do Ix Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação No Brasil".** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 31/07 a 03/08/2012.

D'ARAÚJO, M.C.(org.). **Getúlio Vargas.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

DEMBICZ, A. Polono-Brasileiros. In: SCHR, Z. M.(org.). **Polônia e Polono-Brasileiros: história e identidades**. Curitiba: Vicentina, 2007. p. 131-158.

DOUSTDAR, N. M. **Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito**. 169 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1990.

DRABESKI, L. Educação nas colônias polonesas da Região Sul. **Revista Cekaw**, Porto Alegre, ano 4, n. 10, p. 4-8, dez. 2010.

FARAH, A. L. de S. **São Mateus do Sul 100 anos**. Curitiba: Arte, 2012.

FILLOS, L. M**. A Educação Matemática em Irati (PR)**: memórias e história. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

GAERTNER, R. **A Matemática Escolar em Blumenau (SC) no Período de 1889 a 1968:** da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 248 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GARDOLINSKI, E. **Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1977.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, CEMPEM-Unicamp, Campinas, v.11, n.19, 2003, p. 09-55.

GNOATO, G. **Dois irmãos, uma história de fé, trabalho e família**. São Mateus do Sul, Petrobrás, 2010.

GLUCHOWSKI, K. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

GRABOWSKI, F. **Memórias da Revolução Brasileira de 1893-94.** Tradução: Ruy C. Wachowicz. 2ª ed. Editora Formigueiro. [s. n] [19--].

HADDAD, S., DI PIERRO, M.C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, maio-ago. 2000, p.108-130.

HEMPEL, A. Os Poloneses no Brasil. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa.** Curitiba: Gráfica Vitória, v. VII, 1973. p. 11-100.

HESSEL, M. Na Senda dos Pioneiros. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa.** Curitiba: Imprimax, v.I, 1970. p. 95-114.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009. CD-ROM.

IAROCHINSKI, U. **Saga dos Polacos**. Curitiba, Edição do Autor, 2000.

JESZCZE POLSKA. **Exposição Comemorativa 125 anos da imigração polonesa no Paraná**. Banestado/Decos,1996.

KRAWCZIK, J. A Literatura Polono-Paranaense. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa.** Curitiba: Gráfica Vitória, v. VII, 1973. p. 101-122 L1922.

KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. In: **Revista Brasileira de Educação**, São Leopoldo, n. 15, p. 159-176, 2000.

_____. Escolas étnicas no brasil e a formação do estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). **POIÉSIS, Revista do**

programa de pós-graduação em educação- Mestrado**.** UNISUL, Tubarão, v. 3, n. 5, p. 71 – 84, Jan./Jun. 2010.

LUPORINI, T. J. Educação Polonesa: os fundamentos da educação escolar étnica revisitados. In: **Anais eletrônicos do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012. p. 1643-1667.

MANZUR, A. (org.). **Álbum Commemorativo do Cincoentenário da Navegação no Iguassú e seus Affluentes 1832-1932.**

MIORIM, M.A. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

MIGUEL, A. Pesquisa em Educação Matemática e mentalidade bélica. **Boletim de Educação Matemática**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro: SP, vol. 19, n. 25, 2006.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NIKODEN, P. Saporski – "O Pioneiro dos Semeadores". In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa.** Curitiba: Imprimax, v.I, 1970. p. 59-94.

PITON, J. Periódicos de Língua Polonesa no Brasil. In **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Gráfica Vicentina, v. III, 1971. p. 80-103.

PORTELLI, A. **Ensaios de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 4 ed., 2012.

RENCK, V. E. **Aprendi a falar português na escola!** O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Curitiba, Curitiba, 2009.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de Matemática –** (im)possibilidades de leitura. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

STENTZLER, M.M.; SCHENA, V.A. Reforma da educação no Paraná: ideais educacionais de Cezar Prieto Martinez para a instrução pública expressos nos relatórios de 1920 a 1922. In. **IX Jornada do HISTEDBR**. Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SOJKA, W.CM**. Poczatki duszpasterstwa poçskiego w Brasylii**. Duszpasterz Polski Zagranica, 1961.

SOUZA, I. O. de. **Reconstrução da cultura polonesa no município de São Mateus do Sul – 1971-2000**. Monografia (Especialista em História Social). Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras, União da Vitória, 2001.

STANISZEWKI, A. M. K. **Estudo sobre a cultura da comunidade polonesa no município de São Mateus do Sul**. Curitiba: Vicentina, 2006.

TEMPSKI, E. **Kalendarz "Ludu"** na Rok 1953. Suplemento do Jornal "Lud". Curitiba, 1953.

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.

VIANNA, C. R. Sem título. In: GARNICA, A. V. M. (Org.) **Cartografias contemporâneas:** mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2013.

WACHOWICZ, R. Suor em São Mateus. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa.** Curitiba: Gráfica Vicentina, vol. IX, 1984.

WACHOWICZ, R. C. **As escolas da colonização polonesa no Brasil**. Curitiba, Champagnat, 2002.

WACHOWICZ, R. C. **As escolas da colonização polonesa no Brasil.** In Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa. Curitiba: Imprimax, vol. II, 1970.

_____. A "Febre Brasileira" na Emigração Polonesa. **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Imprimax, vol. I, 1970. p.29-58.

_____. Memórias de Koscianski, **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**, Curitiba: Gráfica Vicentina, vol. III, 1971. p. 36-79

DOCUMENTOS CONSULTADOS

CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA EM SÃO PAULO. **O Brasão e a bandeira nacional da Polônia**. Disponível em: http://www.consuladopoloniasp.org.br/publicar/view-simbol.php?id=35. Acesso em: 30/11/2012.

JORNAL **2º Diário da Tarde**, nº 12969. Curitiba, 4ª feira, 20 de abril de 1938. BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.

JORNAL **Diário da Tarde**, nº 6799. As escolas polacas em Araucária. Curitiba, 13 de janeiro de 1921.

PARANÁ**. Relatório de Governo** de 31 de dezembro de 1917. Curitiba, p.7. Arquivo Público do Paraná.

SECRETARIA de Estado da Cultura e do Esporte. Curitiba, 1986.

WARCHAŁOWSKI, G. K “Troche wrażeń ogolnych z pobytu w Paranie”. **Gazeta Polska,** nr 327, 1901.

ANEXO

ANEXO 1 - Orientação pedagógica da cartilha de Jerônimo Durski. fonte: anais da comunidade brasileiro polonesa, volume ii, p.24 ..... **156**
ANEXO 2 - Estatutos da sociedade agrícola do taquaral - 5 de junho de 1938 ..... **157**
ANEXO 3 - Comunicado à sociedade da colônia taquaral – 2 de maio de 1940 ..... **159**
ANEXO 4 - Estatutos da sociedade recreativa beneficente e agrícola tiradentes – colônia cachoeira – 1959 ..... **160**
ANEXO 5 - Estatutos da sociedade polonesa Estanislau Staszyc – Colônia Iguaçu – 1º de julho de 1935 ..... **161**
ANEXO 6 - Trechos das atas da sociedade Casimiro Pulaski dos anais da comunidade brasileiro-polonesa, vol. ix **163**
ANEXO 7 - Mudança da grafia dos nomes do polonês para o português na ata da sociedade escolar e agrícola do emboque, em 1938, pelo advento da nacionalização de Getúlio Vargas **170**
ANEXO 8 - Apresentação da pesquisa aos depoentes **171**
ANEXO 9 - Fichas utilizadas nas entrevistas **172**
ANEXO 10 - Carta cessão de Natália Mróz **173**
ANEXO 11 - Carta cessão de Danuta Brongiel Janoski **174**
ANEXO 12 - Carta cessão de Sophia Janoski Zimny **175**
ANEXO 13 - Carta cessão de Adelaide Leonarczyk Kotrich **176**
ANEXO 14 - Texto enviado ao programa da rádio cultura sul fm tradycye polskie **177**
ANEXO 15 - Notícia do jornal aconteceu com o aniversário de 100 anos de Sophia Janoski Zimny. **178**

ANEXO 1 - **Orientação pedagógica da Cartilha de Jerônimo Durski. Fonte: Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa, Volume II, p.24**

do método fonético. Era o que havia de mais atualizado na época. Nesta segunda parte, aborda os seguintes assuntos:

a — pronúncia das letras e das sílabas em português;
b — estudo das sílabas;
c — sinais de pontuação;
d — leituras práticas — 20 lições;
e — nomes próprios de pessoas, animais selvagens e domésticos:
f — formação de períodos curtos;
g — nomes de aves, árvores e frutas;
h — vocabulário de têrmos mais usuais, de preferência relacionados com a agricultura;
i — interrogações, advêrbios;
j — conversação elementar;
k — catecismo: salve rainha — confiteor — credo — os 10 mandamentos — os 7 sacramentos — as virtudes e os pecados capitais — etc.
l — medidas utilizadas no Brasil;
m — sistema monetário brasileiro;
n — caligrafia.

Como podemos observar, a obra é destinada ao imigrante polonês, de tôdas as idades, preferencialmente agricultor, e procura fornecer os elementos indispensáveis à mais rápida adaptação do estrangeiro na sua nova terra. O autor não esqueceu inclusive da parte religiosa, tão característica da imigração polonesa, anexando as principais partes do catecismo católico.

Essa obra foi impressa em Poznan, em 1893, e vendida durante muitos anos em todos os negócios de beira de estrada, onde houvesse colonos de origem polonesa.

Infelizmente, hoje em dia é uma obra raríssima, existindo apenas 2 ou 3 exemplares no Brasil e na Polônia, o que aumenta o seu valor, por ser a primeira obra didática polono-brasileira escrita no Brasil.

ANEXO 2 - **Estatutos da Sociedade Agrícola do Taquaral - 5 de junho de 1938**

E S T A T U T O S

DA

SOCIEDADE AGRICOLA TAQUARAL

CAPITULO I

DA SOCIEDADE E SEUS FINS.

Art. 1º.-A Sociedade denominada "AGRICOLA TAQUARAL",fundada em 5 de junho de 1938,com séde em predio proprio,onde funcionava a extinta Sociedade Agricola Agrcultor,na Colonia Taquaral,Municipio de São Mateu Estado do Paraná, tem por fins:-

a)-organisar frequentes sessões,nas quais discutir-se-ão interesse da Sociedade e assuntos relativos á agricultura;

b)-organisar e promover conferencias sobre assuntos agricolas;

c)-manter uma biblioteca de obras seletas, no idioma nacional e,de preferencia de autores brasileiros, bem como assinaturas de jornais e revistas tecnicas de agricultura;

d)-manter firme contacto com os orgãos agricolas governamentais;

e)-manter contacto com outras sociedades agricolas,afim de usufruir mutuamente as experiencias realisadas;

f)-propagar os processos mais adataveis ao respectivo sólo,de sementes selecionadas,mudas maquinas agricolas referentes ao cultivo do sólo,como igualmente,adquirir reprodutores á industria e cuaria.

Art. 2º.-A administração social e economica da Sociedade compete a uma Diretoria eleita anualmente em Assembléa Geral,sendo a Diretoria o poder executivo da Sociedade e a Assembléa geral de seus associados o seu poder supremo.

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 3º.-A Sociedade compor-se-á de numero ilimitado de socios,sem distinção de nacionalidade,opinião politica ou crença religiosa,classificados em tres categorias:-

A)-efetivos;

B)-correspondentes;

C)-honorarios, e benemeritos.

§ 1º.- Socios efetivos,são todos aqueles que pagarem a devida joia e mensalidade,bem assim,aqueles que sendo correspondentes,fixarem residencia nesta localidade.

§ 2º.- Socios correspondentes são aqueles que se retirarem desta localidade por um espaço indefinido de tempo e requererem á Diretoria para passarem a esta categoria.

§ 3º.- Socios honorarios serão aqueles que não pertencendo á Sociedade pelos seus serviços humanitarios,publicamente notorios ou pela sua ilustração e influencia,promoverem o engrandecimento da Sociedade, merecendo essa distinção da Assembléa Geral.

§ 4º.- Serão considerados benemeritos os socios que houvérem prestado bons e relevantes serviços á Sociedade ou lhe fizérem uma dadiva valiosa a juizo da Assembléa Geral.

DA ADMISSÃO E READMISSÃO DOS SOCIOS

Art. 4º.- As condições exigidas para a admissão dos socios efetivos,são:-

1.-ser maior de 18 anos de idade;

2.-meios honestos de vida e bom procedimento;

3.-residencia fixa nesta localidade.

Art.19º.-Ao Bibliotecario compete:-
a)-receber e entregar a Biblioteca da Sociedade,mediante previo inventario;
b)-ter sob sua guarda e responsabilidade,em estante fechada a chave,os livros,revistas e jornais pertencente á Biblioteca;
c)-franquear a Biblioteca aos socios,nas horas para isso determinadas,fazendo-lhes assinar no livro respectivo,quando for retirado qualquér livro;
d)-zelar pela perfeita ordem e conservação de tudo que pertencer á Biblioteca,tendo sempre em dia a escrituração da mesma.

Paragrafo Unico:-todos os membros da Diretoria têm obrigação de comparecer as sessões anunciadas,sob pena de incorrerem nas penas do artigo 13º.

CAPITULO VI

DA COMISSÃO REVISORA

Art.20º.-A Comissão Revisora compor-se-á de um Presidente e dois membros, eleitos conjuntamente com a Diretoria e,compete-lhe:-
a)-fiscalisar os atos da Diretoria,no exercicio de suas funções;
b)-convocar a Assembléa Geral em casos previstos no § 4º do artigo 4º e letra h,do artigo 6º,e,bem assim,quando a Diretoria negligenciar ou exorbitar em suas atribuições,no que dissér respeito as finanças da Sociedade;
c)dar parecer no balanço geral a que se refere a letra h do artigo 18º;
d)-solicitar da Diretoria os nevessarios exclarecimentos,quando de seus atos houvér apelação para a Assembléa Geral;
e)-examinar,em qualquér tempo,com previo aviso de 10 dias,á Diretoria,a caixa e escrituração da Sociedade,da Biblioteca ou outros quaisquér documentos;
f)-velar pela rigorosa observandia destes Estatutos e do Regiment Interno,denunciando á Assembléa Geral os socios que se desviar de suas obrigações;
g)-prestar auxilio á Diretoria para o bom desempenho de seu mandato.

CAPITULO VII

DAS ASSEMBLÉAS GERAIS

Art.21º.-A Assembléa Geral é o poder supremo da Sociedade,quando as suas deliberações não contrariarem as disposições destes Estatutos e de suas decisões só pode haver recurso em juizo,nos casos extremos.

Art.22º.-É dever da Assembléa Geral:-
a)-reunir-se no mez de janeiro de cada ano, afim de eleger a nova Diretoria e Comissão Revisora e empossa-los,e tomar conhecimento do balanço e reletorio da ultima gestão, e toda vez que for convocada extraordinariamente;
b)-não desviar-se das normas estabelecidas nestes Estatutos;
c)-decidir os atos submetidos a seu julgamento com absoluta imparcialidade,garantindo o direito de defesa.

Art.23º.-É da competencia da Assembléa:-
a)-eleger os membros da Diretoria e da Comissão Revisora;
b)-julgar os atos da Diretoria,como prescrevem estes Estatutos;
c)-destituir qualquér membro da Diretoria ou da Comissão Revisora nos casos previstos nos Estatutos;
d)-conceder ou não a readmissão de socios eliminados;
e)-manifestar-se sobre o balanço e relatorio anuais;
f)-tomar ou não conhecimento e decidir sobre os pedidos em grau de recurso dos socios,contra atos da Diretoria;

ANEXO 3 - **Comunicado à Sociedade da Colônia Taquaral – 2 de maio de 1940**

ESTADO DO PARANÁ

Curitiba, 2 de Maio de 1.940.

ILMO. SNR. PRESIDENTE DA SOCIEDADE
Agricola Taquaral

Colonia Taquaral
- São Mateus -

Comunico a V. S. que essa Sociedade tem permissão para funcionar de acôrdo com os estatutos registrados, sujeitando-se a dar ciência a esta Delegacia sempre que houver mudança de Diretoria ou de seus membros.

Em se tratando de Sociedade Brasileira é seu dever:

cultuar as datas brasileiras, usar exclusivamente o idioma nacional e desenvolver o quanto possivel o espirito de brasilidade, sob pena de ser caçada a licença.

SAUDAÇÕES

DIVONSIR BORBA CORTES
DELEGADO.

ANEXO 4 - **Estatutos da Sociedade Recreativa Beneficente e Agrícola Tiradentes – Colônia Cachoeira – 1959**

906

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 12/4/59

Aos doze dias do mês de abril do ano de hum mil novecentos e cinqüenta e nove, realizou-se mais uma sessão ordinária dos sócios contribuintes da Sociedade " Boleslawa Hrebrego ", abaixo assinados, com a presença do sr. Hezyr Leal Hultmann, Dr, Ivo Valente Fortes e sr. Pedro Ignaczeski, tendo como Ordem do Dia a modificação dos Estatutos. Primeiramente, ficou decidido, após livre debate e votação, que a Sociedade terá o nome de " Sociedade Recreativa Beneficente e Agícola Tiradentes "; foi indicada uma comissão composta do sr. Prefeito Municipal, Dr. Ivo Valente Fortes e o atual presidente, para a elaboração de novos Estatutos, que atendam as finalidades já determinadas pelo seu novo nome ; ficou decidido também, que os Estatutos, após elaboração e revisão, serão considerados aprovados ; a primeira Diretoria será a atual : Presidente : Estanislau Skowronski ; Vice Presidente : Ladislau Araszwski ; Secretário : Francisco Teperowicz ; Orador : João Wenglarek ; e, Diretor de Patrimônio : Vicente Kosinski ; e, Tesoureiro : Afonso Teperowicz. E, nada mais havendo à tratar, foi encerrada a sessão, da qual eu, Francisco Teperowicz, secretário, lavrei a presente ata, que, após lida, discutida e aprovada, será assinada por todos os presentes.

Estanislau Skowronski
Francisco Teperowicz
Affonso Teperowicz
Ladislau Araszewski
Vicente Kosinski
João Wenglarek.

ANEXO 5 - **Estatutos da Sociedade Polonesa Estanislau Staszyc – Colônia Iguaçu – 1º de julho de 1935**

deverá prestar atenção para o seguinte:
a) Se todos os socios admitidos assinaram uma declaração, (pela qual o socio obriga-se a executar as resoluções dos Estatutos).
b) Se as ôtas das sessões estão em ordem.
c) Se todas as despezas e arrecadações combinam com as resoluções das sessões e se existem recibos para todas as despezas.
d) Se os balanços mensaes estão feitos.
e) Se conforme mostra o balanço ha dinheiro em caixa.
f) Se os bens moveis da Sociedade se acham todos em condições conforme consta no livro de moveis.
g) Se os livros da biblioteca correspondem aos catálogos.

Artigo 35º

Os membros da Diretoria, das comissões e das secções executam as suas funções gratuitamente, como obrigações honorarias.

Artigo 36º

Os candidatos para membros da Diretoria serão apresentados à Assembléa Geral por escrita, por grupos ao menos de cinco socios.

Artigo 37º

Na Assembléa eleitoral só podem ser eleitos os candidatos apresentados a Assembléa Geral.

Artigo 38º

Os bens da Sociedade são:
1º Immoveis cujos documentos possue o Presidente, 2º moveis que se acham no recinto da Sociedade e lançados no livro de moveis, 3º capitais constantes no livro Caixa que compõe-se de donativos, contribuições dos socios contribuintes e beneficientes e outros lucros.

Artigo 39º

Secções e comissões.

A secção de Agricultura tratará de melhorar e desenvolver o bem estar dos nossos polonos agricultores, de instruir em tudo que é concernente a esta profissão e ao engrandecimento da classe agricola social. A secção tem o seu programa e o seu regulamento.

Artigo 40º

Haverá tambem uma comissão permanente que organisará representações, festas

Artigo 41º

Disposições Gerais

Caso retire-se algum membro da Diretoria, esta será obrigada ordenar eleição para preencher o logar vago.

Artigo 42º

Reduzindo-se os socios ao numero de cinco, as funções da Sociedade serão suspensas até o augmento dos socios ser ao menos um só; durante este tempo a Sociedade ficará sob a tutoria da Diretoria sendo esta obrigada a angariar socios

Artigo 43º

Em caso previsto no Art. 42º a Diretoria poderá ser reduzida a tres membros

Artigo 44º

Restando somente tres socios, os bens da Sociedade passarão sob a tutoria de cinco pessôas incluindo os tres acima e mais dois delegados nomeados pelas Sociedades polonezas de Curitiba a pedido dos socios restantes, terão esses bens em deposito até restabelecer-se a Sociedade, sendo então entregues a Diretoria que fôr constituida legalmente nestes Estatutos. Os membros depositarios poderão por si ou a pedido de pessôas estranhas convocar uma reunião, designando o dia e declarando seus fins. A ata desta reunião bem formulada, deverá ser apresentada aos tutores e lançada no livro competente.

Artigo 45º

Se durante o prazo de cinco anos a Sociedade não se reorganizar o seu patrimonio será destinado a manutenção de uma escola agricola poloneza em São Matheus.

Artigo 46º

Na falta desta, e se durante tres anos não fôr fundada, os bens da Sociedade deverão ser capitalisados e os juros servirão para subvencionar um aluno ou aluna de origem polonesa, da Colonia Iguassú, municipio de São Matheus, que estiver estudando na escola agricola de São Matheus ou na falta desta em qualquer outra escola no paiz ou no estrangeiro, devendo o (a) pretendente demonstrar o conhecimento da lingua polonesa por escrita e oral, apresentando tambem a tutoria o atestado de bôa conducta.

S. Matheus, 1º de Julho de 1935.

Actual Directoria.

Wladyslau Kaminski
Presidente

Boleslau Kondrzewski
Secretario

João Polak
Tesoureiro

Apresentado hoje das 6 às 12 horas.
Protocollo A 16 fls. 2 n. 25
Registro n. 20 fls. 13v-16 Livro n. 1 A 2º
Sellado com — $ — (sello federal)
São Matheus, 4 de Outubro de 1935
O Official do Registro
João Casimiro Domanski

JOÃO CASIMIRO DOMANSKI
OFFICIAL DO REGISTRO
São Matheus-Paraná

ANEXO 6 - Trechos das atas da Sociedade Casimiro Pulaski dos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, vol. IX

Ano de 1896

Na primeira sessão foram estabelecidos os estatutos da Sociedade Casimiro Pulaski: foram anotados e aprovados. Na segunda, foram admitidos novos sócios, sendo eliminado um. Foi estabelecido o salário do professor: 80$000. (Nota do autor: esse salário não foi aumentado até 1933 — pelo contrário, era até diminuído).

1-3-1896

A Sociedade recebe solenemente o sr. Stencel, que voltava da Polônia. Trouxe um presente do dr. Hungar: dois livros — "Rozdziobia nas Kruki, Wrony" (Seremos despedaçados pelos corvos e pelas gralhas) e "Dzieje Narodu Polskiego" (História da Nação Polonesa), bem como o carimbo da Sociedade feito em Lvov.

Dificuldades financeiras, falta de entendimento mútuo. A diretoria procura educar seus sócios para não falarem em voz alta nas reuniões, não murmurarem, não fazerem confusão. Para os desobedientes foi estabelecida uma multa pecuniária.

1897

O dr. Klobukowski trouxe um professor — o sr. Skawinski, e pedia insistentemente que a Sociedade o contratasse como professor. Estimulava a fazer ofertas em prol do Tesouro Nacional (na Polônia).

Skawinski, por iniciativa própria, ofereceu-se para lecionar de graça no primeiro mês. Klobukowski dava a idéia de fundar nas colônias Círculos Agrícolas. Pelos seus intensos esforços pelo desenvolvimento da Sociedade recebeu ele o diploma de sócio honorário.

E Grabowski não foi aceito na Sociedade porque era "maçom". No baile, quando os rapazes queriam dançar, tinham que pagar aos músicos 2$000 por cada música.

Quando as mensalidades das crianças não cobriam o salário do professor, a Sociedade cobria a diferença com os seus recursos.

Hóspedes importantes eram saudados com o tríplice grito de: Viva. Assim foram saudados Stencel, Klobukowski e Skawinski.

Por falta de fundos, decidiu-se pagar o professor em três prestações mensais. Alguns sócios ajudavam por iniciativa própria: Roman Paul — 15$000, Stencel — 10$000.

A biblioteca possuía 876 livros, e na lista constavam 396.

Um jornal era lido por vários sócios — emprestando-se mutuamente.

Antônio Bodziak ofereceu uma mesa para a Sociedade.

Foi aprovado que o sr. A. Grabowski está proibido de entrar na Sociedade em quaisquer circunstâncias, por ter espalhado rumores de que a Sociedade seria vendida.

Antes de cada reunião eram lidos trechos literários. O fundo para auxílio devia ajudar aos atingidos por alguma desgraça. O Pe. Smolucha recebeu 10$000 por ter celebrado missas. Durante a reunião cada sócio deve portar-se respeitosamente: não fumar e não interromper o orador.

Lucro do carnaval — 38$000. Para os bailes na sociedade não era permitido convidar ninguém fora do círculo dos sócios da Sociedade. Foi decidido que nos domingos seriam executadas canções patrióticas. Foram excluídos da Sociedade: Osinski e Kowalski.

As canções devem começar depois do meio-dia, às duas horas. Foi organizado um balcão para venda de bebidas, porque durante as canções seriam necessários refrigerantes.

26 de dezembro: brincadeira com danças e "oplatek" (cerimonial natalino).

Foram emprestados instrumentos para o Figurski. Figurski deve consertá-los e tocar de graça nos bailes. Quando solicitado, deve entregá-los, e se estragar — paga 50$000. Foi aprovada a tradução do estatuto, para que o governo do Paraná pudesse aprová-lo.

Coleta para as crianças em Wrzesnia — Polônia — 6$000.

Em nome de Deus! Ano de 1900

Wisniewski cavou um poço por 40$000. Alexandre Nadolny fez a prestação de contas de 1899 e 1900. Receita — 345$000, despesa — 284$000. O professor Krzyzanowski recebeu 71$000 pelo mês de dezembro. Aqueles que não participavam das reuniões estavam sujeitos a uma multa. Até Roman Paul pagou uma multa de 5$000. (Nota do autor: na Sociedade manifestava-se cada vez mais a disciplina, como no quartel). O professor Krzyzanowski ficou doente e renunciou ao salário do mês de abril, para não sobrecarregar a Sociedade. Os presentes recolheram como ajuda para o professor a importância de 33$000.

10-6

Despertou indignação geral o fato de a colônia Iguaçu não ter convidado os habitantes de São Mateus para a solenidade de maio. Uma ofensa! Foi aprovado que "se pagasse com a mesma moeda", isto é, que a colônia Iguaçu não fosse convidada para a solenidade em São Mateus. Que fiquem sabendo da solenidade pelo jornal, da mesma forma que nós ficamos sabendo.

8-7

Os não sócios devem pagar pelo empréstimo de livros 2$000 por volume. Wiadrowski recebeu uma multa de um mil-réis. Visto que não foi estabelecido prazo, não pagou. O prazo será estabelecido na próxima reunião.

18-8

Foi aprovado chamar a atenção do professor para não castigar as crianças com demasiada severidade. Fica proibido soltar cavalos e vacas no terreno da escola. O professor será responsável por isso. Foi aprovada uma ajuda em prol da propriedade incendiada de Golebiowski.

2-9

Foi abolida a multa pela ausência nas reuniões, mas as reuniões trimestrais são obrigatórias. Em Cachoeira os livros não foram aceitos. Roman Paul complementa o salário do professor do seu bolso e entrega o jornal "Polak" (O Polonês) a serviço dos sócios, com assinatura para o ano todo.

7-10

Foi aprovado pedir ao padre vigário que de vez em quando estimulasse os pais a enviar os filhos para a escola.

O professor recebeu de salário tanto quanto foi recolhido das crianças. A Sociedade pagou mais 7$000, para atingir 60$000. (Nota do autor: Em vez de a Sociedade aumentar o salário do professor, diminui, porque de início, isto é, há quatro anos, foi aprovado o salário de 80$000 mensais). Para a solenidade de novembro deve haver na igreja um catafalco com gadanhas. As gadanhas foram fornecidas pelo sócio Golebiowski. Para fitas pretas foram gastos 7$300, para velas e colocação do catafalco — 6$000. Para vinho Vermuth foram gastos 6$000.

Em nome de Deus, ano de 1901

Nova diretoria. Vamos comemorar solenemente o Levante de Janeiro. Missa na igreja, com catafalco adornado com facas e facões. (Nota do autor: os facões são aqui o primeiro indício de assimilação). Todos se reúnem na Sociedade às 8 horas e dirigem-se à igreja juntamente com os estandartes. Na volta fazem a mesma coisa. Na Sociedade, saudações e conferências. Convidar todas as pessoas e o padre vigário. Todas as Sociedades devem ser convidadas por escrito para a solenidade de maio.

No terreno da escola Wisniewski colheu a erva e pagou por ela 25$000. Teve 15$000 de prejuízo, porque o preço baixou.

Wisniewski foi dispensado da dívida, porque a erva baixou de preço.

1905

O telhado da Sociedade está sendo coberto com tabuinhas. O forno na escola não tem chaminé. O professor fez fogo e incendiou-se o prédio da escola. Os vizinhos salvaram. O presidente Wisniewski prometeu fazer a chaminé de graça, mas desde que lhe seja fornecido o material.

A Sociedade C. Pulaski mantém correspondência com a Universidade Jagiello de Cracóvia, com o "Jornal Comercial e Geográfico", "Jornal de Lvov", "Jornal de Grudziadz", "O Trabalho", etc. Na América: "Concórdia", "Jornal Polonês", "O Polonês", etc.

Um desentendimento com Nadolny e Sawicki é decidido por um juzo amigável. O julgamento se inflamou. As pessoas começaram a sair. O próximo baile será apenas para sócios e convidados. Sawicki se demitiu.

4-2-1906

O senhor Golebiowski pede demissão, porque na ata não foi registrado o assunto que abordou na reunião anterior. O presidente procura apaziguar o ofendido, explica que ainda é possível registrar, basta que repita do que se trata. Golebiowski responde que já não se lembra do que falou.

— Por favor, não saia da Sociedade.

— Risque o meu nome! — gritou. Mande-me a conta, que vou pagar o que estou devendo — e Golebiowski saiu.

... O Pe. Smolucha foi aceito como sócio a 6-5-1906.

... Não é possível fazer bailes, porque não há lampião. O presidente aprovou a sugestão, então que compre o lampião, porque prometeu.

... Foi trazida uma orquestra de Rio Claro por 20$000.

... O Pe. Zdzieblo deixou de dar aulas de religião na escola da Sociedade. Pede-se que volte a lecionar. Começou-se a discutir se seria permitido às Irmãs religiosas fazer funcionar uma escola na Sociedade.

1908

O Dr. Simão Kossobudzki propõe que ao menos uma vez por semana seja aberta a biblioteca, que talvez alguém venha para ler um jornal, um livro, e que seja permitido a todos freqüentar a biblioteca.

O sr. Hetka responde que isso já havia sido adotado, mas apenas de vez em quando vinha alguém e desistiu-se... Mas pode-se tentar mais uma vez.

... O Dr. Kossobudzki pede que a Sociedade forneça material escolar, como mapas e globo terrestre. A Sociedade possui o material, mas está emprestado a uma outra escola. Quando for devolvido, a Sociedade o fornecerá. O doutor recomendava que se fizessem festas e comemorações que dessem lucro, p. ex. venda de prendas, bingo, teatro. A metade será destinada à escola e o resto à biblioteca. Foi decidido fazer uma festa assim em junho.

... O senhor presidente anunciou que, por iniciativa da esposa do médico, durante a comemoração de maio foram recolhidos para as necessidades da escola 43$000. O Pe. Smolucha contribuiu para esse objetivo com 50$000. Ladislau Troczynski com 5$000.

6-9-1908

O Dr. Kossobudzki anuncia que no dia 29-9 virá a São Mateus o vice-governador do Paraná. Seria bom se em nome de todos os poloneses fosse organizada uma recepção para ele. Foi escolhida para esse fim uma comissão especial.

20-12

Dr. Kossobudzki: temos necessidade absoluta de organizar comemorações e festas, mas não sempre as mesmas festividades tristes e mal organizadas, porque as pessoas já estão tão enjoadas disso que não têm vontade de participar. É preciso necessariamente mudar essas comemorações, p. ex. o jubileu de algum escritor como Maria Konopnicka etc. Organizar festas, mas com lucro, aí aumentarão os recursos e o número de sócios.

4-9-1909

Dr. Kossobudzki: se os bancos escolares foram emprestados à escola paroquial por seis meses, é preciso manter a palavra, não retomar antes do prazo.

Os estatutos da Sociedade são traduzidos por Dr. Kossobudzki, Stencel e Golebiowski.

5-9

Dr. Kossobudzki: A Sociedade deve ingressar na Sociedade Agrícola de Curitiba, para poder fazer uso das sementes.

Hetka: Escolher para a diretoria pessoas que queiram trabalhar e não mandar.

Surgiu o conjunto amador "Lira". Das senhoras entraram: Helena Samsonowski, H. Boryc, Antonina Glosik, a senhora Kujawski, Burdzinski e outras. Objetivo: manter a tradição das canções polonesas que já estão se apagando na boca do imigrante polonês.

O Pe. Smolucha pede a demissão.

Para não sujar a sala da escola, porque havia barro, a reunião foi realizada na casa do Dr. Kossobudzki. Kossobudzki fez uma palestra sobre como criar cavalos e gado de raça.

3-10-1909

O presidente está ausente. A reunião é grande. Há muitos sócios para serem admitidos, entre eles também o padre vigário. Não há quem abra a sessão. Mandaram chamar o presidente, para vir dar início à reunião. O presidente disse que não iria, porque não havia sobre o que discutir. Não voltou à reunião nem o vice-presidente. Os colonos escolheram o sr. Augustyniak para presidir. Admitiram todos os apresentados para sócios, juntamente com o padre vigário.

5-12

O Dr. Kossobudzki anulou a reunião, porque não obedeceu às formalidades. Teve início uma longa e áspera discussão. Veio um certo sócio que tinha sido expulso e tomou a palavra. O presidente pergunta o que ele deseja.

— Fui sócio e tenho direitos na Sociedade.

O presidente irritou-se e encerrou a sessão. (Nota do autor: Aqui podemos perceber claramente a luta com o clero levada a efeito pelo Dr. Kossobudzki e pelos seus seguidores).

Ano de 1910

Foram anuladas as duas últimas assembléias e os sócios se acalmaram... A Sociedade ainda não foi registrada. O tesoureiro não está pagando o professor, gabando-se por fora que encontrou uma profissão bastante rendosa... e está utilizando o dinheiro em benefício próprio. O senhor Gardolinski condenou o reacionário.

Pelo material escolar importado da Polônia pagou-se na alfândega a importância de 134$000.

Ano de 1914

Parar com os bailes. Na Europa há guerra, os nossos estão perecendo, e nós vamos dançar? Os bailes foram suspensos.

Atas avulsas da atividade do Junak n.º 11.

Os sócios do Junak introduzem o esporte, competições esportivas, teatro, coral, a revista "Eco", brincadeiras dançantes. — Luta-se contra o alcoolismo.

Faltam os livros de atas de 1914 a 1933.

Ano de 1933

Em páginas avulsas encontramos:

Num acidente de caminhão sofreram ferimentos as equipes 11 e 17 do Junak. A culpa foi do motorista Witkowski. Foi excluído do Junak.

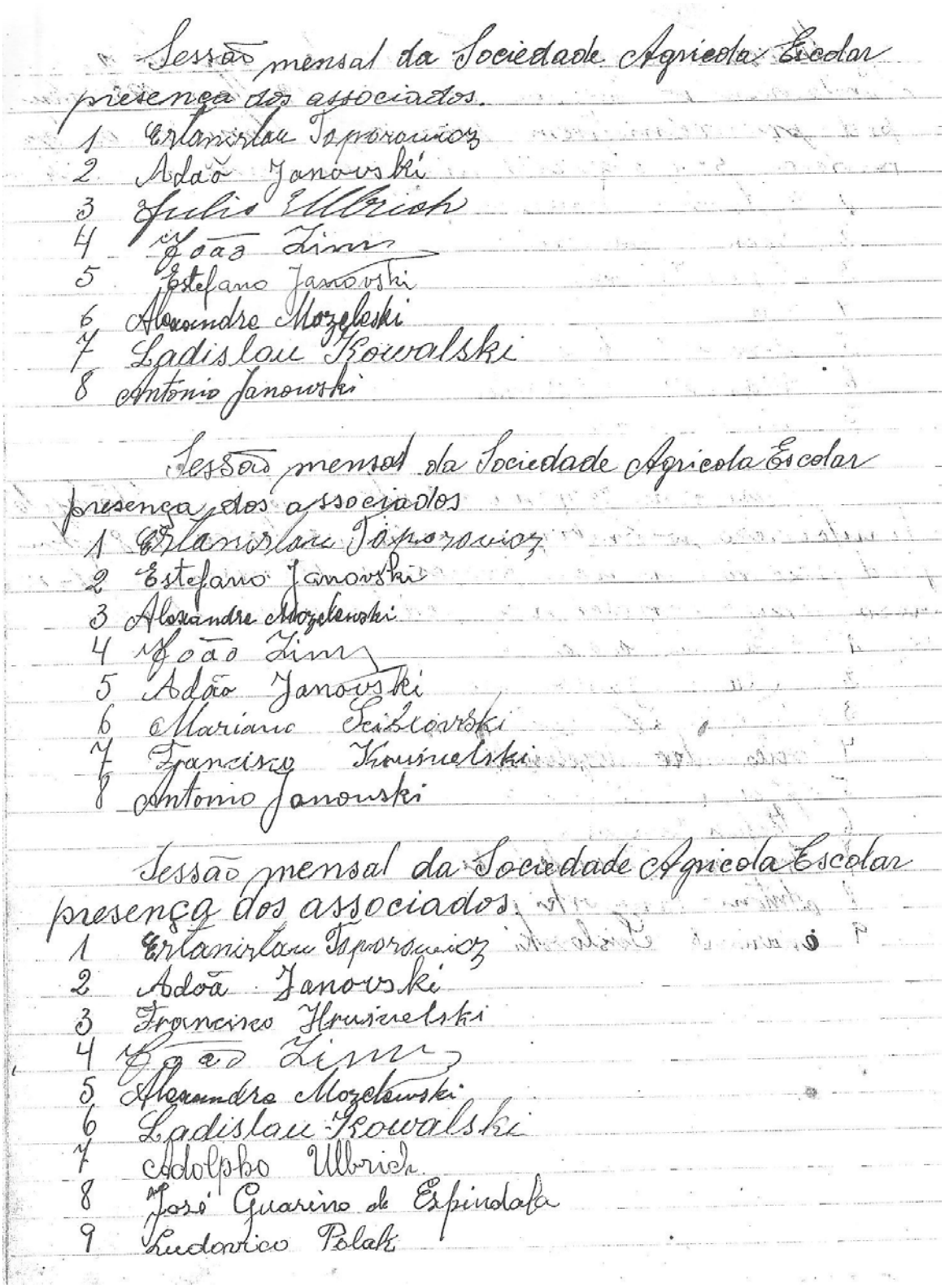
* * *

Depois de passar em revista esses relatórios, eu disse ao sr. Kaminski:

— Senhor Kaminski, chega dessas confusões na cidade, vamos visitar os colonos.

Entre Taquaral e Água Branca paramos diante de uma velha bodega fechada. O proprietário aparece descalço e sem pressa. Indiferente a todas as iniciativas, porque convenceu-se de que não melhorará a sua vida dando duro, e por isso, se for para ser breve, que seja, mas sem ter que suar. Desistiu de ficar rico e com calma pinta-nos o seguinte quadro: Antigamente era diferente. Susana Kasprzak andava a pé daqui até Curitiba para visitar sua irmã — Kasprzak Cytrynski. Foi a pé e voltou a pé. Na volta trouxe para si mesma um valioso presente — um lenço de seda. Seu neto, Luciano Kasprzak, foi convocado para o serviço militar, e depois que saiu do exército não voltou mais a São Mateus. Ficou na cidade, porque conhecia a profissão de alfaiate. Ingressou nas escolas e com grande esforço concluiu o curso de direito na Universidade do Paraná. Para ganhar com a agulha para a escola e o sustento, não era fácil, passava fome, ele mesmo lavava a roupa nos domingos e esperava que secasse... Mas concluiu a universidade. Quando voltou a São Mateus, foi de automóvel próprio, marca Renault. Viajou de Curitiba a São Mateus dois dias (hoje viaja-se uma hora e meia). É verdade que pela estrada encalhava nos buracos, consertava os pneus, apertava os parafusos, botava água no radiador, limpava as velas e o carburador, mas veio com pompa. Nessa ocasião a vovó Susana foi de automóvel com o neto até São Mateus. Na volta jurou que o tinha feito pela primeira e última vez, porque "isso corre com terrível velocidade..." (14 km/h).

ANEXO 7 - Mudança da grafia dos nomes do polonês para o português na ata da Sociedade Escolar e Agrícola do Emboque, em 1938, pelo advento da Nacionalização de Getúlio Vargas



Sessão mensal da Sociedade Agricola Escolar
presença dos associados.
1 Estanislau Taporowicz
2 Adão Janowski
3 Julio Ulbrich
4 João Lima
5 Estefano Janowski
6 Alexandre Mozeleski
7 Ladislau Kowalski
8 Antonio Janowski

Sessão mensal da Sociedade Agricola Escolar
presença dos associados
1 Estanislau Taporowicz
2 Estefano Janowski
3 Alexandre Mozeleski
4 João Lima
5 Adão Janowski
6 Mariano Ceiliowski
7 Francisco Krusielski
8 Antonio Janowski

Sessão mensal da Sociedade Agricola Escolar
presença dos associados.
1 Estanislau Taporowicz
2 Adoão Janowski
3 Francisco Krusielski
4 João Lima
5 Alexandre Mozeleski
6 Ladislau Kowalski
7 Adolpho Ulbrich
8 José Guarino de Espindola
9 Ludovico Polak

ANEXO 8 - Apresentação da pesquisa aos depoentes

APRESENTAÇÃO

Esta entrevista é parte de uma pesquisa de mestrado do Programa em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná e tem como objetivo verificar como era o ensino da matemática em São Mateus do Sul na época da colonização dos poloneses.

Pretende-se traçar um esboço da história de vida do entrevistado onde ele poderá contar livremente como foi o ensino da matemática na escola, os conteúdos que foram ensinados, professores, como era a escola, as dificuldades e os desafios enfrentados.

Após a realização da entrevista, o entrevistado receberá a textualização (versão escrita), momento este em que poderá solicitar a retirada de trechos, bem como efetuar modificações que considere necessárias. A partir da aprovação da textualização, será preciso que o entrevistado assine o termo de cessão de direitos dos documentos escritos para autorizar o entrevistador a utilizar o seu depoimento.

As gravações ficarão com o entrevistador e/ou de uma instituição ou universidade que se disponha a cumprir as exigências do entrevistado. Elas poderão servir de fonte histórica e de referência para futuros trabalhos de outros pesquisadores.

ANEXO 9 - **Fichas utilizadas nas entrevistas**

INFÂNCIA

FAMÍLIA

PROFISSÃO

CIDADE EM QUE CRESCEU

ESCOLA E ROTINA ESCOLAR

ENSINO DE MATEMÁTICA

PROFESSORES

AVALIAÇÃO

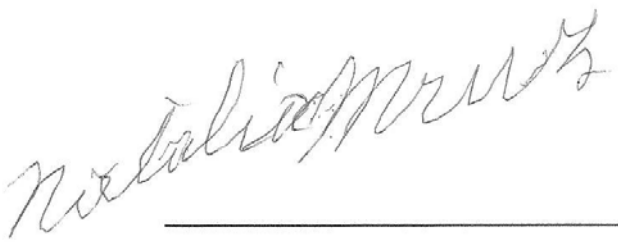
ANEXO 10 - Carta Cessão de Natália Mróz

CARTA DE CESSÃO

Eu, **Natalia Mróz**, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista - gravada em 05 de setembro de 2012 - transcrita e textualizada para que Rosane Sousa Staniszewski possa usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição, que tem sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

São Mateus do Sul, 10 de junho de 2013.



ANEXO 11 - Carta Cessão de Danuta Brongiel Janoski

CARTA DE CESSÃO

Eu, **Danuta Brongiel Janoski**, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista - gravada em 25 de setembro de 2012 - transcrita e textualizada para que Rosane Sousa Staniszewski possa usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição, que tem sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

São Mateus do Sul, 10 de junho de 2013.

Danuta B. Janoski

ANEXO 12 – Carta Cessão de Sophia Janoski Zimny

CARTA DE CESSÃO

Eu, **Maria Danuta Zimny Silva**, declaro para os devidos fins, que autorizo Rosane Sousa Staniszewski a utilizar a entrevista realizada com minha mãe, a senhora **Sophia Janoski Zimny**, gravada em 16 de novembro de 2012. Cedo os direitos da entrevista que foi transcrita e textualizada para que Rosane Sousa Staniszewski possa usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição, que tem sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

São Mateus do Sul, 10 de junho de 2013.

Maria Danuta Z. Silva

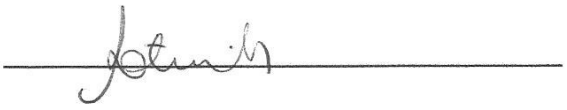
ANEXO 13 - Carta Cessão de Adelaide Leonarczyk Kotrich

CARTA DE CESSÃO

Eu, **Adelaide Leonarczyk Kotrich**, declaro para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista - gravada em 31 de novembro de 2012 - transcrita e textualizada para que Rosane Sousa Staniszewski possa usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição, que tem sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

São Mateus do Sul, 10 de junho de 2013.



ANEXO 14 - Texto enviado ao programa da Rádio Cultura Sul FM Tradycye Polskie

Rádio Cultura Sul FM.
A/C José Carlos Janowski

A Rosane Staniszewski está realizando uma pesquisa para a dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Paraná.

O trabalho é sobre O ensino da Matemática na época da colonização dos poloneses passando pelo período da Nacionalização quando Getúlio Vargas proibiu o funcionamento das escolas polonesas no final dos anos trinta.

Para desenvolver essa pesquisa ela precisa juntar documentos e está pedindo ajuda a todos os ouvintes, parentes e amigos dos ouvintes,

Então, quem tiver guardado e puder emprestar documentos dessa época das escolas das colônias ou da cidade como:

- livros de chamada
- atas, provas, sabatinas
- cadernos e livros de matemática
- lousa
- material sobre os professores
- jornais da época
- e fotos.

Quem tiver algum material favor ligar no telefone 3532-3137.

ANEXO 15 - Notícia do Jornal Aconteceu com o aniversário de 100 anos de Sophia Janoski Zimny.

jornal ACONTECEU

Um século de história

QUI, 12 DE ABRIL DE 2012 10:18

São-mateuense Sofia Janoski Zimny comemorará 100 anos de vida no próximo domingo

Aniversários são datas que sempre merecem muita comemoração. Agora, o centésimo aniversário de alguém é motivo para ainda mais alegria. Quem assopra cem velas no próximo domingo (15) é a são-mateuense Sofia Janoski Zimny. Filha de agricultores poloneses, Sofia nasceu na localidade da Roseira e tem uma memória surpreendente, além de saúde e bom humor.

Passando sua vida toda em São Mateus, Sofia tem muitas lembranças de sua juventude e do município na primeira metade do século passado. Na adolescência, saiu do interior para morar com os tios na cidade, e estudar no então Colégio de Freiras. “As ruas eram de terra, as casas muito espalhadas, o transporte era feito somente com animais e havia muitas vacas e cavalos soltos na rua”, lembra.

Sempre muito alegre e comunicativa, Sofia conta que era aos bailes são-mateuenses. “Nunca recusei um convite para bailar”, brinca. Além das festas, a são-mateuense gostava muito dos estudos, e é fluente no idioma polonês. Seu casamento — com João Zimny — aconteceu quando ela tinha 22 anos. “Ele era também agricultor, mas queria morar na cidade. Muito inteligente, abraçou o ofício de relojoeiro, mas consertava também muitas outras coisas”.

Entre os interesses que não se desfizeram com a idade, está a culinária e a religião. Muito devota de Santa Rita de Cássia, Sofia dirigiu diversos trabalhos na Igreja do Perpétuo Socorro e participou de corais.

No geral, não há aparente receita para chegar a essa idade. Sofia teve uma vida muito simples. Apesar de sua idade já debilitar muitos interesses, a são-mateuense ainda mantém o gosto pela leitura e pelas orações. Caminha com um pouco de dificuldade, mas se mostra sempre ativa e pronta para uma conversa.

Sofia tem uma filha, quatro netos, dois bisnetos e um tataraneto. A centenária comemoração acontecerá na casa da são-mateuense, reunindo família e amigos. Uma comemoração que ficará para a história da família Zimny.